



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

(RE)HABITAR MARVILA

Proposta de um edifício multifuncional na Rua José Domingos Barreiros

Mariana Gomes Marques
(Licenciada)

Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção de Grau de Mestre
em Arquitectura

Orientação Científica:
Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Presidente do Júri: Professor Doutor João Cottinelli Telmo Pardal Monteiro
Orientador: Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos
Vogal: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro 2017

(RE) HABITAR MARVILA

Proposta de um edifício multifuncional na Rua José Domingos Barreiros

Mariana Gomes Marques
(Licenciada)

Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção de Grau de Mestre
em Arquitectura

Orientação Científica:
Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Presidente do Júri: Professor Doutor João Cottinelli Telmo Parda Monteiro
Orientador: Professor Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos
Vogal: Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro 2017

RESUMO

Título
(Re)Habitat Marvila

Sub-Título
Proposta de um edifício
multifuncional na Rua José
Domingos Barreiros

Autora
Mariana Gomes Marques

Orientação Científica
Profesoor Doutor António Lobato dos
Santos

Mestrado Integrado em
Arquitectura

Lisboa
Janeiro 2018

A escolha de Marvila como território a intervir foi sucessiva a uma análise realizada em grupo, no contexto da cadeira de Laboratório de Projecto VI, no ano lectivo 2015/16. A proposta de uma estratégia urbana como unificadora de pontos fundamentais na zona do Poço do Bispo tem como principal objetivo a revitalização do lugar. No sentido de contribuir para esta acção, a parcela onde se intervém pretende devolver fluxo permanente a Marvila. A opção por este local em específico deveu-se ao facto de ser um local desconectado do resto do tecido urbano, como um interstício dentro de uma zona de bairro. Sendo um sítio chave e detentor de cotas desiguais, despertou particular interesse.

Como terreno expectante, a lidar com uma topografia bastante marcante, incluindo o toque com um geomonumento e uma exposição solar directa (orientação Norte/Sul), procurou-se abordá-lo através de uma solução que tira proveito destes factores e os potencia, de forma a trabalharem em conjunto numa só solução, articulando cotas e vistas. Assim, adoptou-se a definição de um programa multifuncional, com maior enfoque na habitação, em linha com as intenções da estratégia geral regenerativa.

Utilizou-se a “porosidade” como tema que se manifesta nas diferentes escalas do projecto, desde os atravessamentos públicos, passando pelo sistema distributivo horizontal e verticalmente, até à relação interior/exterior do edifício.

Palavras-chave: porosidade, percursos, multifuncionalidade, habitação, Marvila

ABSTRACT

Title
(Re)Dwelling Marvila

Subtitle
Proposal of a multifunctional building
in Rua José Domingos Barreiros

Author
Mariana Gomes Marques

Advisor
Professor Doutor António Lobato dos
Santos

Integrated Master in Architecture

Lisbon
January 2018

The choice of Marvila as the study territory was based on a group analysis, in the context of the assignment of Project Laboratory VI. The proposal consists on an urban strategy that connects the fundamental points of Poço do Bispo and contributes for the revitalization of this place. To do this, the portion where it is intervened intends to give Marvila back a permanent flow. The option for this site was due to the fact that it is a disconnected site from the rest of the city, and an interstice within a neighbourhood zone. With different elevations and numerous challenges, this site aroused interest and was seen as a key to start.

As an expectant field, dealing with a very striking topography, including the proximity with a geo monument, and a direct sun exposure (North / South orientation), we tried to approach it through a solution that takes advantage and gives potential to these factors, to work together in a single solution, articulating dimensions and views. Thus, the definition of a multifunctional program with a greater focus on housing was adopted, in line with the intentions of the general regenerative strategy.

"Porosity" was used as a theme that manifests itself in the different scales of the project, from the public crossing, through the distributive system horizontally and vertically, to the interior / exterior relation of the building.

Keywords: porosity, pathways, multifunctionality, housing, Marvila

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu agradecimento a todos os que, de diferentes maneiras, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Professor António Lobato Santos, pela vasta transmissão de conhecimentos, pelo interesse e disponibilidade demonstrados e pela constante motivação ao longo de todo este processo.

Ao Professor Carlos Lameiro, pelo incentivo no início deste percurso e pelo constante acompanhamento e preocupação.

Ao Professor Hugo Farias, que, sendo apenas meu professor no 1º ano do curso, sempre se mostrou disponível.

Aos meus amigos, aos de longa data e aos mais recentes, pelo apoio, pela amizade e pelas palavras de conforto que nunca faltaram nos momentos de cansaço.

À minha família, sobretudo à Tia Cristina, que sempre me transmitiu o gosto por este curso e me incentivou a todas as horas.

Aos meus pais, por serem incansáveis em tudo na minha vida, em especial neste Projecto Final de Mestrado, e por me incentivarem a dar o melhor de mim em tudo.

A Ti.

A todos, o meu obrigada.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
II. O TERRITÓRIO	7
Marvila: breve enquadramento histórico	9
Poço do Bispo: bases para uma estratégia urbana	12
O local de intervenção	16
III. O PROGRAMA	21
“Porosidade” como tema	23
Usos e funções	26
Estrutura como regra	29
Sistema distributivo	31
Pátios e Saguões	31
Galerias	33
Núcleos	34
Montagem tipológica	36
IV. A AMBIÊNCIA	39
Habitar	43
Trabalhar	48
Visitar	51

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
-------------------------	----

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
--------------------------------	----

ANEXOS

Processo de trabalho

Peças Finais

ÍNDICE DE FIGURAS

1.1 Vista aérea da zona do Poço do Bispo, Marvila (1950)	10
Fonte: http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF	
1.2 Vista aérea da Fábrica do Braço de Prata, Marvila (1908)	10
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=marvila&updated-max=2012-02-17T09:35:00Z&max-results=20&start=10&by-date=false	
1.3 Casa José Domingos Barreiros	12
Fotografia da autora, 2016	
1.4 Armazéns Abel Pereira da Fonseca	12
Fotografia da autora, 2016	
1.5 Vila Pereira	12
Fotografia da autora, 2016	
1.6 Palácio da Mitra	12
Fotografia da autora, 2016	
1.7 Edifício Soponata	12
Fotografia da autora, 2016	
1.8 Proposta de articulação entre elementos dispersos no Poço do Bispo	14
Desenho elaborado em contexto de grupo no ano lectivo 2015/2016	
1.9 Lote a intervir – fachada para a Rua do Açúcar	15
Fotografia da autora, 2017	
1.10 Lote enquadrado pela Rua Amigos de Lisboa	15
Fotografia da autora, 2017	
	IX

1.11 Lote enquadrado pela Rua José Domingos Barreiros	15
Fotografia da autora, 2017	
1.12 Vista aérea de Marvila com o lote a intervir destacado	15
Fonte: Google Earth, tratada pela autora	
1.13 Rua José Domingos Barreiros	16
Fotografia da autora, 2017	
1.14 Rua José Domingos Barreiros	16
Fotografia da autora, 2017	
1.15 Rua Amigos de Lisboa	16
Fotografia da autora, 2017	
1.16 Perfil esquemático da Rua Amigos de Lisboa (pendente actual e pendente proposta)	16
Desenho elaborado pela autora	
1.17 Geomonumento visto da cota inferior	17
Fotografia da autora, 2017	
1.18 Geomonumento visto da cota superior	17
Fotografia da autora, 2017	
1.19 Corte explicativo do atravessamento público, no enfiamento da Rua Afonso Annes Penedo Proposta	18
Desenho elaborado pela autora	
1.20 Passagem da Rua do Carmo ao Pátio B, Chiado, Álvaro Siza (2011)	19
Fonte: <i>Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso</i> , Tese de Mestrado de Rui Figueiredo, Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Setembro de 2008	

1.21 Início da escada pública existente que faz ligação entre as duas cotas	19
Fotografia da autora, 2017	
1.22 Planta esquemática de atravessamentos Proposta	19
Desenho elaborado pela autora	
1.23 Escada pública que faz ligação entre as duas cotas	20
Fotografia da autora, 2017	
2.1 Esquema “porosidade” Steven Holl (2000)	23
Fonte: Holl, Steven (2000), <i>Parallax</i> , Basel: Birkhauser	
2.2 Porosidade nas várias escalas do edifício Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)	24
Fonte: http://www.galinsky.com/buildings/simmons/	
2.3 Porosidade nas várias escalas do edifício Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)	24
Fonte: https://www.archdaily.com/65172/simmons-hall-at-mit-steven-holl	
2.4 Porosidade nas várias escalas do edifício Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)	24
Fonte: http://www.galinsky.com/buildings/simmons/	
2.5 Estudo da iluminação e ventilação Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)	25
Fonte: https://www.archdaily.com/65172/simmons-hall-at-mit-steven-holl	
2.6 Porosidade às várias escalas do volume do edifício Proposta	25
Modelo elaborado pela autora	
2.7 Corte Longitudinal - Distribuição programática do edifício Proposta	26
Esquício da autora	

2.8 Articulação do programa do edifício Proposta	27
Modelo elaborado pela autora	
2.9 Distribuição programática do edifício	28
Esquema elaborado pela autora	
2.10 Estrutura como ordem do espaço do edifício Proposta	29
Modelo elaborado pela autora	
2.11 Estrutura como ordem do espaço do edifício Proposta	29
Modelo elaborado pela autora	
2.12 Maquete, montagem do edifício Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)	30
Fonte: https://soliloquioincompagnia.wordpress.com/category/architettura/labirinti/page/2/4	
2.13 La casa dispersa Monteys (2001)	30
Fonte: Monteys, Xavier; Fuertes, Pere (2001), <i>Casa Collage</i> , Barcelona: Editora Gustavo Gili	
2.14 Edifícios de Habitação, Marina de Lagos, Gonçalo Byrne (1992)	32
Fonte: <i>O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear</i> , Tese de Douramento de Nuno Miguel Arenga Reis, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Julho de 2009	
2.15 Edifícios de Habitação, Marina de Lagos, Gonçalo Byrne (1992)	32
Fonte: <i>O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear</i> , Tese de Douramento de Nuno Miguel Arenga Reis, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Julho de 2009	
2.16 Edifícios de Habitação, Marina de Lagos, Gonçalo Byrne (1992)	32
Fonte: <i>O saguão na habitação urbana – O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear</i> , Tese de Douramento de Nuno Miguel Arenga Reis, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Julho de 2009	
2.17 Sistema distributivo e vazios do edifício Proposta	35
Esquema elaborado pela autora	

2.18 Montagem tipológica de um dos “módulos” Proposta	37
Esquema elaborado pela autora	
2.19 Síntese das tipologias habitacionais existentes no edifício	38
Quadro elaborado pela autora	
3.1 Cranbrook Institute of Science, Michigan, Steven Holl (1998)	41
Fonte: http://worldarchitectur.blogfa.com/post-471.aspx	
3.2 Caja Granada, Granada, Alberto Campo Baeza (2001)	41
Fonte: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-55163/clasicos-de-arquitectura-caja-granada-impluvium-de-luz-alberto-campo-baeza	
3.3 Capela Bruder Klaus, Mechernich. Peter Zumthor	42
Fonte: https://archiscapes.files.wordpress.com/2014/10/zumthor-field-chapel-drawings-sketch-section.jpg?w=524	
3.4 Percepção da fachada do edifício a partir da Rua José Domingos Barreiros Proposta	43
Desenho da autora	
3.5 Diversidade e unidade dos vãos; grande escala L'illa diagonal, Barcelona, Rafael Moneo (1993)	44
Fonte: http://www.grcstudio.es/portfolio/p-l-o-t-_03-illa-diagonal/	
3.6 Cor e profundidade dos vãos; leitura tangencial da fachada Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)	44
Fonte: https://divisare.com/projects/198381-le-corbusier-cemal-emden-unite-d-habitation-marseille	
3.7 Zona de entrada abrigada Proposta	45
Desenho da autora	
3.8 Vazio vertical sobre zona de entrada, comunicação com os pisos superiores Proposta	45
Desenho da autora	

3.9 Residências Seto, Fukuyama, Mount Fuji Architects (2013) 45

Fonte: <https://www.archdaily.com/563480/seto-mount-fuji-architects-studio>

3.10 Profundidade dos vãos | Capela Notre-Dame du Haut, Ronchamp, Le Corbusier (1955) 46

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/467318898826550352/>

3.11 Projecção de elementos verticais na galeria | Proposta 46

Desenho da autora

3.12 Corredor iluminado por luz da cozinha | Habitações no Bom Sucesso, Óbidos, Inês Lobo (2013) 46

Fonte: <https://www.archdaily.com/456980/row-houses-in-bom-sucesso-ines-lobo-arquitectos>

3.13 Saguão interior revestido a azulejos em tons de azul | Casa Batlló, Barcelona, Antoni Gaudí (1906) 47

Fotografia da autora, 2017

3.14 Quartos longitudinais com possibilidade de encerrar | Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952) 47

Fonte: <http://petitcabannon.blogspot.pt/2012/12/childrens-bedroom-plan-and-section-of.html>

3.15 Flexibilidade dos quartos longitudinais | Proposta 47

Desenho da autora

3.16 | Percepção do edifício a partir da Rua Amigos de Lisboa | Proposta 48

Modelo elaborado pela autora

3.17 Alçado da Rua Amigos de Lisboa | Proposta 48

Desenho da autora

3.18 Relação interior/exterior, através de pátios | Edifício Prazeres, Lisboa, Aurora Architectos (2016) 48

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/806037/edificio-prazeres-aurora-arquitecto>

3.19 Iluminação de um saguão vertical 49

Fonte: <https://www.ignant.com/2016/01/14/serge-najjar-captures-the-architecture-of-light/>

3.20 Projecção da luz do saguão (Piso térreo) 49

Desenho da autora

3.21 Corredor iluminado por pátios e saguões (Piso 1) 49

Desenho da autora

3.22 Atmosfera dos pátios

Casa Ri, Brissago, Wespi de Meuron Romeo 50

Fonte: <https://www.pinterest.cl/pin/519602875739455544/>

3.23 Atmosfera dos pátios

Casa Ri, Brissago, Wespi de Meuron Romeo 50

Fonte: <https://www.pinterest.cl/pin/519602875739455544/>

3.24 Toque com o céu, sem percepção da rua, através dos pátios 50

Fonte: <https://divisare.com/projects/302229-materia-jaime-navarro-the-duration-chamber>

3.25 Escadaria pública num atravessamento coberto

Edifício de acolhimento Baixa-Castelo, Lisboa, João Pedro Falcão de Campos 51

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/761337/percurso-pedonal-assistido-da-baixa-ao-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos>

3.26 Vista (coberta) sobre o exterior do atravessamento público 51

Desenho da autora

3.27 Atmosfera criada pelo saguão num espaço interior

Galeria-estúdio, Bangucoque, ASWA 51

Fonte: <http://iomablog.com/interiors/14-interiors/229-solid-concrete-studio-and-gallery-by-aswa,-bangkok,-thailand.html>

3.28 Galeria expositiva em naves Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa	52
Fotografia da autora, 2017	
3.29 Percepção das naves museológicas Proposta	52
Desenho da autora	
3.30 Relação visual com a topografia exterior de excepção Igreja de Santo António, Portalegre, João Carrilho da Graça	52
Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos	
3.31 Vista sobre o geomonumento, do patamar da escada exterior	53
Fotografia da autora, 2017	
3.32 Cobertura como local de estadia Proposta	53
Modelo elaborado pela autora	
3.33 Cobertura como local de estadia Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier	53
Fonte: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5234&sysLanguage=en-en&itemPos=58&itemCount=78&sysParentId=64&sysParentName=home	

“A percepção do todo não é desviada por pormenores secundários. Cada contacto, cada ligação, cada união está lá, para servir a ideia de um todo e para reforçar a presença serena da obra.”¹

¹ ZUMTHOR, Peter (2006) *Pensar a arquitectura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 15.

I. INTRODUÇÃO

(Re)Habitat Marvila é o título do presente Projecto Final de Mestrado, que surgiu da cadeira de Laboratório de Projecto VI do ano lectivo 2015/16. Após uma análise realizada em grupo, a área de Marvila foi entendida como local em estado de espera de intervenção e sítio de oportunidade na cidade. Entendeu-se que seria fundamental devolver-lhe relevo, sobretudo na zona ribeirinha, de maneira a potenciar as realidades que a distinguem e influenciam. Da análise e proposta urbana realizadas, foram identificados potenciais locais de intervenção, um dos quais foi tomado como base para o actual trabalho. A parcela escolhida, na zona do Poço do Bispo, caracteriza-se pela relação visual com o Tejo, pela situação de transição entre cotas e pela diversidade da sua envolvente.

Inicialmente, foram definidos alguns temas conceptuais e estratégias para abordar a zona de intervenção e respectivos condicionantes. Neste sentido, o principal propósito deste trabalho consiste em propor um só edifício que seja capaz de contribuir para a consolidação de Marvila como zona expectante, permitindo explorar as tais intenções conceptuais. Entende-se que a resposta passa por oferecer aos habitantes de Marvila um programa que se considere adequado ao contexto e às necessidades locais. Assim, o edifício comportará funções renovadas, introduzindo outras que as complementem. Passará não apenas por propor espaços para as pessoas viverem, mas por uma reflexão desses espaços à escala humana. *“Servir o real será servir os homens e os lugares; ou, de outra forma, será garantir a permanência dos lugares através de nós, homens de hoje. De sempre.”*²

Quanto aos objectivos do presente trabalho, são propostos acessos e ligações entre a cota inferior – Rua José Domingos Barreiros – e a cota superior – Rua Amigos de Lisboa, bem como a reordenação da topografia da

² FIGUEIREDO, Vítor, ARENGA, Nuno (2012), *Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso*, Porto: Circo de Ideias, p. 9.

mesma. Pretende criar-se uma maior comunicação entre o edifício e o terreno e o geomonumento que lhe tocam.

A proposta procura criar percursos dentro do edifício e que estes articulem o seu interior com o exterior. Propõe-se a possibilidade de uma proximidade entre casa e trabalho e procura oferecer-se variedade no que diz respeito às maneiras de habitar e ao número de pessoas a habitar numa casa. Enquanto “tema”, pretende explorar o conceito de “porosidade” às várias escalas abordadas, urbana, no edifício e no fogo.

“A IDEIA, o porquê, será tanto mais precisa quanto melhor responda a estas questões: onde, para quê e como.”³

Importa esclarecer que este documento escrito corresponde a um relatório de projecto, visando explicitar o mesmo, os temas nele abordados e a maneira como foram abordados.

Este trabalho estrutura-se então em três capítulos, complementados por Introdução e Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos; a descrição da proposta é feita ao longo dos três capítulos e não apenas num.

O Capítulo I, *O Território*, começa por realizar um breve enquadramento histórico e contextual de Marvila, seguido de um reconhecimento da sua situação actual. Apresenta-se uma análise da zona do Poço do Bispo, que dá origem a uma estratégia urbana. Finalmente, enquadra-se o lote de intervenção e são explicadas as intenções gerais para o mesmo.

No Capítulo II, *O Programa*, começa-se por enquadrar a “porosidade” como conceito a ser explorado ao longo de todo o edifício. De seguida, explica-se a definição do programa a concretizar e os seus princípios de distribuição, incluindo os factores contributivos para a mesma. Enquadram-se temas chave do projecto, tais como a estrutura e a partição do edifício como estratégia. Descreve-se o sistema distributivo, os núcleos e as galerias e os vazios

³ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *A ideia construída*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 37.

existentes (pátios e saguões). Por fim, faz-se uma explicação da lógica utilizada para a montagem tipológica, mencionando os tipos de fogos propostos e a maneira como estes se agrupam em “módulos” (unidade entre a escala do “edifício” e a do “fogo”).

No Capítulo III, *A Ambiência*, é feita uma descrição sobretudo qualitativa da proposta. Esta narrativa é realizada a partir de três perspectivas e utilizações distintas: habitar, trabalhar ou visitar o edifício. Pretende-se abordar a matéria, a luz e o espaço em momentos específicos do projecto.

Ao longo do documento, a descrição do projecto é acompanhada pela enumeração de referências que o suportam. Destas, merecem ser destacadas: a Unidade de Habitação em Marselha (Le Corbusier, 1952) pela estratégia de “montagem” da proposta; e a lógica conceptual de Steven Holl, com enfoque no edifício “Simmons Hall” no MIT (2002), no que diz respeito à “porosidade” a todos os níveis do construído.

*“Como toda a obra esta também tem referências próprias e especiais. Por essas referências ela se explica e por isso, de preferência a uma descrição exaustiva e incaracterística dos seus elementos proponho tentar situá-la dentro delas.”*⁴

⁴ FIGUEIREDO, Vítor, ARENGA, Nuno (2012), *Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso*, Porto: Circo de Ideias, p. 9.

II. O TERRITÓRIO

“CONTEXTO

que é relativo ao lugar, à Geografia, à História.

Ao onde (...).”⁵

⁵ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), A ideia construída, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 37.

No capítulo *O Território* é apresentado o lugar, *onde* se irá intervir, o *que* é este território e os factores *com que* lida. Consequentemente, apresentam-se já o aspectos da proposta que lidam com os aspectos territoriais.

MARVILA: BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

*“Marvila apresenta-se ao breve olhar como um território inóspito, desconexo, descontínuo. Ao olhar semicerrado, revela-se fluida, cheia de altos e baixos, de coloridos e contrastes. (...) Marvila é um desses lugares que carregam o peso de serem periferia dentro de cidade (...)”*⁶

A zona de Marvila é conhecida por ser parte da zona ribeirinha oriental em que, durante décadas, se concentrou a actividade fabril e portuária. Detentora de uma localização privilegiada no que diz respeito à proximidade com a frente ribeirinha, localiza-se entre o centro histórico da cidade – Baixa – e o centro moderno da cidade – Expo/Parque das Nações – com rápido acesso à Lisboa dos anos 50/60, como os bairros de Alvalade e Areeiro. Considerado *“(...) um espaço que, não estando totalmente enquadrado na cidade, acabou por lhe pertencer de forma integral”*⁷, é um território marcado por contrastes e pela sua constante e marcante evolução.⁸

Marvila teve origens essencialmente rurais, onde predominavam palácios, quintas e hortas, sendo ainda hoje aparentes os vestígios dessa actividade hortícola. Após o terramoto de 1755, os terrenos das quintas acabaram por ficar totalmente abandonados. Com a inauguração da linha férrea e a modernização do porto de Lisboa (Poço do Bispo), a partir da segunda metade do séc. XIX, as terras deixadas ao abandono foram

⁶ CAEIRO, Mário Jorge (2011) *Lisboa Cidade do Nada: Marvila*, Lisboa: Extra Muros.

⁷ <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/toponimia>

⁸ Ver Anexos | Processo de trabalho | Painéis Análise de grupo MIARQ 5C.

reaproveitadas para instalar as primeiras fábricas da cidade, seguindo lógicas ligadas às acessibilidades. Da Rua do Açúcar até ao Braço de Prata, foram-se estabelecendo instituições como a Fábrica da Borracha Luso Belga, a Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata ou os armazéns Abel Pereira da Fonseca.

“(…) um viajante que chegasse a Lisboa de comboio deparava-se à entrada da cidade com uma paisagem facilmente reconhecível: fábricas e armazéns, maquinaria e matérias-primas, pessoas e mercadorias em circulação. Este percurso que se realizava por entre um ‘mar de chaminés e de gente’.”⁹ A zona de Poço do Bispo afirmou-se como importante centro de carácter fabril, houve uma forte concentração da classe trabalhadora e de habitações para a mesma (vilas operárias). A linha do caminho-de-ferro não só estimulou este processo de industrialização, como também contribuiu para uma significativa alteração da paisagem da Lisboa Oriental, servindo “(…) como uma cunha de ligação da cidade, entre o todo e as diversas partes, o centro com a periferia, ajudando à circulação de mercadorias e população trabalhadora”.¹⁰

Ainda na sequência do plano de reconstrução pós-terramoto (conforme a Carta Topográfica de 1871) e através da construção do Porto de Lisboa, vieram instalar-se novas medidas na modernização das margens do Tejo, quer através dos aterros da linha de caminho-de-ferro, quer da melhoria de apoio às actividades portuárias. Esta requalificação da frente-rio veio expor uma necessidade de acessibilidades próprias, armazéns, mais população, novos postos de emprego, transitários. *“O Porto de Lisboa afirma-se como o construtor do novo conceito de Lisboa ribeirinha, fazendo criar e crescer outras*



1.1 Vista aérea da zona do Poço do Bispo, Marvila (1950)



1.2 Vista aérea da Fábrica do Braço de Prata, Marvila (1908)

⁹ <https://sociologico.revues.org/382>

¹⁰ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge (1999) *Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial*, Lisboa: Livros Horizonte.

*realidades que contribuíam para o crescimento do volume de negócios e mercadorias”*¹¹

Este processo foi algo constante e crescente até à década de 70 do séc. XX, altura em que muitas das indústrias começaram a dar mostras de envelhecimento e a procurar nova localização devido à crise económica. Muitas acabaram por soçobrar perante o impacto económico e social do 25 de Abril¹², dando início a um processo de *desindustrialização*. Este não foi acompanhado de quaisquer medidas de conservação, reconversão ou recuperação do património construído. De todo este fenómeno resultou uma evidente separação entre passado e presente.

Todo este procedimento de ruína e abandono transformou profundamente esta parte oriental de Lisboa e a organização do território, o que “(...) *terá como consequência imediata o fim da vivência industrial dos últimos dois séculos, daquela que era uma das zonas mais industrializadas de Lisboa.*”¹³

À data deste relatório, Marvila oferece uma imagem urbana maioritariamente industrial e algo desconectada. Os numerosos vazios levam a uma falta de coesão urbana quer dentro de Marvila, quer em relação ao resto da cidade, apresentando “(...) *um incerto fado urbano.*”¹⁴

¹¹ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge (1999) *Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial*, Lisboa: Livros Horizonte.

¹² Revolução de 25 de Abril de 1974.

¹³ FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge (1999) *Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial*, Lisboa: Livros Horizonte.

¹⁴ <https://sociologico.revues.org/382>

POÇO DO BISPO: BASES PARA UMA ESTRATÉGIA URBANA

A proposta de intervenção que se descreve surgiu no contexto da cadeira de Laboratório de Projecto VI no 1º semestre do 5º ano do ano lectivo de 2015/16. Marvila foi o território proposto, tendo como premissa o tema da “Cidade como Antropo-urbis”. A primeira etapa consistiu numa fase colectiva, na qual foi atribuída uma mancha do tecido urbano de Marvila a cada grupo, com o objectivo de realizar uma análise extensiva e de modo a tornar-nos mais familiares com a cidade e com esta área. *“Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas.”*¹⁵

A zona alvo de maior investigação foi a zona do Poço do Bispo tendo sido estudada a sua estrutura urbana¹⁶, através de um levantamento da sua ocupação, estrutura verde e acidentes/obstáculos no território, ‘estilos’ arquitectónicos e materiais do edificado e edificados excepcionais, dos quais se destacaram, nesta área em questão, o Edifício fabril da Saponata, a antiga Fábrica da Borracha Luso Belga, o Palácio da Mitra, a Vila Pereira, os Armazéns Abel Pereira da Fonseca e a Casa José Domingos Barreiros.

Após uma síntese e entendimento da sua evolução histórica¹⁷, concluiu-se que *“(…) a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo.”*¹⁸ Finalmente, foram detectadas situações e elementos presentes nesta área, distinguindo-os entre “intervenção urgente” e “relevância e potencial”, seguida de uma síntese conceptual de carácter urbano¹⁹. Percebeu-se que a zona do Poço do Bispo, e Marvila, *“(…) contempla o*



1.3 Casa José Domingos Barreiros

1.4 Armazéns Abel Pereira da Fonseca

1.5 Vila Pereira

1.6 Palácio da Mitra

1.7 Edifício Saponata

¹⁵ LYNCH, Kevin (1960) *Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70, p. 11.

¹⁶ Ver Anexos | Processo de trabalho | Painéis Análise de grupo MIARQ 5C.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

*cruzamento no tempo, no espaço e no modo, de maneiras de ocupação do território e dos seus usos de uma forma muito diversa.”*²⁰

Perante uma multiplicidade de realidades, quer ao nível do programa, quer ao nível formal, quer ainda ao nível da época em que se enquadram, assumiu-se como objectivo o ‘coser’ o tecido urbano do Poço do Bispo. O seu carácter, inicialmente industrial e portuário, tinha provocado diversos pontos de quebra e barreiras no território. Era possível de observar fracções de cidade dentro da cidade, o que levou ao entendimento de que estas “(...) são áreas preciosas pela sua implícita oportunidade de nelas serem resolvidos problemas da cidade actual, de grande ou pequena escala. Estas barreiras podem em vez de separar, conectar diferentes lugares da cidade, reavendo a continuidade.”²¹

Assim, esta proposta urbana conjunta consistiu no reforçar da Rua do Açúcar como via principal do Poço do Bispo, constatando a sua importância, quer a nível urbano, quer a nível da própria vivência dos utentes, já que alberga todo o tipo de tipologias e usos, sendo suporte de grande parte da circulação e movimento existentes. Uma rua em que “A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado”²². Seria, então, o elemento de articulação de toda a estratégia, conectando vários pontos identificados como notáveis, ao longo da sua extensão. A ideia de um eixo unificador de vários pontos/edificados pretendeu tirar proveito dos vazios existentes, ao intervir nos mesmos e reconectá-los com as partes activas em funcionamento.

²⁰ LAMEIRO, Carlos (2015) “Documento 1. Programa Turma C” em documento no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI, Lisboa: Faculdade de Arquitectura, UL.

²¹ VALENTE, Ana Rita (Abril, 2016), [Re]Habitar para [Re]Vitalizar: Edifícios Multifuncionais como catalisadores de cidade em Braço de Prata, Lisboa: Faculdade de Arquitectura, UL, Tese de Mestrado, p. 38.

²² LYNCH, Kevin (1960) *Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70, p. 11.



1.8 Proposta de articulação entre elementos dispersos no Poço do Bispo

A intenção não seria a de reinventar Marvila, mas de voltar a integrá-la na cidade, tornando-a mais apelativa não só como local de passagem, mas também como local de estadia e permanência, de residência, trabalho e lazer. Ter presente que é parte da cidade, incentivando a que as pessoas permaneçam e realizem as suas actividades do dia-a-dia na mesma zona.

*“Não se trata apenas de um somatório de espaços residuais à espera de serem preenchidos por coisas, mas, se tanto, por significados.”*²³; estes seriam uma oportunidade de reaver continuidade no tecido urbano, contribuir para a coesão a nível da cidade e da fluência dos utentes no Poço do Bispo.

*“(…) o território é a própria realidade que me proponho compreender, analisar e construir com a arquitectura”*²⁴. A análise e o desenho conceptual conjuntos conduziram à escolha do local de intervenção dentro da área em estudo. Neste caso, o local escolhido foi o lote enquadrado pela Rua José Domingos Barreiros e pela Rua Amigos de Lisboa, para além da Rua do Açúcar e pela linha do caminho-de-ferro. A escolha de desenvolver o projecto final nesta área deveu-se às suas características no que respeita à localização e, sobretudo, à sua topografia.

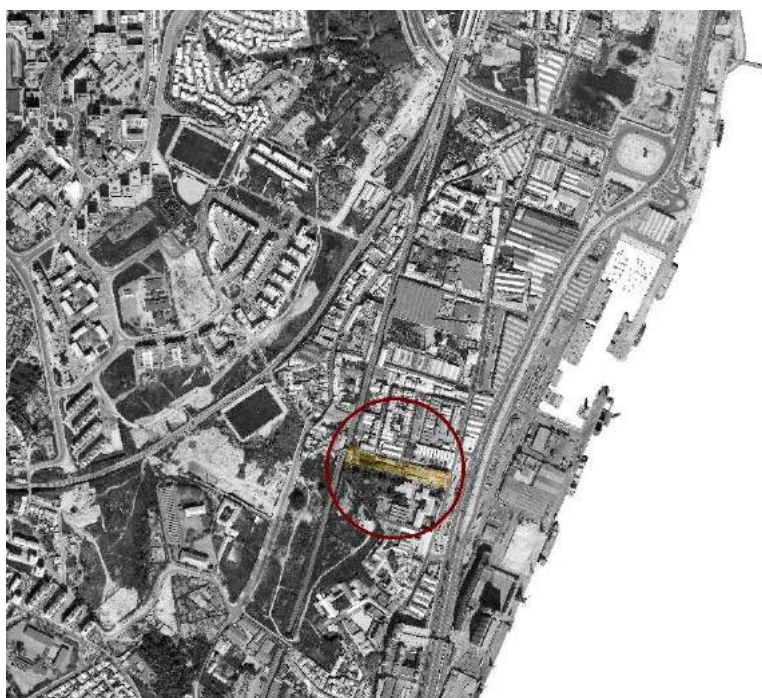


1.9 Lote a intervir – fachada para a Rua do Açúcar

1.10 Lote enquadrado pela Rua Amigos de Lisboa

1.11 Lote enquadrado pela Rua José Domingos Barreiros

1.12 (à direita) Vista aérea de Marvila com o lote a intervir destacado



²³ CARERI, Francisco, *Pasear, Detenerse*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.23.

²⁴ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora, p. 33.

O LOCAL DE INTERVENÇÃO

*“(...) o conjunto das curvas de nível representa a topografia sobre a qual se constrói a cidade de Lisboa. Podiam, no entanto, representar a topografia, se nós quisermos, de uma outra cidade qualquer imaginada a partir delas. Se começarmos a observar cuidadosamente as curvas podemos também, pouco a pouco, reconstruir a cidade que temos na memória.”*²⁵

Ao observar o local selecionado para intervenção, apercebemo-nos de que se encontra maioritariamente. Embora uma fracção do terreno, do lado da Rua do Açúcar, esteja ocupado, essa parte é “demolid” de modo a utilizar toda a parcela. Uma das coisas que o distingue, e à sua envolvente, é o declive acidentado que caracteriza a Rua Amigos de Lisboa, hoje em dia não activa e com a encosta tão acentuada que é praticamente impossível percorrê-la. No contexto da actual proposta, o seu perfil é redesenhado. Na Rua José Domingos Barreiros, que ladeia a parcela territorial a Norte, existe uma inclinação imperceptível a quem a experiencia. Duas realidades contrastantes, separadas por cerca de 25 metros de distância e que, após uma extensão de mais de 150 metros, se unem numa escarpa monumental. A orientação solar desta parcela é também de extrema importância, com Sul na Rua Amigos de Lisboa e Norte na Rua José Domingos Barreiros.



João Luís Carrilho da Graça refere que o *“(...) território no sentido de suporte, ou uma invariabilidade que recebe a nossa presença e já está marcada por ela. (...) Vivemos na terra e construímos com tudo o que está disponível. Podemos construir o que queremos, mas temos de construir*



1.13 | 1.14 Rua José Domingos Barreiros

1.15 Rua Amigos de Lisboa

1.16 (à esquerda) Perfil esquemático da Rua Amigos de Lisboa (pendente actual e pendente proposta) | Proposta

²⁵ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora, p. 24.



1.17 Geomonumento visto da cota inferior



1.18 Geomonumento visto da cota superior

sentido”²⁶. Ora a abordagem deste sítio, e destas circunstâncias em particular, tem como premissa o construir com a topografia; as variadas maneiras como o terreno pode encostar ao edifício e como é possível entender isto como um pretexto, uma oportunidade. Transformar aquilo que poderia ser uma fragilidade, por ser bastante condicionante em alguns aspectos, em algo com potencial. *“A arquitectura, mais que intrometer-se numa paisagem, serve para explicá-la.”*²⁷

No topo Poente das duas ruas em questão, deparamo-nos então com um relevo acentuado. Esta diferença de cota poderá realçar uma intenção urbana, ou fazer com que tenha um carácter mais vincado. Gordon Cullen²⁸ afirma que a reacção que temos face a um desnível estará relacionada com a sensibilidade que temos em relação à nossa própria posição; cada local e, consequentemente, cada pessoa tem a sua referência no que diz respeito à cota. O facto de estarmos elevados face ao nosso nível referencial dá-nos, por um lado, a percepção de uma vista e uma maior noção daquilo que nos rodeia – um privilégio. Em contrapartida, ao estarmos um nível baixo, temos uma sensação de intimidade e protecção. Cullen²⁹ defende que a relação entre o plano de referência e a paisagem que existe ao nosso redor irá remeter-nos para uma sensação de domínio e onnipresença.

*“A simples observação do imaginado relevo descarnado, revelado pelas curvas de nível, permite-nos construir um intervalo de contemplação.”*³⁰

O encontro das duas vias ‘acontece’ verdadeiramente depois do edifício ter terminado, como se estivessem em sintonia na sua questão ‘formal’ de início e fim. Este será um dos grandes princípios na procura da melhor

²⁶ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora, p. 80.

²⁷ HIPÓLITO, Fernando (Setembro, 2011), *Sítio, Projecto e Arquitectura*, Lisboa: TrueTeam, p. 37.

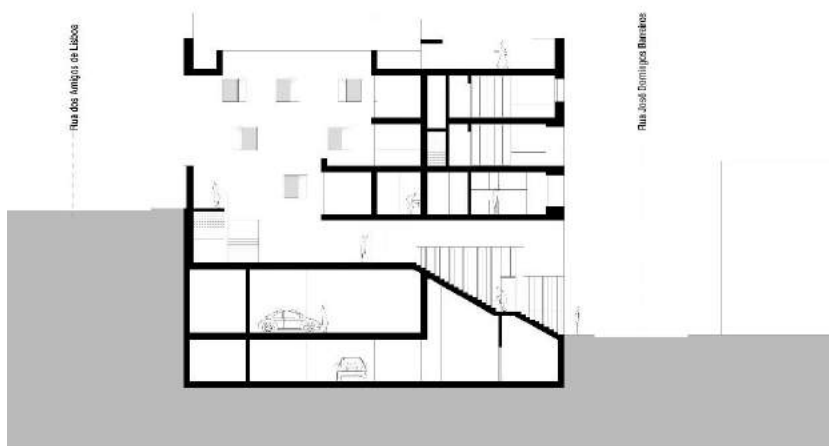
²⁸ CULLEN, Gordon (2006), *Paisagem Urbana*, Lisboa: Edições 70.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora, p. 25.

solução para esta área: *o construir “contra” um terreno*. Perante este território expectante e pouco usual, surge-nos a segunda premissa: os *atravessamentos urbanos*. Esta aparece interligada com a primeira questão do construir “contra” um terreno, simultaneamente como causa e consequência. *“(...) a arquitectura é precisamente a materialização da relação entre o objecto e o seu contexto.”* ³¹

Ao depararmo-nos com tais diferenças de cota tão acentuadas, entre ruas com tanta proximidade espacialmente, surge a necessidade de conectar estas duas num âmbito público. Dado o edifício que existe entre as mesmas, a solução passará por inserir essa ligação entre duas vias com o edifício, intersectamo-la com o construído.



1.19 (à esquerda) Corte explicativo do atravessamento público, no enfiamento da Rua Afonso Annes Penedo | Proposta

Visando a ideia de que *“(...) o projecto, como meio de transposição entre coisa pensada e coisa visível/habitável, terá um valor poético acrescido quando dialoga com o sítio”* ³² ao nível urbano do projecto estes atravessamentos vão surgir em dois pontos; primeiramente no alinhamento da Rua Afonso Annes Penedo, perpendicular à Rua José Domingos Barreiros. Desta maneira, é prolongada essa perpendicular e articulado um conjunto de

³¹ HIPÓLITO, Fernando (Setembro, 2011), *Sítio, Projecto e Arquitectura*, Lisboa: TrueTeam, p. 18.

³² Ibidem, p. 19.

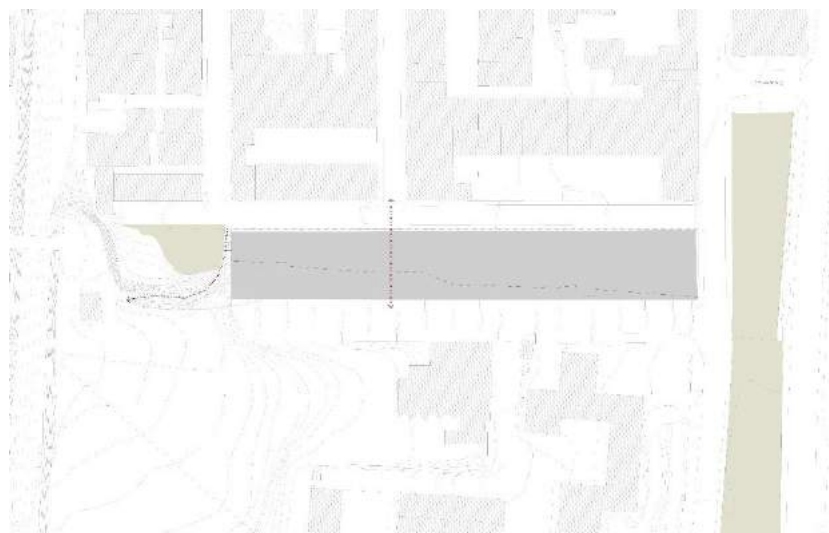


1.20 Passagem da Rua do Carmo ao Pátio B, Chiado, Álvaro Siza (2011)

1.21 Início da escada pública existente que faz ligação entre as duas cotas

1.22 (à direita) Planta esquemática de atravessamentos | Proposta

escadas públicas por dentro do edifício proposto, vencendo uma cota de quase 20 metros. Pela opção de o edificado não ser ‘interrompido’, consegue proporcionar-se uma transição ao nível da vivência dos utentes que atravessem este acesso, à semelhança do que Siza fez na ligação da Rua do Carmo ao Pátio B, no Chiado, também atravessando um edifício.



“O enclave, ou espaço interior aberto para o exterior, e que permite acesso livre e directo entre ambos, apresenta-se (...) como um recinto ou compartimento que pode ser alcançado com facilidade, embora se encontre desviado do movimento principal.”³³

O segundo atravessamento corresponde à escada que acede ao ponto mais alto do geomonumento. Esta carece de um redesenho, de modo a ‘encostar’ ao edifício e, desta maneira, poder ter alguma parcela do edificado dedicada ao seu estudo e observação. Esta (re)conecção será consolidada através do remate do edifício proposto, que albergará elevadores públicos de esso à cota mais alta – que desaguam num miradouro público na cobertura – e por um passadiço, que conecta o nível da saída destes elevadores com a cota mais alta da escadaria pública.

³³ CULLEN, Gordon (2006), *Paisagem Urbana*, Lisboa: Edições 70, p. 26.

*“(...) os pontos notáveis que caracterizam a topografia estão na base dos percursos e dos assentamentos urbanos e, portanto, da construção da cidade e da sua arquitectura.”*³⁴

Em jeito de conclusão, são referidas as ideias chave abordadas: o edifício “adossado”, que comporta atravessamentos e lida com a exposição solar particular, lidando com uma condição de desnível e uma rua particularmente estreita. O capítulo seguinte, *O Programa*, explica a maneira como estas realidades influenciam a escala arquitectónica da proposta e se articulam num edifício único.



1.23 Escada pública que faz ligação entre as duas cotas

³⁴ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora, p. 31.

III. O PROGRAMA

“FUNÇÃO

que gera a Arquitectura com o seu para quê.

COMPOSIÇÃO

que ordena o espaço com o seu como geométrico.

Com a dimensão e a Proporção.

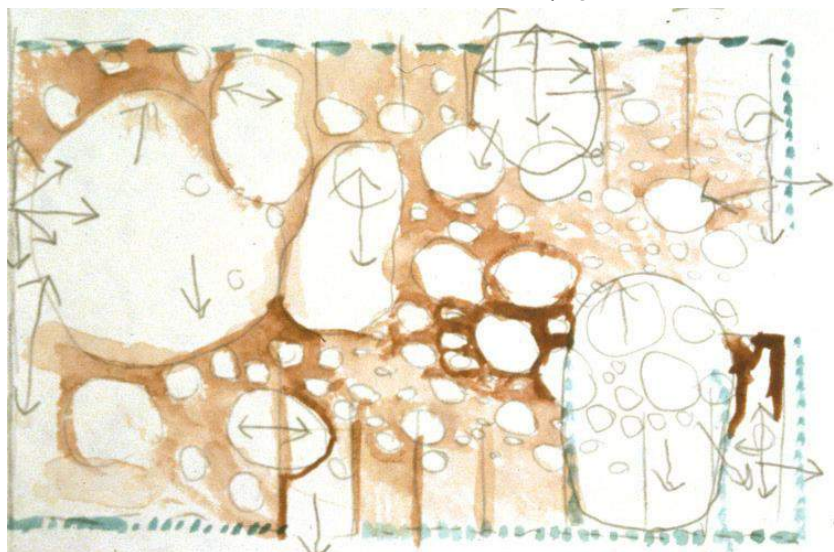
Com a ESCALA.” ³⁵

³⁵ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), A ideia construída, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p.37.

No capítulo *O Programa* introduz-se a ideia de “porosidade” como tema que irá guiar e articular as decisões de projecto nas várias escalas. Após este “assumir” de premissa, são apresentados e descritos diferentes aspectos do edifício e como estes respondem às condicionantes anteriormente apresentadas, abordando questões formais, programáticas e distributivas.

“POROSIDADE” COMO TEMA

“A arquitectura é como que uma escultura habitada. Na arquitectura subtractiva tratamos de retirar matéria e fabricar espaço.” ³⁶



2.1 Esquema “porosidade” | Steven Holl (2000)

A “porosidade” é, nas áreas da biologia e medicina, definida como o atributo, de um corpo orgânico, de ter um grande número de pequenas aberturas e passagens que permitam que a matéria passe entre elas.³⁷ Transportar este conceito para um contexto arquitectónico, à escala de um

³⁶ SOUZA DE OLIVEIRA, Alberto (2017), *Os projectos são oportunidades de investigar ideias*, Lisboa: Uzina Books, p. 96.

³⁷

https://www.researchgate.net/publication/221467193_Design_Concepts_in_Architecture_the_Porosity_Paradigm

edifício, pode passar por porosidades horizontais, verticais, diagonais, até uma porosidade global em todo o construído. Estas podem ser utilizadas de maneira a transparecerem para o exterior ou manifestar-se apenas no interior, ou ambas, o que amplifica esta sensação de porosidade. Consistem nas ideias de perfurar uma massa, de modo a obter vazios, ligações, cruzamentos de volumes, profundidade, ver e ser visto.

Esta concepção foi utilizada por Steven Holl no Simmons Hall (2002), do MIT, uma residência com 350 quartos, que demonstra esta “porosidade” a várias escalas e níveis do edifício. Este consiste numa grande massa que, após ser escavada e subtraída, apresenta um aspecto quase escultórico, tanto ao nível exterior como interior, assemelhando-se a uma esponja. “Holl infects a perforated, monolithic box with contained spaces that curve and unfold towards natural light.”³⁸ O volume é marcado por cinco interstícios de grande escala, que correspondem a entradas principais, a largos corredores ou a terraços de actividades exteriores. Estes recortes funcionam como “pulmões” do edifício, tornando possível entradas de luz natural e circulação de ar no seu interior. Enquanto isto, um sistema de cavidades cria um sentido de porosidade vertical, proporcionando não só iluminação e ventilação mais propícias, como melhor acessibilidade e visibilidade à escala urbana e uma melhor comunicação entre o interior e o exterior. Apresenta, também, um ritmo de fachada, marcado de forma constante pelos cheios e vazios.

*“A arquitectura é porosa como essas rochas. Construção e acção entrelaçam-se uma à outra, em pátios, arcadas e escadas. Em todos os lugares são preservados espaços capazes de se tornar cenário de novas e inéditas constelações de acontecimentos.”*³⁹



2.2 | 2.3 | 2.4 Porosidade nas várias escalas do edifício | Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)

³⁸

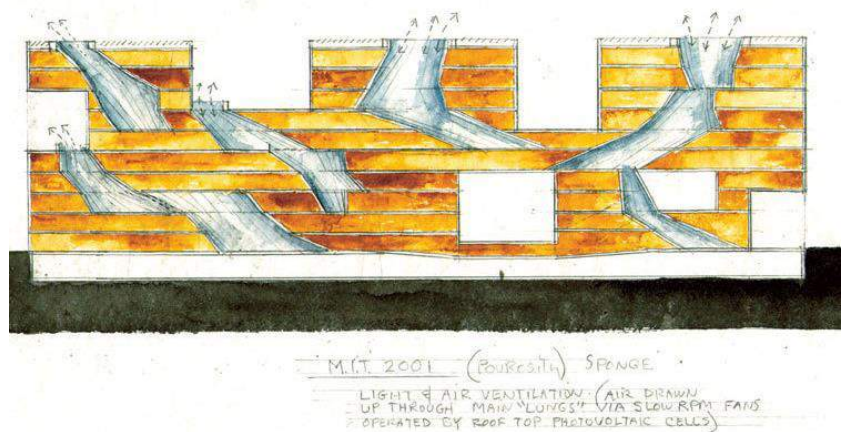
https://www.researchgate.net/publication/221467193_Design_Concepts_in_Architecture_the_Porosity_Paradigm

³⁹ BENJAMIN, Walter (2014), *Imagens de Pensamento*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 147.



2.5 (à direita) Estudo da iluminação e ventilação | Simmons Hall, MIT, Massachusetts, Steven Holl (2002)

2.6 Porosidade às várias escalas do volume do edifício | Proposta



Esta premissa é, então, algo que será constante ao longo da descrição da proposta arquitectónica que se segue. É mantida presente a ideia de porosidade a todas as escalas do edifício, em todas as suas valências.

USOS E FUNÇÕES

No que diz respeito ao programa, a habitação (carácter privado) foi, desde o início do trabalho, ponderada como função principal do construído proposto, indo ao encontro com os objectivos e estratégias gerais desta zona. Considerou-se primordial oferecer residências que fossem uma oferta abrangente no que diz respeito ao número de pessoas a habitar. Existem, portanto, cinquenta e seis fogos ao todo, sendo que a cada uma destas casas está associado um ou dois lugares de estacionamento, dependendo do número de divisões de cada uma.

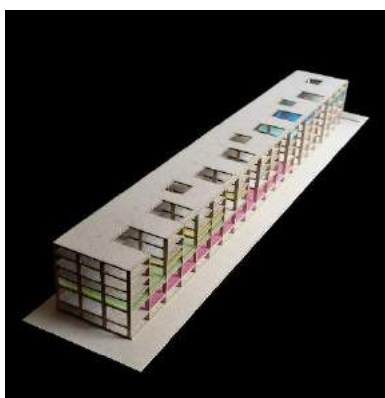
Entendeu-se também importante definir um programa que promovesse o uso e a continuidade durante o dia. Face a esta desejabilidade de um conteúdo programático que promovesse a permanência e um programa semipúblico, como serviços, que complemente a função mais residencial do edifício, são também propostos ateliers/espacos de trabalho versáteis. Estes oferecem a possibilidade de existir uma proximidade casa-emprego, com o propósito de contribuir para a promoção de Marvila como local de permanência e não apenas de passagem. Num âmbito já assumidamente público, foi pensado um espaço museológico, que está directamente ligado ao geomonumento no qual o edifício “encosta”.

“O programa é assim uma das investigações do arquitecto, a par da leitura do sítio num quadro de ‘relacionamento geográfico’ e de contextualização.”⁴⁰

2.7 (à esquerda) Corte Longitudinal - Distribuição programática do edifício | Proposta



⁴⁰ SOUZA DE OLIVEIRA, Alberto (2017), *Os projectos são oportunidades de investigar ideias*, Lisboa: Uzina Books, p.20.



2.8 Articulação do programa do edifício
| Proposta

Quanto à distribuição deste programa pelo edifício, mais que uma disposição por piso, o critério está sobretudo relacionado com a orientação solar e com a topografia. Nos pisos superiores, orientadas a Norte e sem qualquer tipo de restrição por parte do terreno, situam-se maioritariamente habitações, de tipologias esquerdo-direito e duplexes. Estas últimas incluem um espaço de trabalho independente do resto da casa, de forma a proporcionar, novamente, a proximidade entre espaço de habitar e espaço de trabalho.

Já a fachada a Sul enfrenta algumas limitações devido à acentuada pendente da via; neste caso, a distribuição do programa varia em cada nível do edifício. Na parte que está acima do nível da rua situam-se residências. Estas são todas de tipologia simplex, com diferentes números de divisões; acabam por ter uma exposição solar privilegiada, bem como uma maior privacidade, devido ao facto de estarem viradas para uma rua considerada mais secundária e com menos movimento.

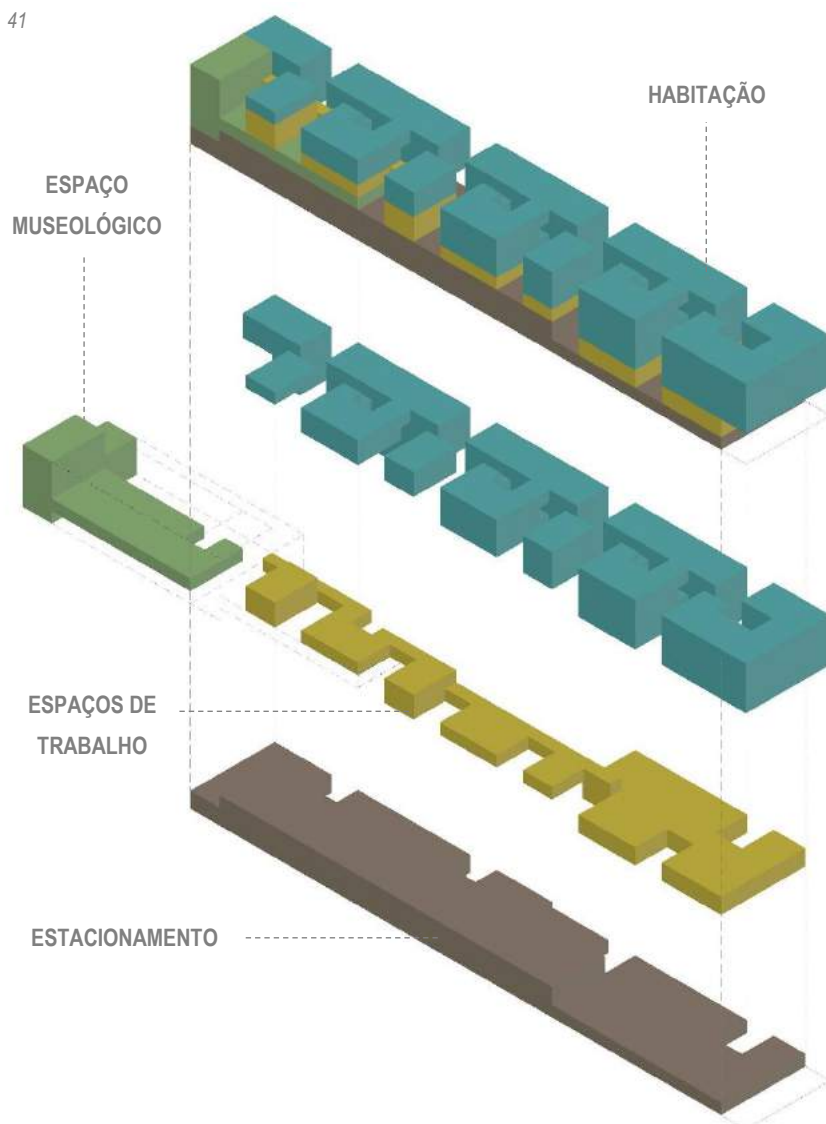
Nas tais áreas enterradas, do piso 1 ao piso 4, pelo facto de terem ventilação e iluminação indirectas, são colocados espaços de trabalho; estes variam, em planta, de piso a piso, pois são apenas utilizados nas áreas que se encontram subterrâneas em cada andar do construído. São também espaços flexíveis, no sentido de possibilitarem várias possibilidades de ocupação consoante a necessidade. Nos pisos -1 e 0 é colocado estacionamento; no piso -1, de carácter exclusivo dos residentes; e no piso térreo, indicado para os utentes e trabalhadores dos serviços.

Por fim no piso 1, articulado com um percurso público vertical, existe um espaço museológico, que foi apenas pensado no âmbito de reconhecer, valorizar e entender a topografia com que o projecto lida de maneira directa. Este espaço tem em vista conhecer o terreno e sugerir uma função de carácter reconhecido como público, que convide as pessoas a entrarem e descobrirem o significado desta contínua e contrastante presença topográfica, tirando o máximo proveito da mesma. O facto de, na maioria dos casos, estes diferentes

programas se “encontrarem” e se “sobreporem” implica que a maneira como estas funções são articuladas é um aspecto fundamental e a querer especial atenção no edifício proposto.

“A building cannot be a human building unless it is a complex of still smaller buildings or smaller parts which manifest its own internal social facts.”

41



2.9 Distribuição programática do edifício
| Proposta

⁴¹ ALEXANDER, Christopher (1977), *A Pattern Language*, Nova Iorque: Oxford University Press, p. 469.

ESTRUTURA COMO REGRA

*“O projecto é a estrutura, e a estrutura é o projecto. A estrutura, que não só transmite as cargas da gravidade ao solo como, sobretudo, estabelece a ordem do espaço.”*⁴²

A estrutura detém grande importância na definição de um edifício e dos seus espaços; ao longo desta proposta irá, de facto, ser um factor dominante nos mesmos. A estrutura desta proposta consiste numa malha 8 em 8 metros, que acompanha o edifício longitudinalmente; no sentido transversal, os pilares são distribuídos com espaçamentos de 7.8, 6.4 e 7.8 m. Tirando partido desta estrutura, é marcado um constante ritmo ao longo de todo o edifício. Os pilares marcam fortemente todos os espaços, quer públicos quer privados, e por isso optou-se por elementos de 1.30 por 0.35; assim, ao observar uma planta, secção ou fachada do edifício proposto, é perceptível esta noção ritmada.



2.10 | 2.11 Estrutura como ordem do espaço do edifício | Proposta

*“A Estrutura e a Construção num edifício são tão importantes como a ‘disposição’ das partes na hora de projectá-lo.”*⁴³ Aproveitando o seu marcado carácter regular e as diferentes distribuições do programa por cada nível em função da relação do edifício com o terreno, esta malha foi adoptada como estratégia, nas quais eram inseridas as funções pretendidas. Foram primeiramente inseridos os “módulos” habitacionais, tratando seguidamente dos restantes “troços” que se encontravam enterrados, diferentes em cada unidade e em cada piso. Com esta ordem modular, era facilitada ao máximo a apropriação dos espaços por parte do programa. *“Uma Arquitectura pode ser muito complexa e ao mesmo tempo unitária.”*⁴⁴

⁴² CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *Principia Architectonica*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 67.

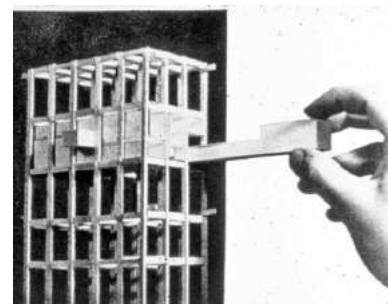
⁴³ Ibidem, p. 68.

⁴⁴ Ibidem, p. 67.

Também na Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier, é assumida esta lógica de encaixe. A uma escala maior que a proposta actual, são colocadas, em cada piso, as variadas habitações propostas com base nos elementos estruturais que definem o edifício. Em concordância com estas premissas, a maneira mais simples que Corbusier encontrou de solucionar os problemas de distribuição programática foi a de assumir uma partição do edifício em quatro partes (longitudinalmente). Assim, em vez de ter tantos casos para resolver quantos o seu comprimento, dividiu-o igualmente em quatro e, ao resolver a regra de um, tinha apenas de aplica-la aos três módulos restantes, e tratar das eventuais excepções a determinar. *“Acredito, com Le Corbusier, que esta criação de espaços para o homem exige, tal como o próprio homem, um certo grau de imperfeição que capte a força da Arquitectura. Essa arquitectura que proclama MAIS COM MENOS.”*⁴⁵

Adoptou-se então, à semelhança de Corbusier, a partição do volume proposto em quatro partes. A regra assumiu-se como facilidade na resolução de algumas questões e a diferença foi adoptada como um modo de introduzir alguma diversidade no edifício. Esta ideia de diferença e repetição vem introduzir alguma simplicidade na partição e no “fatiar” do edifício e, simultaneamente, alguns dos seus elementos que se distinguem e o tornam mais complexo. O conjugar destas duas noções conduz-nos a uma harmonia à escala do construído; mais que introduzir muitos elementos, o objectivo será introduzi-los no sítio e contexto acertados.

*“A repetição nada muda no objecto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla.”*⁴⁶



2.12 Maquete, montagem do edifício | Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)

2.13 La casa dispersa | Monteys (2011)

⁴⁵ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *A ideia construída*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p.49.

⁴⁶ DELEUZE, Gilles (2000), *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio D'Água, p. 141.

SISTEMA DISTRIBUTIVO

“(...) a building complex may take the form of a collection of small buildings connected by arcades, paths, bridges, shared gardens and walls.”⁴⁷

Pátios e Saguões

“Não ser é mais que ser qualquer coisa e, de certo modo, ser tudo.”⁴⁸

Pegando no conceito de “porosidade” e na potencialidade de elementos que o indiciem, ao longo do edifício vão-nos surgindo alguns vazios. Além da topografia, o facto de o volume geral ser apenas só um e algo rígido cria uma necessidade de neste se abrirem vazios. Como tal, são escavados verticalmente sete vazios na fachada orientada a Sul. Estes estão inseridos na malha (transversal) estrutural, e têm grande presença na leitura da fachada devido à sua profundidade, correspondente a metade da largura do edifício. Surgem como pátios exteriores, como áreas de paragem e contacto com o exterior. Estes pátios têm como objectivo iluminar e ventilar os espaços de trabalho e proporcionar um ambiente que complemente e favoreça o interior das zonas de trabalho. Nos pisos superiores, irão proporcionar a circulação de ar e entrada de luz natural nas galerias, que acedem aos fogos; irão também proporcionar outra frente de iluminação e ventilação às casas de tipologia simplex, localizadas a Sul.

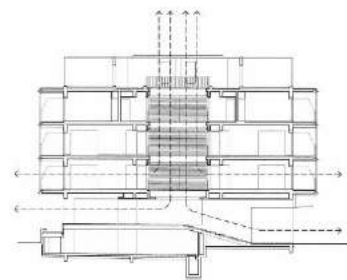
⁴⁷ ALEXANDER, Christopher (1977), *A Pattern Language*, Nova Iorque: Oxford University Press, p. 471.

⁴⁸ ESPUELAS, Fernando (2004), *Il Vuoto: Riflessioni sullo spazio in architettura*, Milão: Marinotti, p. 15.

*“Acredito (...) que a criação de espaços mais limpos e mais livres não corresponde a espaços duros, frios e intocáveis. São espaços para serem vividos.”*⁴⁹

Também de modo a melhorar os espaços interiores, são introduzidas outras perfurações, que irão criar mais vazios no edifício. Desta vez, estes irão “perfurar” o paralelepípedo inicial ao ser inseridos exactamente no meio do edifício, concordantes com a malha longitudinal. Ao contrário dos pátios, não serão alvos de qualquer apropriação do espaço, são verdadeiramente apenas vazios – denominados de saguões – e terão uma dimensão quadrada. Servirão para levar luz e ventilação tanto às galerias, como a vários tipos de habitações. Vão desde o nível da cobertura, até ao Piso 1, convertendo a zona de estacionamento semipúblico e os ateliers desse nível em zonas privilegiadas por serem o “desaguar” destes vazios verticais. O cruzamento destas duas escalas de vazios respondem ao bom funcionamento do todo, concentrando-se numa preocupação com a luz natural e a ventilação também natural.

*“These voids become activist áreas of the house lounges and are filled with light and air.”*⁵⁰



2.14 | 2.15 | 2.16 Edifícios de Habitação, Marina de Lagos, Gonçalo Byrne (1992)

⁴⁹ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *A ideia construída*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p.49.

⁵⁰ HOLL, Steven (2000), *Parallax*, Basel: Birkhäuser, p. 308.

Galerias

“(…) The extra-wide main corridors are broken by these verticals voids, like events along a city street.”⁵¹

Comunicante tanto com os pátios como com os saguões, a galeria é pensada como espaço distributivo horizontal do construído. Surge como um tubo que não só “escava” o volume principal, mas que intersecta os vazios verticais propostos. Sendo assim, e como consequência deste cruzamento, o resultado é uma galeria descontínua repartida em quatro partes. Esta partição vem em concordância com os princípios gerais da organização do edifício, em relação à proporção e regularidade do mesmo. Também a sua dimensão é espelho desta concepção proporcional; estes corredores distributivos têm metade da dimensão do saguão interior e são bastante generosas para um espaço de acesso (2,70 metros de largura). Também o facto de serem interrompidas, impede a possibilidade de nos depararmos com corredores com uma enorme extensão. São, obviamente, espaços de circulação propícias pelas suas constantes iluminação e ventilação; mais que espaços de servir, são pensados como espaços confortáveis pela possibilidade do contacto com o exterior. Áreas encaradas como colectivas, para servir os habitantes do edifício e, neste caso, das suas casas.

“E surgiu essa ideia da galeria para fazer face a esta necessidade de maior intercomunicação entre as pessoas. É voltar um bocadinho à ideia da rua (…).”⁵²

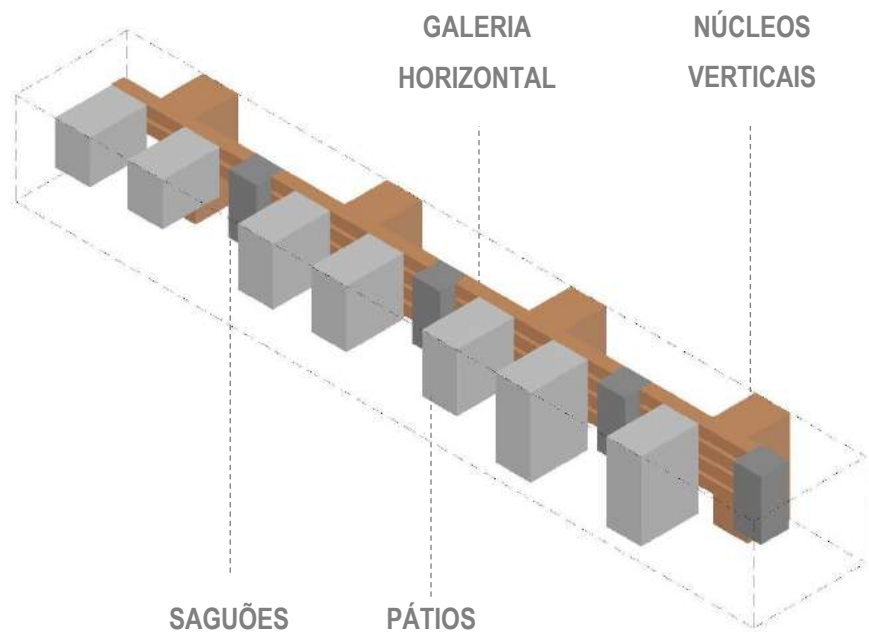
⁵¹ HOLL, Steven (2000), *Parallax*, Basel: Birkhäuser, p. 308.

⁵² COSTA CABRAL, B., VARANDA, F., BAÍA, P., PROVIDÊNCIA, P., OLIVEIRA COUTO, M., (2016), *Bartolomeu Costa Cabral: 18 Obras*, Porto: Circo de Ideias, p. 55.

Núcleos

Quanto à circulação vertical do edifício, esta é feita através de quatro núcleos localizados na fachada orientada a Norte. Estes dão acesso às galerias e consistem em elevadores de duplo embarque e escadas, sendo que estas são acompanhadas de um vazio vertical. Este reforça ainda mais as ideias de porosidade e vazio presentes em todo o volume construído; através dos patins, é possível observar o átrio de entrada do edifício, no piso térreo.

A transição do exterior para o átrio de cada núcleo de acesso difere nas quatro situações existentes. Isto porque o nível do interior dos átrios é constante, mas a cota da Rua José Domingos Barreiros, através da qual se entra, não. Sendo assim, no piso 0 existem sempre uns degraus, adicionais aos lances de escadas iguais em cada piso, que vencem a diferença de altura do nível da rua para o interior do edifício. Também o acesso através dos núcleos ao piso -1 de estacionamento depende de cada situação porque, mais uma vez, a cota do nível subterrâneo é sempre a mesma e no exterior isso não acontece. Mais uma vez, o resolver do edifício é aplicado no sentido de tirar o maior proveito destas diferenças de alturas e cotas e tentar transpô-las para o volume ao torná-lo mais complexo e rico.



2.17 Montagem tipológica de um dos "módulos" que compõem o edifício | Proposta

*"Space is the essential médium of architecture. Space is simultaneously many things – the voids in architecture, the space around architecture, the vast space of landscape and city space, intergalactic spaces of the universe. Space is something both intrinsic and relational."*⁵³

⁵³ HOLL, Steven (2000), *Parallax*, Basel: Birkhäuser, p. 14.

MONTAGEM TIPOLÓGICA

*"A comodidade de qualquer edifício compreende três objectos principais: a sua situação, a sua forma, a distribuição das suas partes."*⁵⁴

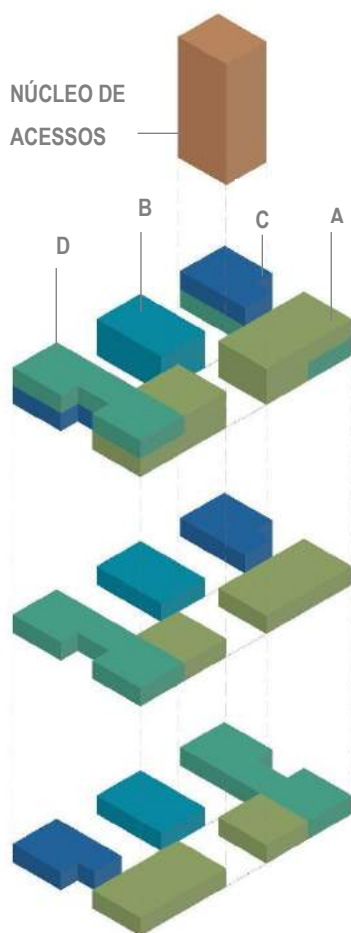
Após a definição dos elementos necessários para caracterizar a proposta, foi necessário "montá-los". Assim, foi necessário definir um módulo "regra" e base para a montagem do edifício. *"A Architectura tem de falar às pessoas, (...) tem de dar um sentido aos espaços criados e, só assim, podemos falar da sua humanização."*⁵⁵

Sendo assim, cada "módulo" consiste em cinco fogos, quatro deles distintos, e tem a total medida da largura do edifício. No que diz respeito à função distributiva, a galeria de circulação ocupa sempre o mesmo sítio na unidade modular; na fachada Norte, ao meio é posicionado o núcleo de acessos verticais. Relativamente aos vazios, a localização dos pátios encontra-se na segunda e na quarta parcelas, de modo a possibilitarem a iluminação de todas as casas orientadas a Sul. Os saguões interiores surgem nas "pontas" de cada unidade; no entanto, apenas metade deste está inserido no módulo descrito, a outra parte encontra-se no módulo que com ele junta. Desta maneira, os vãos que estão orientados para este saguão comunicam, simultaneamente, com vãos do seu módulo e do módulo seguinte.

Na distribuição dos fogos pelo módulo, posiciona-se a *Tipologia D*, um simplex longitudinal (T3) no topo. Estas casas são as únicas que têm exclusivo contacto com o saguão, sem qualquer presença da galeria, e ocupam toda a sua profundidade, bem como as correspondentes frente a Norte, a Sul e, neste caso, a Este, devido ao pátio. Na restante frente orientada a Norte, são colocadas duas unidades da *Tipologia A*, que consiste em fogos

⁵⁴ ROSSI, Aldo (1995), *La arquitectura de la ciudad*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 78.

⁵⁵ COSTA CABRAL, B., VARANDA, F., BAÍA, P., PROVIDÊNCIA, P., OLIVEIRA COUTO, M., (2016), *Bartolomeu Costa Cabral: 18 Obras*, Porto: Circo de Ideias, p. 6.



2.18 Sistema distributivo e vazios do edifício | Proposta

duplex (T3+1); na fracção ao lado da casa longitudinal, o piso menor do duplex, ocupando apenas uma unidade, e no lado oposto, o piso de maior área, que ocupa duas unidades.

Quanto à zona orientada a Sul, são posicionados dois tipos de fogos implex, ambos com contacto com os pátios exteriores. Na unidade do meio, localizado um fogo T2, correspondente à *Tipologia B*, privilegiado pelas três frentes com luz solar directa, e na parcela da esquerda a *Tipologia C*, um fogo T1; neste lado esquerdo do módulo, a galeria desagua no saguão interior, o que não acontece no lado contrário, devido ao maior dos quatro fogos.

Este módulo repete-se em quatro andares, sendo que vai alterando o piso a piso; em altura, o piso 1 e 3 têm plantas iguais, e o piso 2 e 4 têm as mesmas plantas, mas no seu inverso. Também a agregação ao longo de cada piso varia; do mesmo modo, os módulos são posicionados igualmente de dois em dois, nunca estando em “contacto” vertical ou horizontalmente com uma unidade modular igual à sua, apenas na diagonal. Esta noção da mesma planta, mas “em espelho” vem atribuir uma maior dinâmica ao construído, tanto na planta, como em secção, bem como na expressão da fachada.

*“O Tempo (...) despe a Arquitectura até a deixar no essencial. Resta então a Arquitectura com os seus atributos essenciais. Dimensão, proporção e escala dão vida ao material que comporta no seu interior a tensão invisível da Gravidade.”*⁵⁶

⁵⁶ SOUZA DE OLIVEIRA, Alberto (2017), *Os projectos são oportunidades de investigar ideias*, Lisboa: Uzina Books, p. 52.

	Tipologia A	Tipologia B	Tipologia C	Tipologia D	Tipologia E	Tipologia F	Tipologia G	Tipologia H	Total
	casa duplex T3+1	casa simplex T2	casa simplex T1	casa simplex T3 longitudinal	casa simplex T2 (esquerdo-direito)	casa simplex T3	casa duplex T2	casa duplex T3+1	
	183,90 m2	85,70 m2	75,40 m2	152,60 m2	125,70 m2	144,20 m2	113,60 m2	183,90 m2	
Piso 0					3		1		4
Piso 1	3	1	1	1	2	2		1	12
Piso 2		2	2	2	3	2			15
Piso 3	6	3	3	3		2		1	18
Piso 4		4	3	3		2			19
Total	9	10	9	9	8	8	1	2	56

Em gesto de conclusão deste capítulo, os aspectos condicionantes identificados anteriormente foram considerados na montagem e dimensionamento do edifício, com base numa estrutura. Após uma explicação quantitativa e racional da proposta à escala do edifício, no capítulo seguinte *A Ambiência* é apresentada uma descrição qualitativa de certas partes do edifício, abordando o espaço, a matéria, a luz, a vivência de todos estes.

2.19 Síntese das tipologias habitacionais existentes no edifício

IV. A AMBIÊNCIA

“CONSTRUÇÃO

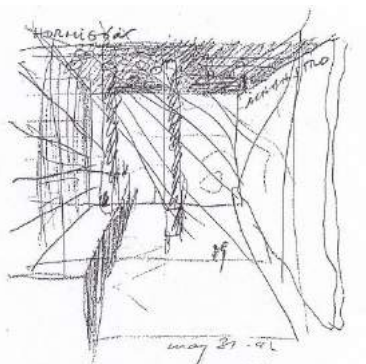
que torna realidade aquele Espaço com o seu como físico.

Com a Estrutura, os Materiais, a Tecnologia.

Orientando a GRAVIDADE.

Com a MATÉRIA.”⁵⁷

⁵⁷ CAMPO BAEZA, Alberto (2013), A ideia construída, Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 37.



3.1 Cranbrook Institute of Science, Michigan, Steven Holl (1998)

3.2 Caja Granada, Granada, Alberto Campo Baeza (2001)

“Como nos relacionamos com o sítio, quais as partes do todo; que percursos encontramos para percorrer o espaço, onde está a luz... qual a materialidade do que queremos propor; o indizível não é programado; o indizível são os espaços que transformam a proposta arquitectónica num objecto singular, na construção do lugar; o projecto é a procura de encontrar os espaços essenciais e as relações que estabelecem.”⁵⁸

Neste capítulo é utilizado um discurso que tenta ir para além dos aspectos formais da proposta. Esta, tal como a arquitectura em geral, existe com o objectivo de proporcionar uma experiência a quem vive o(s) espaço(s). A descrição que se segue pretende assim, mais do que uma memória descritiva do construído, ser justificativa das opções projectuais e uma explicação das individualidades do edifício.

“When we move through space with a twist and turn of the head, mysteries of gradually unfolding fields of overlapping perspectives are charged with a range of light - from the step shadows of bright sun to the translucence of dusk. A range of smell, sound and material – from hard stone and steel to the free billowing of silk – returns us to primordial experiences framing and penetrating our everyday lives.”⁵⁹

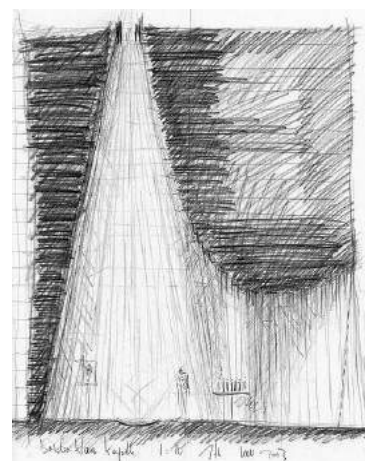
Para tal, é adoptada como estratégia uma narrativa “pessoal”, dividida em três partes: a experiência de quem habita o edifício, a experiência de quem nele trabalha e a experiência de quem o visita. Faz-se uma transmissão da vivência do projecto, em termos de ambientes. O objectivo será que o leitor, integrando as suas vivências e memórias pessoais, construa a sua própria percepção do espaço, através da sua imaginação e das sugestões enunciadas. Que este percurso seja feito em conjunto, de modo a apropriar os espaços descritos.

⁵⁸ SOUZA DE OLIVEIRA, Alberto (2017), *Os projectos são oportunidades de investigar ideias*, Lisboa: Uzina Books, p. 36.

⁵⁹ HOLL, Steven (1996), *Intertwining*, New York: Princeton Architectural Press, p. 11.

*“For a building to be motionless is the exception: our pleasure comes from moving about so as to make the building move in turn, while we enjoy all these combinations of its parts. As they vary, the column turns, depths recede, galleries glide: a thousand visions escape.”*⁶⁰

*“(…) deixo-me guiar por imagens e ambientes da minha memória, que consigo relacionar com a arquitetura que procuro.”*⁶¹



3.3 Capela Bruder Klaus, Mechernich,
Peter Zumthor (2007)

⁶⁰ HOLL, Steven (2000), *Parallax*, Basel: Birkhäuser, p. 22

⁶¹ ZUMTHOR, Peter (2006) *Pensar a arquitetura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 26.

Habitar

(Apesar de o presente trabalho propor oito tipologias habitacionais diferentes, optou-se por incidir esta narrativa em apenas uma destas casas. Foi seleccionada a casa simplex longitudinal, denominada “Tipologia D”, por se posicionar em todos os pisos e pelo facto de ser a única a lidar com ambas as frentes – Norte e Sul – e com um dos saguões interiores.)⁶²

Vimos pela Rua do Açúcar, a caminhar numa zona de Marvila industrial. Ao olhar para a esquerda, para lá da imensa avenida⁶³, avistamos grandes edifícios fabris; fazem de barreira para o rio que, embora não vejamos daqui, sabemos que está lá. Escutamos o som de um navio a atracar e sabemos que estamos próximos do porto de Lisboa.

À nossa direita, após passarmos um volume de cores garridas (em comparação com os envolventes), chegamos a um edifício de dimensões que nos captam imediatamente o olhar. Na fachada que dá para a Rua Açúcar é relativamente pequeno e tem uma presença marcada por pilares expressivos.

Vemos um carro a sair, entendemos que este pátio serve o estacionamento. Mas, ao olharmos para o fundo da Rua José Domingos Barreiros, percebemos a extensão deste lote. A grandeza do seu comprimento deixa-nos algo surpresos, sobretudo por, no fim, enunciar uma cota diferente do terreno, mais alta até que o nível da cobertura do edifício.

Interrogando-nos, avançamos, caminhamos pelo outro lado da rua, tentando entender o que se passa na fachada. Apesar da tentativa de nos distanciarmos o mais possível, a proximidade entre os dois lados da rua e,



3.4 Percepção da fachada do edifício a partir da Rua José Domingos Barreiros | Proposta

⁶² Apesar de apenas ser “descrita” uma das tipologias, todas as (oito) casas foram igualmente pensadas e desenhadas – Ver Anexo | Peças desenhadas – Painel 10

⁶³ Avenida Infante D. Henrique.

simultaneamente, o comprimento do que observamos não nos permitem ter uma leitura geral do seu exterior.

Ao nível do chão, onde nos encontramos, surgem umas lâminas metalizadas, que não nos permitem entender bem o que se passa neste piso; o espaço entre elas varia, conferindo uma noção de ritmo ao embasamento. Contemplando ainda mais acima, janelas e varandas surgem regular e repetidamente. A sua disposição confere alguma unidade ao nível exterior, e damos conta de que não nos é possível entender o interior através desta leitura. É como se esta expressão propositadamente diluísse os mecanismos de agregação. Acaba por lhe conferir alguma unidade, apesar de também se ler diversidade.

Contemplando-o tangencialmente, percebemos que os vãos são profundos, mais que o habitual. Parecem ter sido escavados no volume, protegendo a privacidade do interior e criando um jogo de sombras que enriquece o nosso olhar sob este lote.

Olhando no sentido do fim da rua, notamos que uma das paredes em profundidade do vão é pintada de uma cor quente; esta vai ao encontro da escarpa, da terra. Este detalhe faz-nos curiosos de descobrirmos mais e olhamos para o lado contrário. Desta vez, a marcação do vão tem um tom azul, mais frio, em concordância com a sua direcção: o rio.

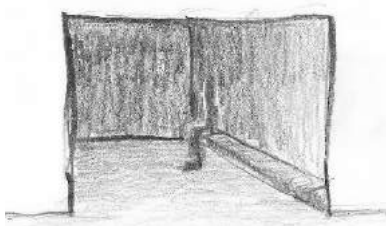
Interrogamo-nos acerca da vida existente dentro desta “pele”: Imaginamos que a imagem de noite seja contrastante à de dia. As aberturas dos vãos irradiam luz do interior das casas e, numa atmosfera nocturna, esses pontos de luz são o que sobressaem; como um negativo do que acontece durante o dia.

Ao atentarmos neste compasso criado pelos vãos, reparamos que existem quebras ao nível da rua. Torna-se claro que, aqui, acontecem as entradas para o edifício.



3.5 Diversidade e unidade dos vãos; grande escala | L'illa diagonal, Barcelona, Rafael Moneo (1993)

3.6 Cor e profundidade dos vãos; leitura tangencial da fachada | Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)



3.7 Zona de entrada abrigada | Proposta

3.8 Vazio vertical sobre zona de entrada, comunicação com os pisos superiores | Proposta

3.9 Escada acompanhada de um vazio vertical | Residências Seto, Fukuyama, Mount Fuji Architects (2013)



Apenas um passo em frente e temos a sensação de sermos remetidos para outra atmosfera. Sentimo-nos já “dentro”, num local coberto, embora ainda nos encontremos no exterior. O espaço oferece-nos um banco para no sentarmos. Um sítio para esperarmos que abraque a chuva ou ajustarmos os olhos ao sol no verão.

Atravessando uma porta de vidro, passamos para o dito espaço de entrada. Involuntariamente, o primeiro gesto é olharmos para cima, percebendo que existe um vazio que corre todo o edifício. Temos a noção do habitar o vazio em si. Ao avistarmos pessoas nos pisos de cima, através de uma guarda, sentimo-nos em contacto com o resto dos níveis.

Encontramos um residente a verificar a sua correspondência. Ao virarmo-nos de costas são-nos apresentadas duas opções para subirmos ao nosso destino (o terceiro piso). No meio do átrio, os elevadores propõem-nos um acesso mais prático. Do seu lado esquerdo, é-nos sugerido um percurso mais gradual. A expectativa convence-nos a subir os degraus.

Subimos o lance que nos conduz a um meio-piso. Por passarmos de um vazio vertical para uma acentuada descida do pé-direito, sentimo-nos numa zona mais reservada. Um casal sai com os filhos de uma porta, fazendo-nos entender que a este nível já existem habitações.

Contornamos os elevadores e avançamos para a escada. O primeiro lance conduz-nos a um patamar, que encosta à parede espessa da fachada. Espreitamos pela guarda maciça que nos separa do vazio, é possível vermos sobre o espaço da entrada; apanhamos o momento exacto em que a família sai do edifício e percebemos que é aqui promovido o contacto entre todos os que o habitam.

Através dos vãos (da fachada) que dão para o vazio vertical interior, tomamos uma maior consciência da espessura daquilo que funciona como “pele” e é perfurada pelos vãos. A expressão da luz que provém destes dissipa-se à medida que atravessa o vazio, ao mesmo tempo que reparamos que o

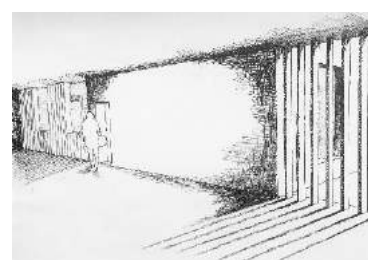
som ecoa neste espaço. Este conjugar de sons e espaço transporta-nos para aquilo que parece uma atmosfera distante do que até agora experienciámos. Retomamos o percurso e subimos as escadas.

O lance dos degraus que percorremos, marcados pelo betão frio a par com a luz filtrada, desagua na galeria. Embora tenhamos uma porta (de uma habitação, supomos) à nossa frente, a expressão da luz aumenta grandemente. Interrogamo-nos acerca da sua origem, a expectativa aumenta. Avançamos e damos conta de que, apesar de estarmos num local que serve casas, este solicita que o habitem. A sua largura generosa intensifica esse convite.

À esquerda da parede, surge apenas uma guarda; de elementos metálicos, permite-nos um olhar sob o exterior, para os pátios, uns pisos abaixo, onde duas mulheres conversam casualmente. Um pouco mais à frente, as lâminas que formam a guarda modificam-se em fragmentos que vão do chão ao tecto. De luz directa, passamos a uma percepção mais ambígua do que existe lá fora. Esta luz mais suavizada tensiona o espaço da galeria. Encaminha-nos para a casa a visitar.

Encontramo-nos com a mão na maçaneta da porta, compacta. Empurramo-la e mudamos de atmosfera. Ao avançar um passo encontramos na penumbra. A materialidade é renovada, através do soalho, de madeira escura. À nossa frente, uma porta entreaberta enuncia-nos a vivência para lá dela. Chegam-nos rastos de uma luminosidade natural, embora algo vaga. Paira no ar um aroma a comida caseira e podemos ouvir alguém a cantarolar.

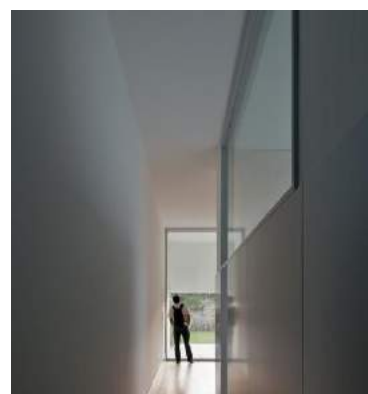
À esquerda, um corredor guia-nos até à luz. Ao percorrê-lo, chegamos outro apontamento de luz. Difusa, contemplamos que provém horizontalmente, acima da nossa altura. Terminamos naquilo que entendemos por ser a zona comum da casa. Serve o estar, o repousar, o reunir. Passamos e alguém dormita no sofá. Ao encararmos a varanda, captamos o facto de sermos iluminados não apenas por esta abertura, mas também no sentido contrário.

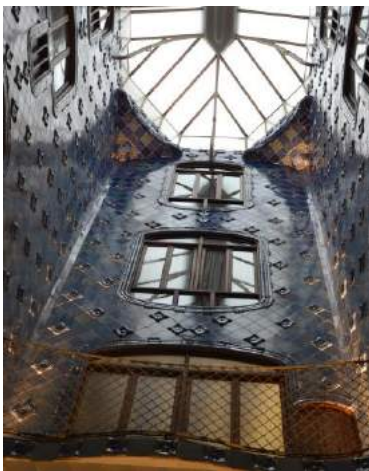


3.10 Profundidade dos vãos | Capela Notre-Dame du Haut, Ronchamp, Le Corbusier (1955)

3.11 Projecção de elementos verticais na galeria | Proposta

3.12 Corredor iluminado por luz da cozinha | Habitações no Bom Sucesso, Óbidos, Inês Lobo (2013)

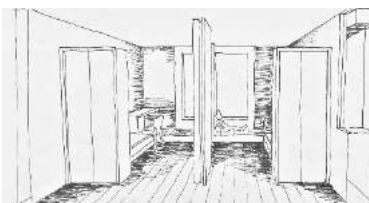




3.13 Saguão interior revestido a azulejos em tons de azul | Casa Batlló, Barcelona, Antoni Gaudí (1906)

3.14 Quartos longitudinais com possibilidade de encerrar | Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)

3.15 Flexibilidade dos quartos longitudinais | Proposta



Invertemos o caminho até agora efectuado e voltamos a passar pelo sítio onde entrámos. Dirigimo-nos seguidamente àquilo que nos aparenta ter menos claridade. Seguimos o sentido da madeira debaixo dos nossos pés. Aproximamo-nos, avistando uma rapariga num grande cadeirão, mergulhada num livro, sem dar pela nossa presença. A sua silhueta está levemente iluminada, com reflexos azulados.

Expectantes, acercamo-nos de onde provém a luminosidade e identificamos um poço de luz. Está revestido de azulejos de diferentes tons e intensidades. Deste vazio avistam-se outros vãos, algo dispersos. Prosseguimos até à zona mais privada da habitação.

Após deslizar uma porta, encontramos-nos naquilo que aparenta ser uma antecâmara. Ao abrir outra porta, um espaço verdadeiramente longitudinal estende-se à nossa frente.

A cama, mais na penumbra, encostada a um lado permite-nos ter uma noção da escala do quarto, tendo em conta que a zona destinada a passar é da mesma largura. Ao passá-la, damos conta da presença de um vão (com possibilidade de ser encerrado), que nos permite contacto directo com um quarto ao lado, semelhante. A parede que os separa é de tal maneira delgada que sugere fluidez entre os dois.

Como bateria do quarto, após a cama, surge-nos uma zona de secretária, onde uma criança faz os trabalhos de casa. Ao seu lado, em direcção à luz, observamos brinquedos espalhados numa zona ligeiramente elevada, distinguindo-se como zona mais de lazer.

aproximamo-nos do vão. A luz que entra reflecte na colorida espessura do vão, propagando essa cor para o interior do quarto. Na sua profundidade, observamos o exterior. A visão, algo afunilada, enquadra a imagem da rua inclinada, vizinhos a passarem apenas alguns metros abaixo do nível onde nos encontramos.

Trabalhar

Vindos da Rua do Açúcar seguimos para a Rua Amigos de Lisboa. Observamos a fachada até ao cimo da rua e damos conta dos vãos regulares em profundidade. Aqui a noção de embasamento do edifício é ainda mais notável, pelas lâminas ritmadas a aligeirarem o toque com a rua acidentada. A sua espessura não nos permite entender de imediato os vãos posicionados por trás, sentimos o impulso de estender a mão e tentar perceber a sua profundidade.

Na restante altura do construído, são escavados uns enormes troços do todo. Apesar destes “interstícios”, a leitura da fachada, somente tangencial, apresenta-se ao nosso olhar com um só objecto unificado. Após caminharmos uns vinte metros, chegamos à porta que nos permite entrar nos espaço dos escritórios e ateliers.

Tocamos à campainha e, no compasso de espera, observamos a porta compacta, que nos dá exactamente a impressão de barreira entre os universos interior e exterior. Ouvimos, a passar atrás, um par de idosas que percebemos dirigir-se ao mercado. O sol da manhã bate-nos nas costas.

Ouvimos o trinco da porta e a revelação de um átrio para lá dela convida-nos a entrar. Com uma altura generosa, começamos a ouvir a azáfama de trabalho. À esquerda, somos presenteados pela luz proveniente daquilo que nos parece um pátio. Avançamos e esta torna-se mais limitada através de elementos verticais que a filtram.

Ao prosseguirmos, o átrio culmina numa atmosfera que nos interroga. Presenciamos aquilo que chamamos de galeria ou corredor mas com uma proporção fora do comum. Pela sua dimensão, ganha importância e funciona como espaço mediador. Ao longo da sua extensão, é pontuado com elementos de estar. Silhuetas habitam-no, pessoas respondem a e-mails nos portáteis,



3.16 Percepção do edifício a partir da Rua Amigos de Lisboa | Proposta

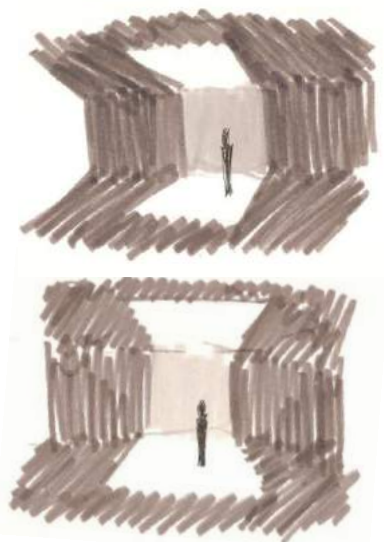
3.17 Alçado da Rua Amigos de Lisboa | Proposta

3.18 Relação interior/exterior, através de pátios | Edifício Prazeres, Lisboa, Aurora Arquitectos (2016)



trabalham num ambiente mais informal. Um espaço que na nossa cabeça seria de passagem torna-se promotor de interacção no trabalho.

Salta-nos à vista um poço de luz, que desagua no meio deste espaço ambíguo. Nas suas paredes, ecoam as conversas de fundo. A luz ganha expressão, desta vez verticalmente. Observamos dois colegas, sentados num sofá comprido, que rabiscam nos seus blocos o efeito produzido pela luz neste momento.



3.19 Iluminação de um saguão vertical

3.20 Projecção da luz do saguão | Proposta (Piso térreo)

3.21 Corredor iluminado por pátios e saguões | Proposta (Piso 1)



Sentamo-nos um momentos com eles e observamos a ambiência. O efeito das pessoas a passar apressadamente pelo apontamento de claridade, a par com o cheiro a café no ar, proporciona-nos uma sensação de conforto, apesar da sua natureza funcional.

Seguimos caminho pelo corredor, e no seu final chegamos a uma escada de tiro. Dela descem três trabalhadores que, apressados, conversam sobre um projecto a decorrer. A curiosidade por onde vieram apela-nos a subir para o piso seguinte.

O subir dos degraus alia-se ao contacto com o exterior, através do pátio à nossa esquerda. Complementando-a, a sombra imprime verticalmente e tensiona o acto de percorrer o lance de escadas.

No piso 1, ao sairmos do último degrau, o espaço dedicado ao trabalho estende-se à nossa frente. O espaço é comprimido para metade da sua dimensão, bem como a galeria, ganhando um carácter de espaço de distribuição.

Solicita-nos que a percorramos e, ao fazê-lo, entramos num jogo entre luz e sombra, com momentos mais ou menos intensos. Do lado direito, surge uma única vez uma luz zenital e difusa, proveniente do saguão. Do lado oposto, surgem-nos sombras ritmadas que variam, vindas do pátios.

Quando chegamos ao final da galeria, vemos uma similhaeta a subir uma escada semelhante aquela da qual saímos. Sentimos, então a necessidade de “ocupar” um dos espaços exteriores propostos ao longo do

atelier e, através de uma porta de vidro, passamos do interior para o exterior. Um senhor, num banco sólido que surge da parede, faz uma pausa no trabalho e fuma descontraidamente um cigarro.

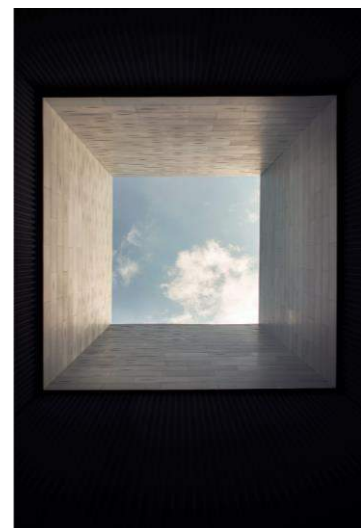
Este espaço “cá fora” transmite-nos sensações que, simultaneamente, se complementam e se opõem. Por um lado, não temos qualquer percepção visual da vida no exterior, e sentimo-nos ainda “dentro” do edifício, ao podermos ver uma mulher concentrada ao computador por entre os elementos metálicos. De outra perspectiva, conseguimos ouvir pessoas do lado de lá do muro, e ter noção de que estamos a um nível inferior ao da rua.

Olhamos para cima. As cores que contrastam e reflectem a luz, os vãos nas lâminas de metal que deixam adivinhar o que é o seu interior, um silêncio que fala mais alto que o ruído para lá do edifício. A contemplarmos o céu, inspiramos fundo e apreciamos...



3.22 | 3.23 Atmosfera dos pátios | Casa Ri, Brissago, Wespi de Meuron Romeo (2013).

3.24 Toque com o céu, sem percepção da rua, através dos pátios

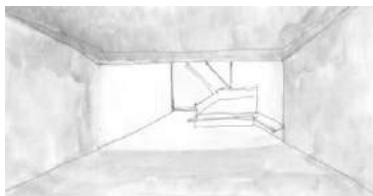


Visitar

3.25 Escadaria pública num atravessamento coberto | Edifício de acolhimento Baixa-Castelo, Lisboa, João Pedro Falcão de Campos (2013)

3.26 Vista (coberta) sobre o exterior do atravessamento público | Proposta

3.27 Atmosfera criada pelo saguão num espaço interior | Galeria-estúdio, Bangucoque, ASWA (2015)



Caminhando pela Rua Afonso Anes Penedo, chegamos ao cruzamento com a Rua José Domingos Barreiros e daí observamos a fachada orientada a Norte. Desponta um momento de exceção, sugerido quase como um prolongar da rua de onde viemos para dentro do lote do edifício. Escavando o volume do todo, é criada uma passagem transversal.

Despertando-nos interesse, avançamos sob este atravessamento. Transitamos do caminhar sob a calçada, para uma imponente escadaria. À medida que subimos, degrau a degrau, encontramos um casal. Vão no sentido contrário, conversando animadamente. Escutamos as suas vozes, os seus risos, que pelo betão ecoam. Prosseguimos, neste espaço coberto, marcado por um andar na sombra. Chegamos a um patamar. A nossa visão da rua é já praticamente inexistente, com uma luz ao fundo, já distante.

Reparamos à nossa frente numa silhueta, já no espaço exterior. Por detrás da guarda opaca, sobe em direcção a um nível superior. Supomos que, pelo barulho que escutamos de pessoas, seja a rua. Ao nosso nível, uma avó e neta comem um gelado. Felizes, repousam no banco que aparenta ser parte integrante da guarda de betão, olhando o céu. A luz ténue emoldura este gesto simples mas enternecedor.

Ainda debaixo da laje, somos chamados a virar à direita. Uma porta deixa transparecer luz, que se dissipa onde estamos. Acedemos ao convite que nos faz, avançamos para o espaço interior e ficamos imediatamente sob a claridade. Contornamos o poço de luz, estamos de novo sombreados. Observamos um painel informativo e, dois passos depois, estamos novamente na presença de luz.

Este jogo faz-nos questionar o seu porquê, o que se passa para lá do saguão. Entretanto, passa por nós um casal de estrangeiros, seguindo as naves que se seguem. Induzidos pela curiosidade, apressamo-nos a segui-los.

Observamos com calma e atenção a exposição. Paredes separam certos momentos desta e apercebemo-nos da sua forte presença. A sua espessura evidencia mais a marcação dos espaços e o seu tom escuro reflecte a luz, destacando os elementos expostos,

A exposição trata da topografia, falando sistematicamente em “geomonumento”. Caminhamos no espaço aberto, como um grande corredor. O andar contra a luz permite-nos reconhecer a sua longevidade, ver a sua impressão no pavimento frio. Aproximamo-nos do fim e somos direccionados a contornar os elevadores, que funcionam como barreira do que existe para lá.

Damos a volta e avistamos algo, um volume. Expectantes, aproximamo-nos mais e somos surpreendidos com a percepção do exterior. Ficamos com a sensação de o edifício ser abraçado pelo terreno. Observamos a escarpa lá fora. Embora continuemos no interior, chega-nos uma leve brisa e rasgos de luz, que se dissipa no espaço. O que nos separa de onde estamos do lado de fora recorda-nos um esqueleto perfurado. Afunila-nos a visão, como se trabalhasse como pele do edifício.

Com vontade de ver mais de perto, passamos o vão aberto em altura, deslocamo-nos para uma espécie de patamar, agora sim no exterior. Neste momento, todo o conteúdo do espaço expositivo ganha mais e um maior sentido.

Com o vento a bater-nos na face, contemplamos a manifestação da terra e o seu toque com o sítio onde nos encontramos. Inspiramos, cheira-nos a solo. O contacto da terra com o céu azul celeste mantém-nos neste ambiente, tão contrastante com os experienciados ao longo do edifício. Talvez por estarmos “protegidos” pelo geomonumento, a luz que nos chega parece menos directa.

Observamos uma escada que vem da rua, desagua neste mesmo patamar, e segue até cima. Pela sua forma, parece fundir-se com a topografia. Após o captar deste instante, regressamos para dentro e percebemos que não



3.28 Galeria expositiva em naves | Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Ruy D'Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa (1969)

3.29 Percepção das naves museológicas | Proposta

3.30 Relação visual com a topografia exterior de excepção | Igreja de Santo António, Portalegre, João Carrilho da Graça (2008)

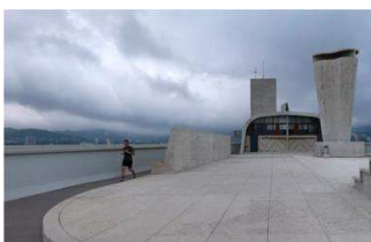




3.31 Vista sobre o geomonumento, do patamar da escada exterior

3.32 Cobertura como local de estadia
| Proposta

3.33 Cobertura como local de estadia
| Unidade de Habitação, Marselha, Le Corbusier (1952)



estamos assim tão “interiormente”. A materialidade da escada e do patamar prolonga-se como pavimento para o sítio que agora nos sustenta.

Atentamos, neste instante, ao que temos em frente. Uma escadaria e dois elevadores delimitam este espaço. Debruçamo-nos sobre um vazio à nossa esquerda, que nos permite espreitar para a zona de entrada no piso térreo. Uma família entra nesse momento, pede informações no balcão.

A vontade de subir no edifício cresce em nós e dirigimo-nos aos elevadores. Carregamos para o chamar e segundos depois abre as suas portas de vidro. Damos passagem a um jovem casal e entramos. À medida que vamos subindo, é-nos possível espreitar em direcção à escarpa. Vamos percepcionando o câmbio da perspectiva exterior, através das perfurações da fachada.

A subida pára, chegámos ao destino final. Deslizam as portas e ficamos surpresos, estamos no “telhado” do edifício. Damos um passo e temos dificuldade em perceber tudo o que se estende à nossa frente. Uma pista onde alguns correm, outros caminham. Um parque infantil com crianças a brincarem, rindo em alta voz. Espaços exteriores que nos convidam a estar.

Existe uma vida neste local. A cobertura é um culminar das variadas vivências que o edifício comporta. A cobertura existe como local de estadia. Culmina, numa zona de miradouro, onde diversas silhuetas contemplam a vista. Expande-nos o olhar, em panorama.

Olhamos mais longe, e o fim de tarde cai sob o rio. O por do sol reflecte-se sob a água. E temos a sensação de, por todo este caminho, a luz ter andado a par connosco, ao nosso lado...

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relatório, procurou-se registar e explicitar a forma e os processos através dos quais se concebeu uma proposta capaz de, na realidade, responder aos vários objectivos que nos propusemos a cumprir. *(Re) Habitar Marvila* designa a estratégia de projecto que, tal como o nome indica, procura reactivar uma parte esquecida e desorganizada da cidade de Lisboa. Porém, dada a escala e natureza deste trabalho, foi necessário escolher e desenvolver uma das acções propostas para uma requalificação da área (em contexto de trabalho de grupo).

O lote compreendido entre a Rua Amigos de Lisboa, a Rua do Açúcar e a Rua José Domingos Barreiros destacou-se, de forma quase imediata, pelas suas características no que diz respeito ao terreno e topografia. O presente Projecto Final de Mestrado é um contributo e possível abordagem para estas, após um olhar e reflexão críticos.

O processo desta procura de soluções e estratégias que lidassem com as condicionantes referidas baseou-se no cruzar de um pensamento desenhado com algumas referências arquitectónicas.

Na definição de uma estratégia no sentido de unificação da imagem e expressão do edifício, capaz de lidar com o seu volume (160 x 24m), a diversidade programática e a topografia, foi fundamental o contributo do trabalho de Steven Holl. O aplicar do conceito de “porosidade” é algo constante nos seus projectos, embora em escalas e contextos distintos do presente trabalho.

Na estruturação do edifício em si, nomeadamente na relação da estrutura com a montagem tipológica, bem como na definição dos vários tipos de fogos, o exemplo da Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier, foi de grande importância.

Considerou-se o tema da definição dos fogos, que lidam com frentes orientadas a Norte e Sul, umas das complexidades da proposta, resolvida à base de saguões e pátios. Outra questão apontada como dificuldade foi a

acção de distribuição do programa, lidando com uma topografia muito diferente nos dois lados mais longos do edifício. Estas questões foram solucionadas com recurso a numerosos cortes transversais, constantemente articulados com plantas.

Como aspectos mais positivos, considera-se o exercício de ir da cidade ao fogo, em termos de projecto. A descoberta da relação e articulação entre exemplos (textuais e projectuais) e temas abordados foi algo que foi surgindo ao longo deste processo, ganhando peso à medida do desenvolvimento da proposta. Por último, a viagem final pelo projecto, o pensar acerca das ambiências, da luz, da matéria, do espaço.

“(...) penso não querer provocar emoções com as obras, mas sim permitir emoções.” ⁶⁴

Este documento contém 9428 palavras.

⁶⁴ ZUMTHOR, Peter (2006) *Pensar a arquitectura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 29.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher (1977), *A Pattern Language*, Nova Iorque: Oxford University Press.

BENJAMIN, Walter (2014), *Imagens de Pensamento*, Lisboa: Assírio & Alvim.

CAEIRO, Mário Jorge (2011) *Lisboa Cidade do Nada: Marvila*, Lisboa: Extra Muros.

CALDEIRA, Duarte (2014), *Inner Territory*, Lisboa: Uzina Books.

CAMPO BAEZA, Alberto (2011), *Pensar com as mãos*, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *A ideia construída*, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CAMPO BAEZA, Alberto (2013), *Principia Architectonica*, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CARERI, Francisco, *Pasear, Detenerse*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (2015) *Carrilho da Graça: Lisboa*, Porto: Dafne Editora.

COSTA CABRAL, B., VARANDA, F., BAÍA, P., PROVIDÊNCIA, P., OLIVEIRA COUTO, M., (2016), *Bartolomeu Costa Cabral: 18 Obras*, Porto: Circo de Ideias.

DELEUZE, Gilles (2000), *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio D'Água.

DELEUZE, Gilles (1993), *The Fold*, Minnesota: University of Minnesota Press.

ESPUELAS, Fernando (2004), *Il Vuoto: Riflessioni sullo spazio in architettura*, Milão: Marinotti.

FIGUEIREDO, Vítor, ARENGA, Nuno (2012), *Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso*, Porto: Circo de Ideias.

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge (1999) *Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial*, Lisboa: Livros Horizonte.

GUARDADO, Mariana (2013), *Steven Holl: A poética do concreto*, Porto: Faculdade de Arquitectura, UP, Tese de Mestrado.

HIPÓLITO, Fernando (2011), *Sítio, Projecto e Arquitectura*, Lisboa: TrueTeam.

HOLL, Steven (1989), *Anchoring*, New York: Princeton Architectural Press.

HOLL, Steven (2002), *Idea and Phenomena*, Lars Muller Publishers.

HOLL, Steven (1996), *Intertwining*, New York: Princeton Architectural Press.

HOLL, Steven (2000), *Parallax*, Basel: Birkhäuser.

JENKINS, David (1993), *Unité D'Habitation, Marseilles: Le Corbusier*, Londres: Phaidon Press.

LAMEIRO, Carlos (2015) "*Documento 1. Programa Turma C*" em documento no âmbito da disciplina Laboratório de Projecto VI, Lisboa: Faculdade de Arquitectura, UL.

MIGAYROU, Frédéric, CINQUALBRE, Olivier (2015), *Le Corbusier: Mesures de L'homme*, Paris: Éditions du Centre Pompidou.

ROSSI, Aldo (1995), *La arquitectura de la ciudad*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

SOUZA DE OLIVEIRA, Alberto (2017), *Os projectos são oportunidades de investigar ideias*, Lisboa: Uzina Books.

TÁVORA, Fernando (2008), *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP publicações.

VALENTE, Ana Rita (Abril, 2016), *[Re]Habitar para [Re]Vitalizar: Edifícios Multifuncionais como catalisadores de cidade em Braço de Prata*, Lisboa: Faculdade de Arquitectura, UL, Tese de Mestrado.

ZUMTHOR, Peter (2006) *Atmosferas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

ZUMTHOR, Peter (2006) *Pensar a arquitectura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

WEB

<http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/toponimia>

https://www.researchgate.net/publication/221467193_Design_Concepts_in_Architecture_the_Porosity_Paradigm

<https://sociologico.revues.org/38>

ANEXOS

A_I. Processo de trabalho

Painéis Análise de grupo MIARQ 5C

Painéis Finais Laboratório de Projecto VI

Painéis Finais Seminários

Esquissos

Maquetes de estudo

A_I. Peças Finais

Maquetes

Painéis Síntese

A_I. Processo de trabalho

Painéis Análise de grupo MIARQ 5C

Painéis Finais Laboratório de Projecto VI

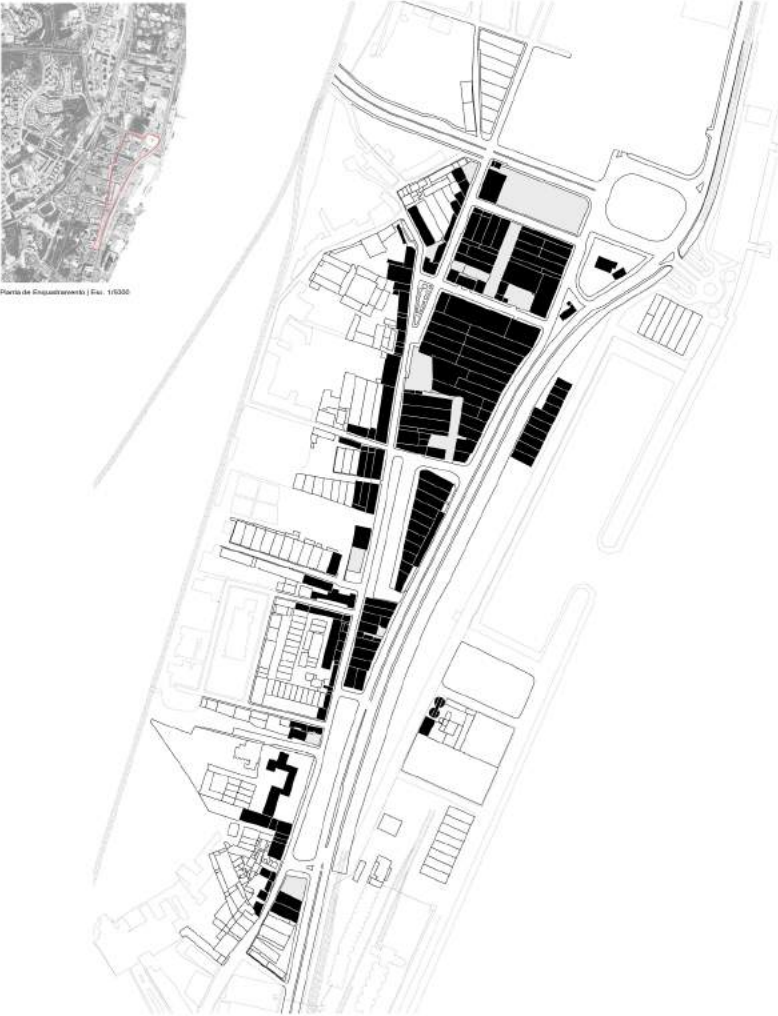
Painéis Finais Seminários

Esquissos

Maquetes de estudo



Plano de Enquadramento | Esc. 1:10000



DESENHO 1. Manchas de ocupação construída | Esc. 1:10000



DESENHO 2. Estrutura verde e acidentes/obstáculos no terreno | Esc. 1:10000

TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS

EDIF. HABITACIONAIS



1. PRÉDIO DE REFINAMENTO



2. VILA



3. PALÁCIO

EDIF. INDUSTRIAIS



1. INSTALAÇÃO FABRIL, SÉC. XX



2. ARMAZÉM, TRANSIÇÃO SÉC. XIX/XX



3. ARMAZÉM, SÉC. XX



1. ARMAZÉM, SÉC. XX

MATERIALIDADES



FERRO



AZULEJO INDUSTRIAL, SÉC. XIX



MADEIRA



PEDRA CALCÁREO



AZULEJO DE AUTOR, SÉC. XX



TILHA E REDIDO



Casa José Domingos Ferreira, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Alago e armazém do vinho Abel Pimenta da Fomosa, construído em 1912 e do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Armazém do vinho Abel Pimenta da Fomosa, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Vila Pimenta, complexo de habitação construído em 1907
Desenho Técnico E. 1/1000



Vila Pimenta, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Palácio da Mitra, século do séc. XX e do séc. XVIII
Desenho Técnico E. 1/1000



Palácio da Mitra, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Capela do Espírito Santo, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000



Capela do Espírito Santo, século do séc. XX
Desenho Técnico E. 1/1000

DESENHO 3. "Linha" arquitectónica e Materialidade do edifício | Esc. 1:10000

DESENHO 4. Edifício encaixado | Esc. 1:10000



Plano de Lisboa inventada por Filipe Figueira (1856-1858)
Esc. 1/10000



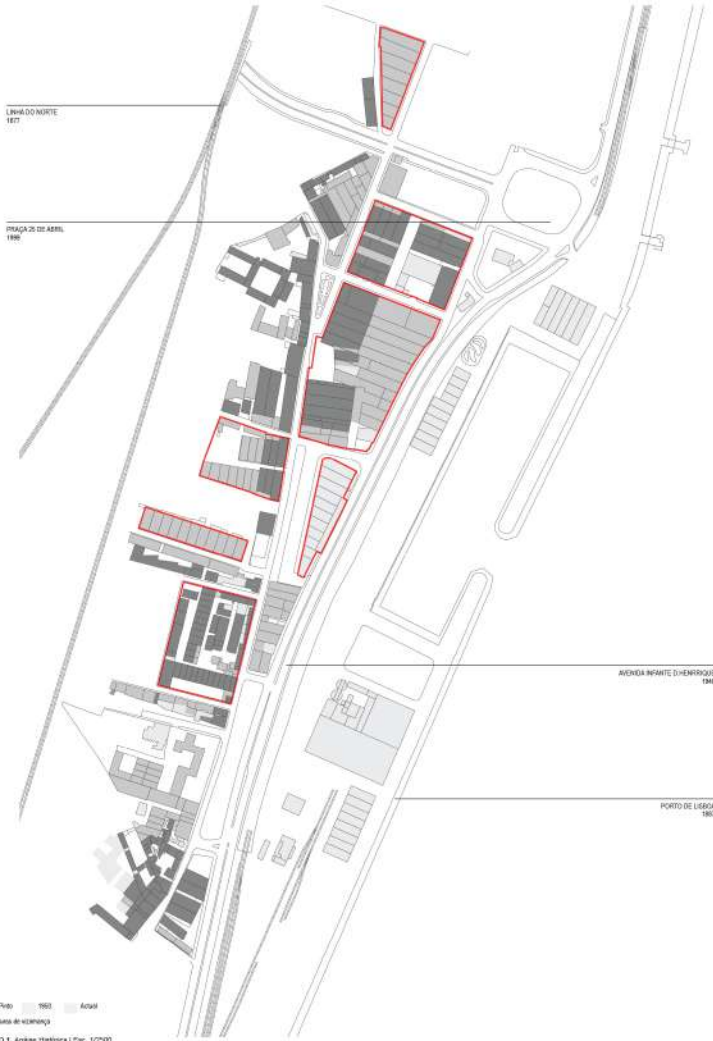
Plano de Lisboa inventada por Silva Pinto (1904-1911)
Esc. 1/10000



Plano de Lisboa inventado pelo serviço de cartografia do Exército Português (1975)
Esc. 1/10000

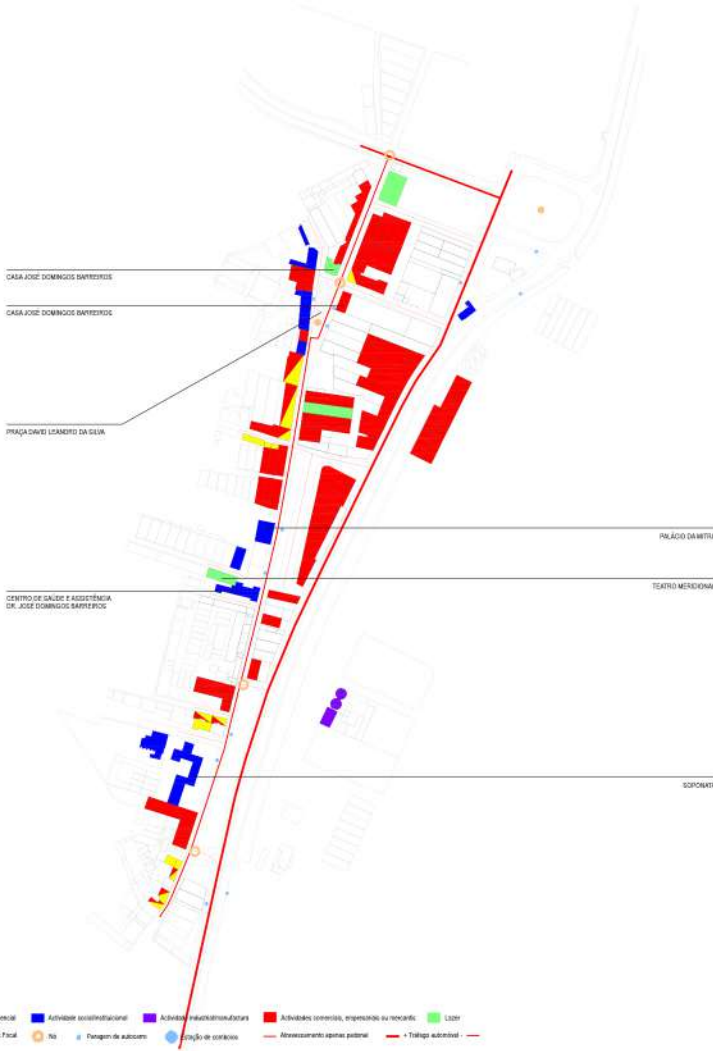
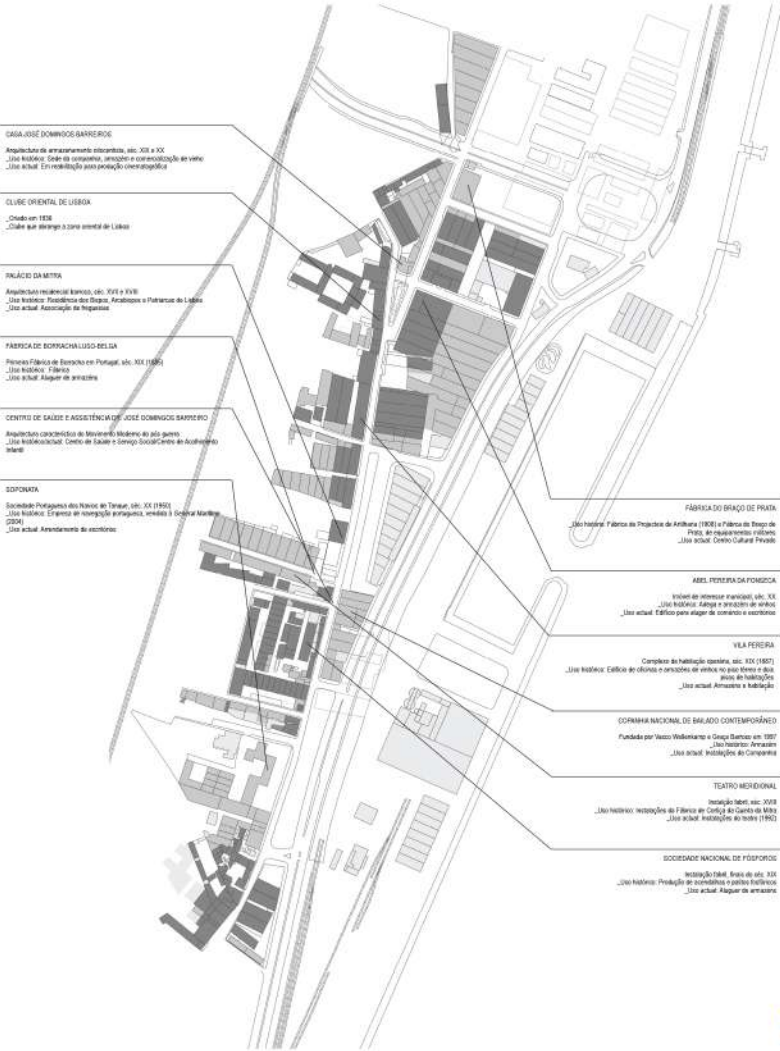


Plano de Lisboa - ortofotografia (2004)
Esc. 1/10000



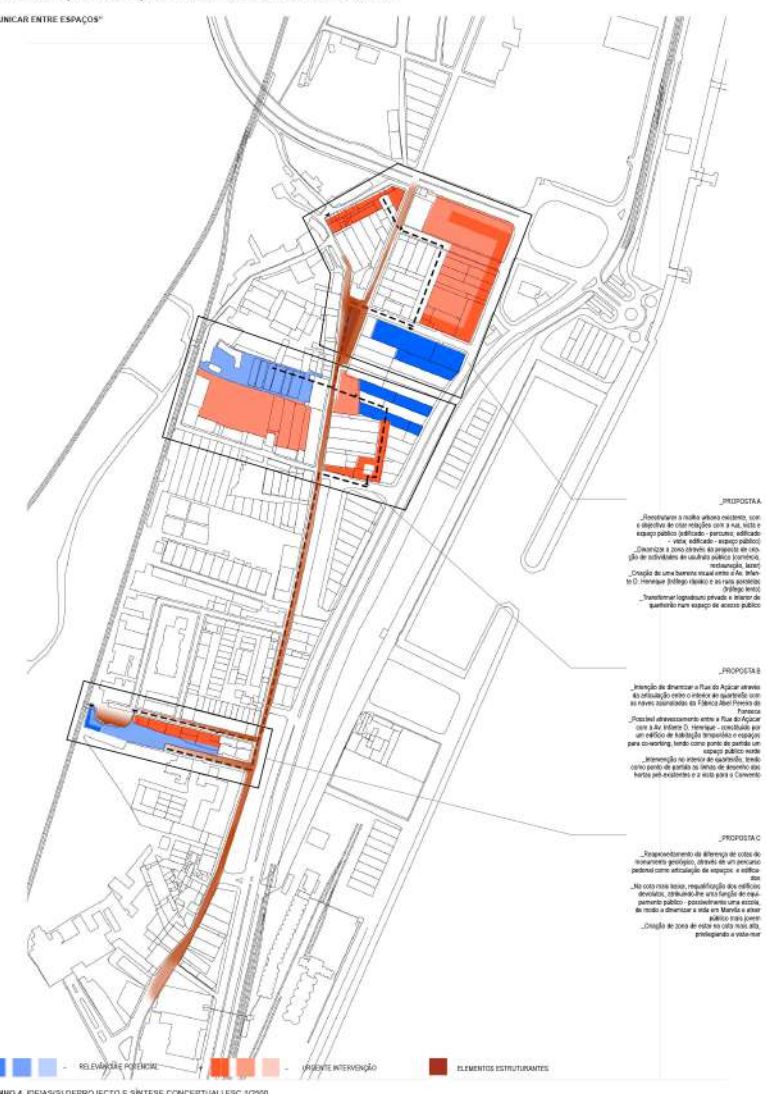
DESENHO 1: Análise Histórica (Esc. 1/2000)

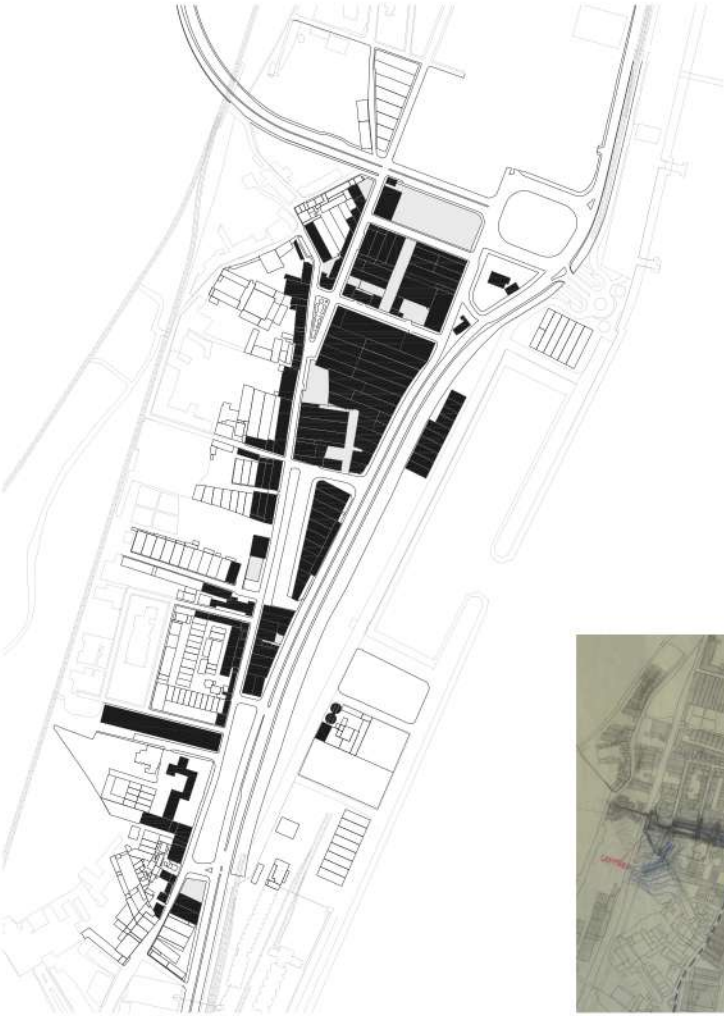
ANÁLISE HISTÓRICA, Enquadramento | Esc. 1/10000



DESENHO 2: Análise Social e Humana (Esc. 1/2000)

DESENHO 3: Análise Histórica (Esc. 1/2000)





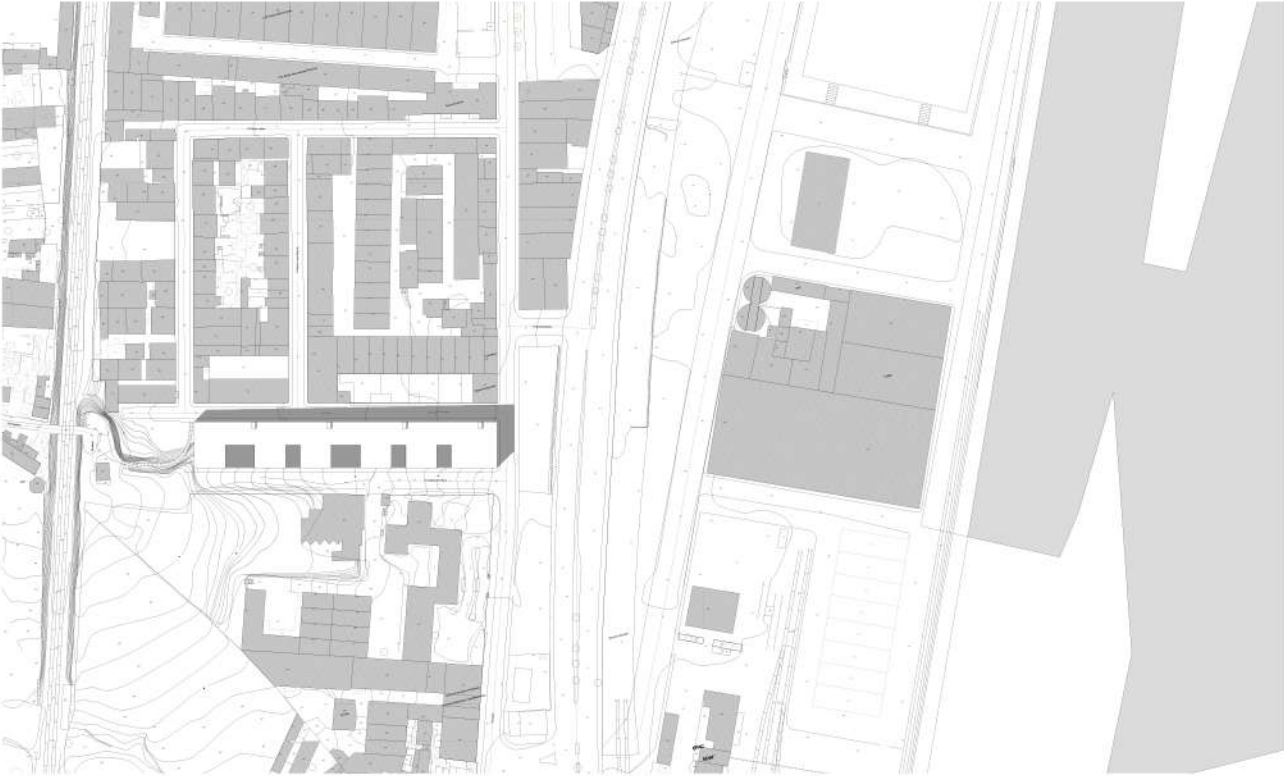
EDIFÍCIO MULTIFUNCIONAL	
HABITAÇÃO	
12 Habitações – Tipo 1	1154.07 m2
20 Habitações – Tipo 2	14586.3 m2
10 Habitações – Tipo 3	2235 m2
2 Habitações – Tipo 4	256.4 m2
10 Habitações – Tipo 5	2356.2 m2
	20647.97 m2
ESTACIONAMENTO	
	3595 m2
OFICINAS/ESPAÇOS DE TRABALHO	
	1285 m2
GINÁSIO/HEALTH CLUB	
	2360 m2
ÁREAS TÉCNICAS/ I.S.	
	254.2 m2
ÁREAS TÉCNICAS/ I.S.	
	146.4 m2
TOTAL ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO	18472.04 m2

MAPA DE ÁREAS



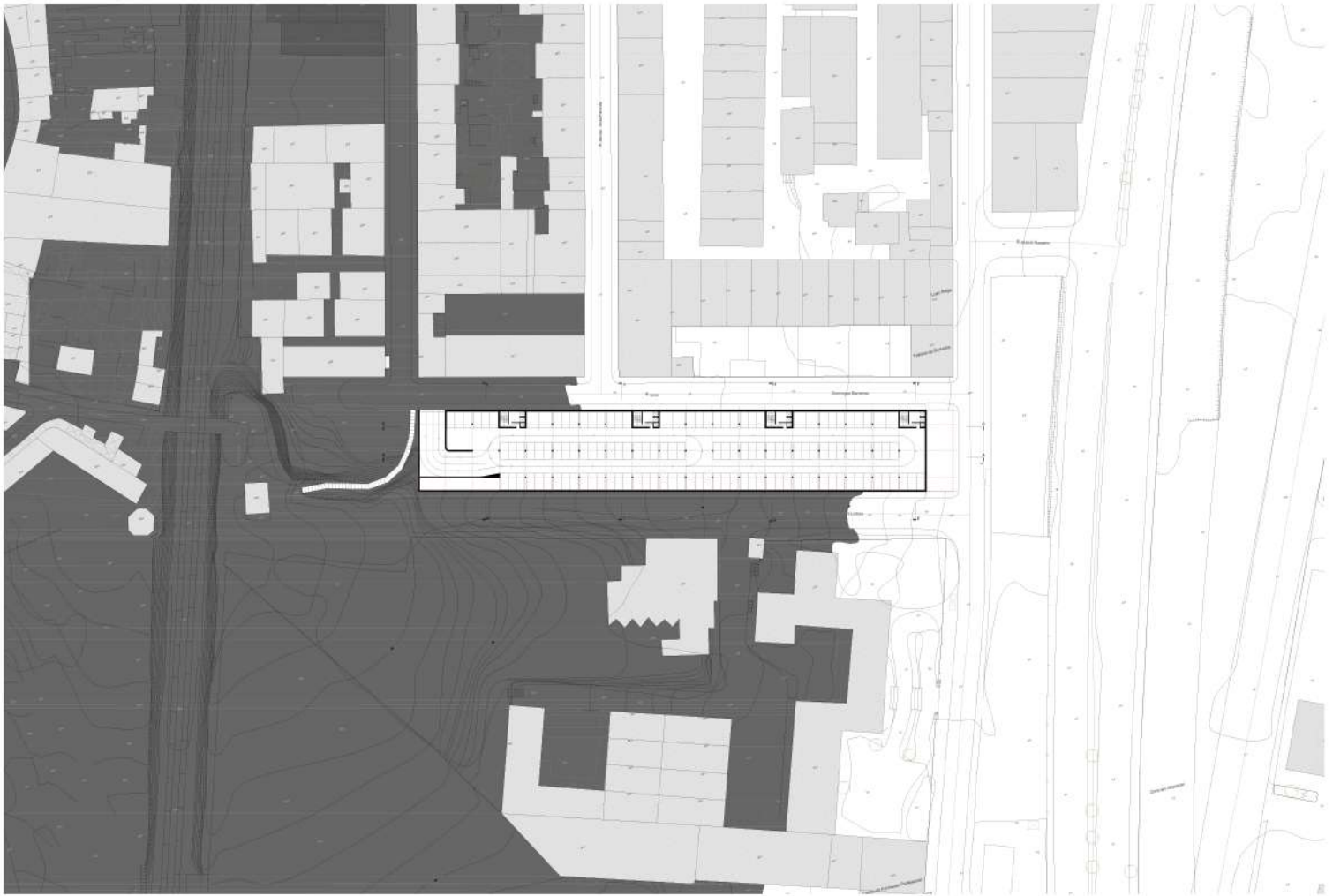
PLANTA DE NOLI | 1:2500

ESQUEMAS CONCEPTUAIS



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | 1:1000

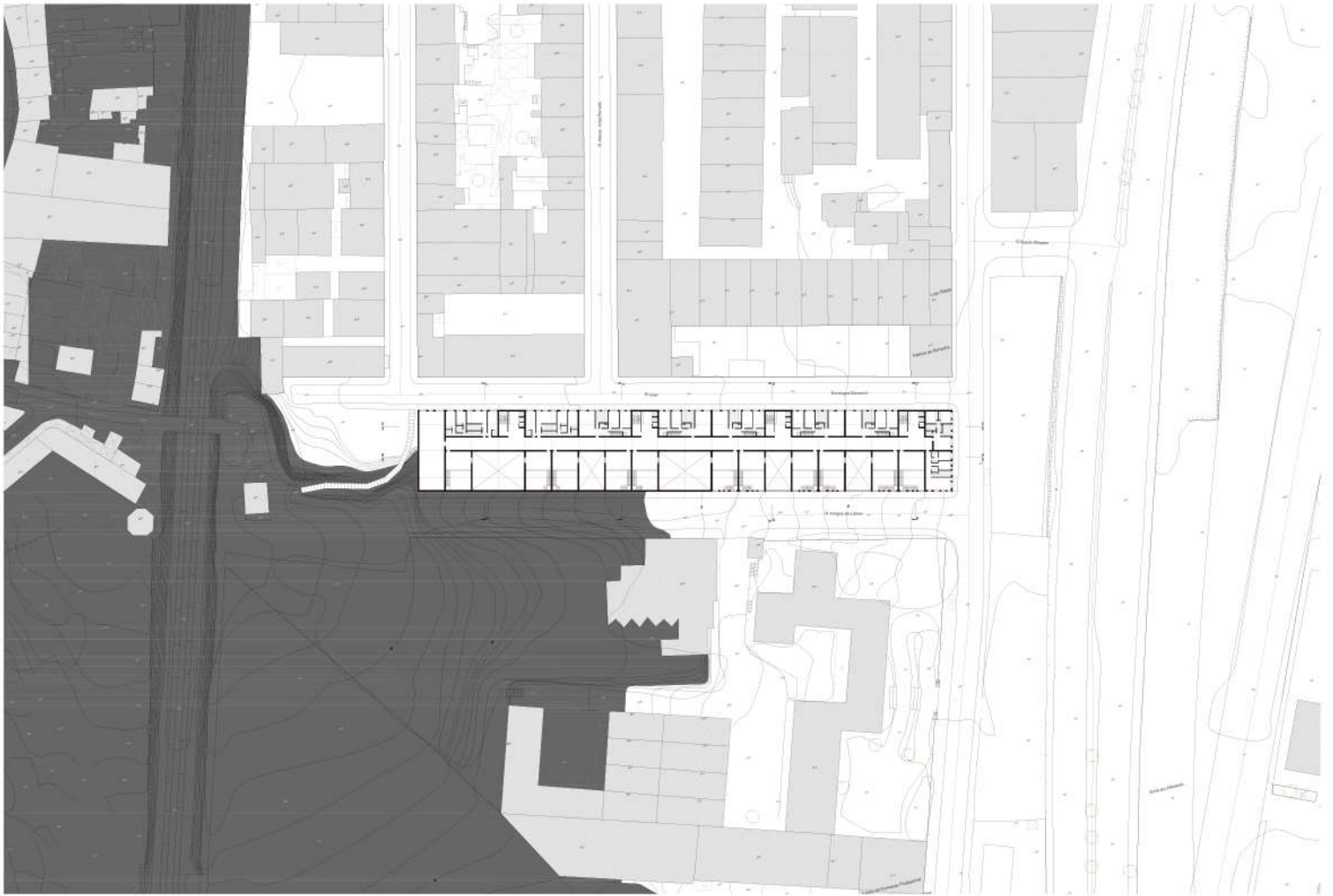




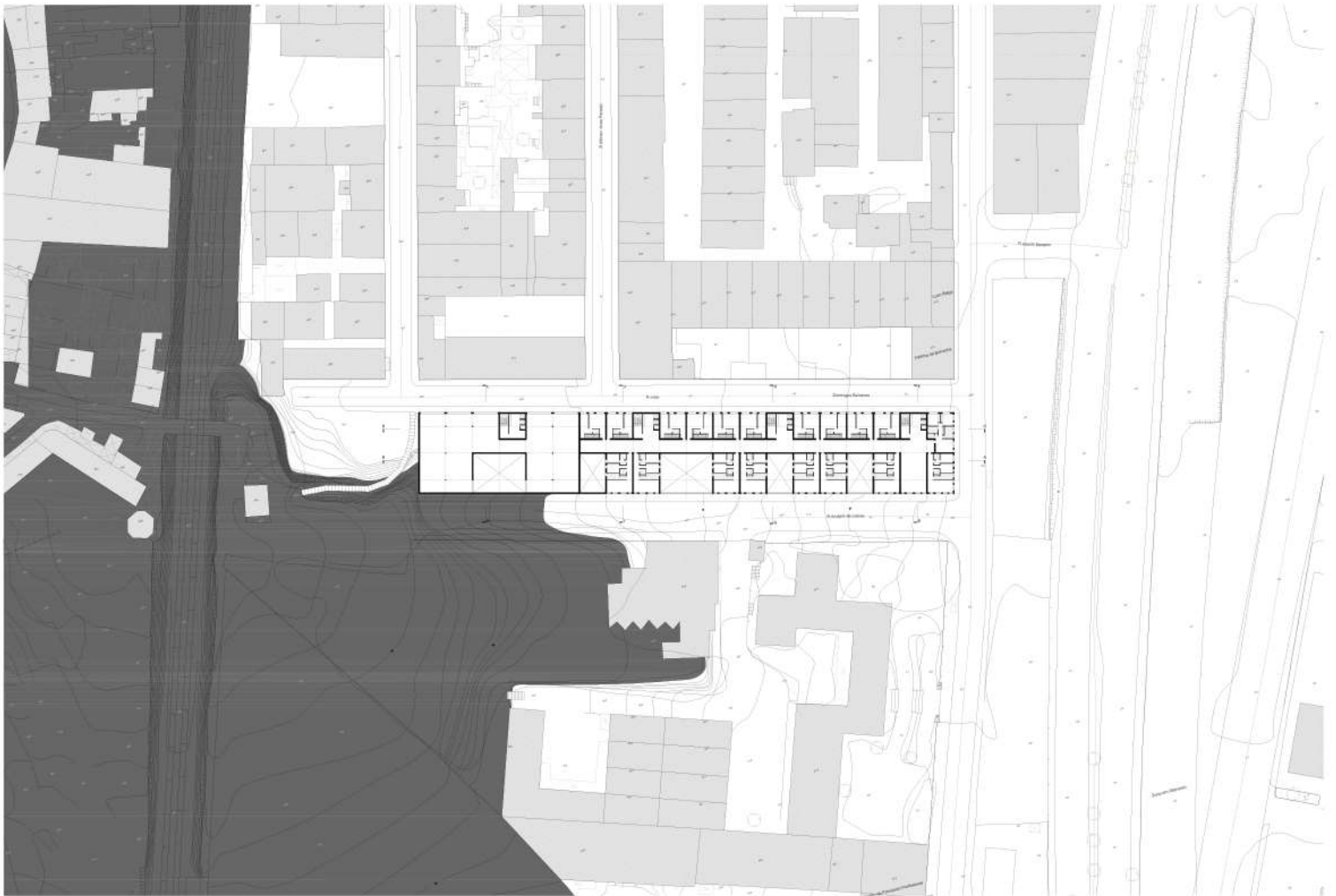
PLANTA DO PISO -1 NÍVEIS 5.24 - 7.90 | 1:500



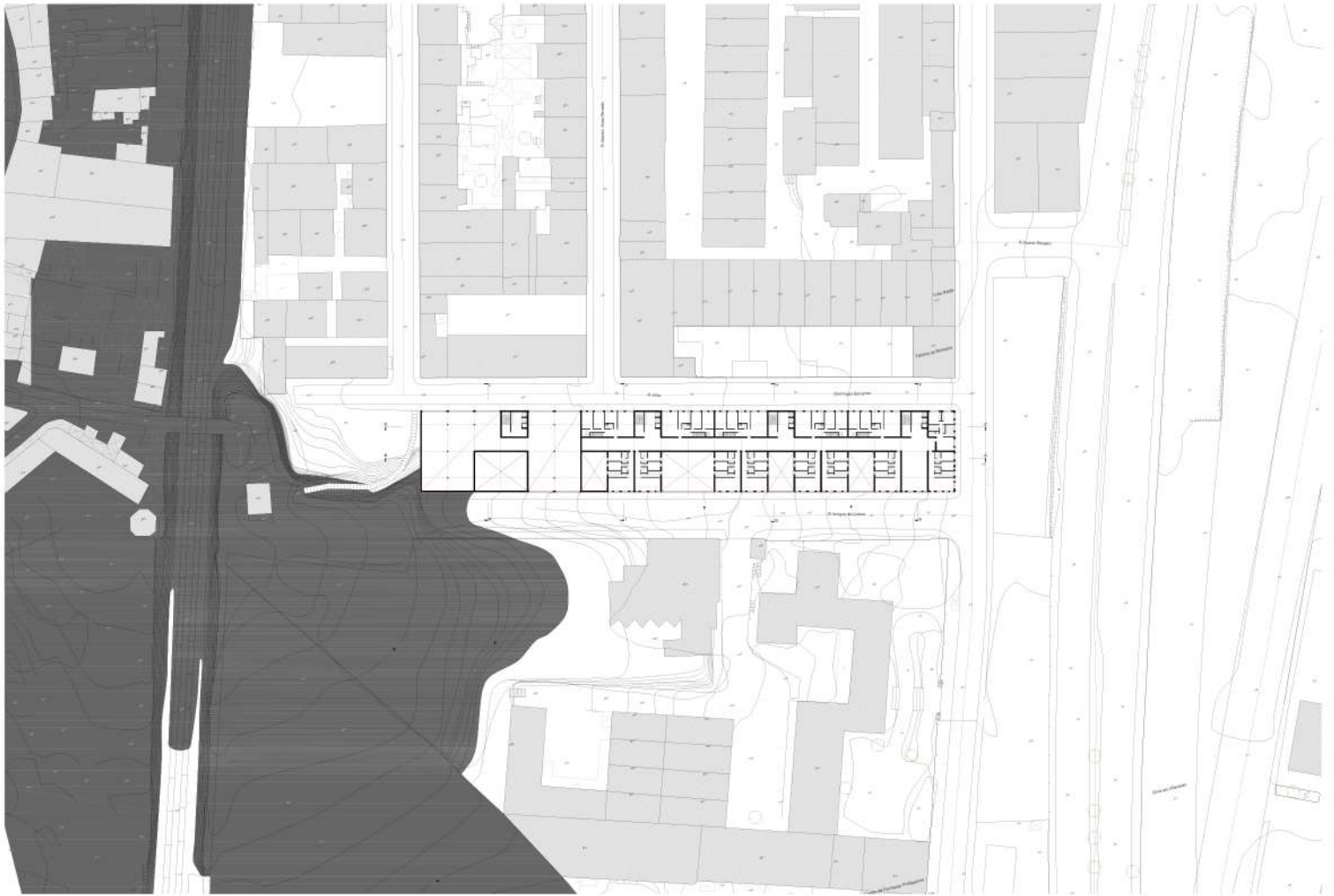
PLANTA DO PISO TÉRREO NÍVEIS 8.81 - 11.40 | 1:500



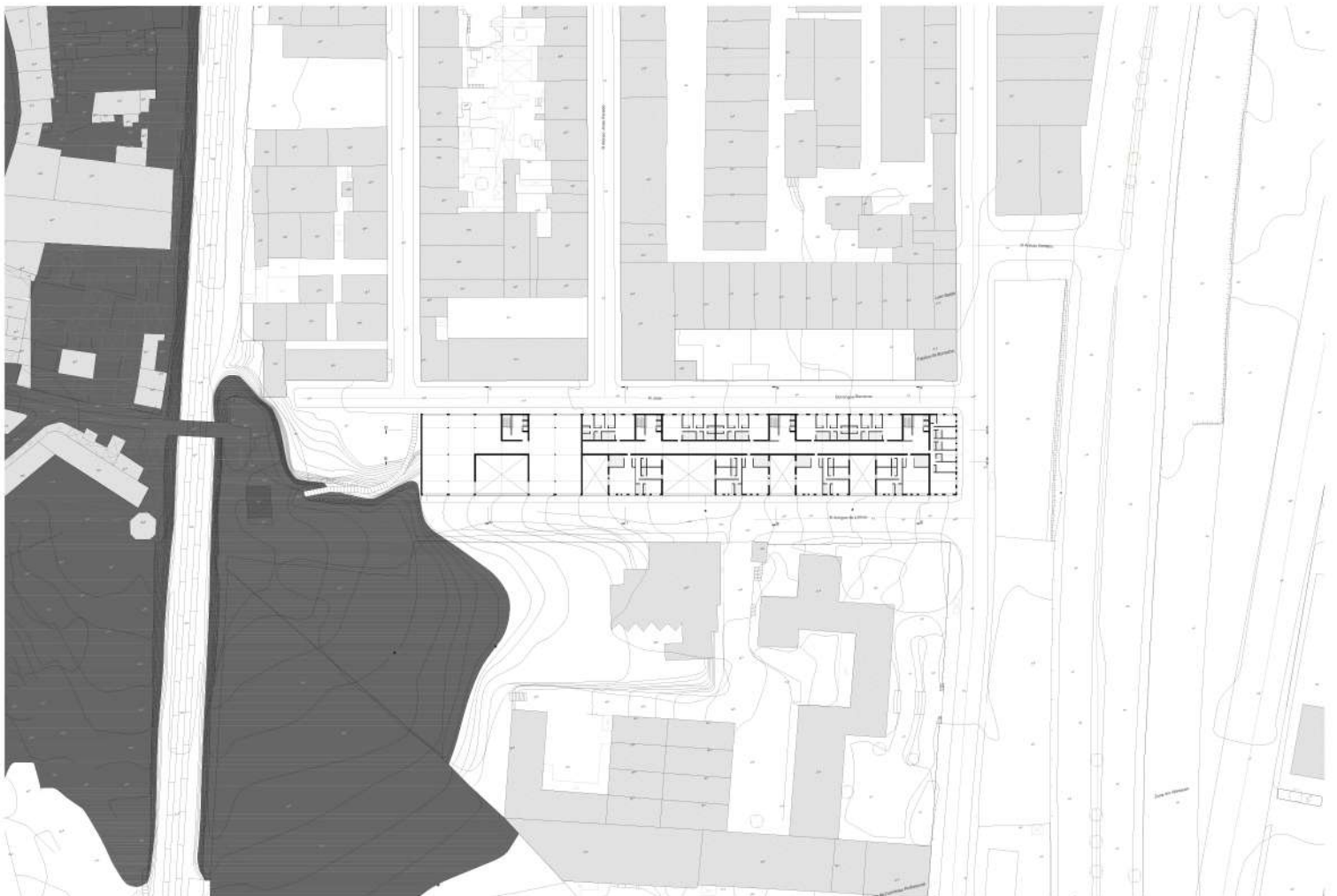
PLANTA DO PISO 1 NÍVEL 14.60 | 1:500



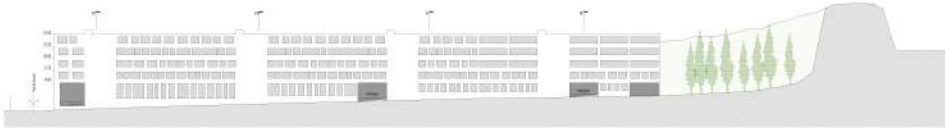
PLANTA DO PISO 2 NÍVEL 17.70 | 1:500



PLANTA DO PISO 3 NÍVEL 20.80 | 1:500



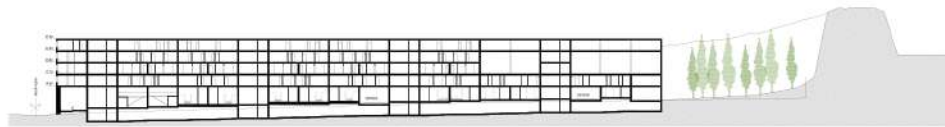
PLANTA DO PISO 4 NÍVEL 23.90 | 1:500



ALÇADO RUA JOSÉ DOMINGOS BARREIROS | 1:500



CORTE LONGITUDINAL AB | 1500



CORTE LONGITUDINAL CD | 1:500



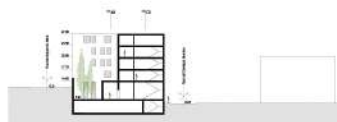
ALÇADO RUA AMIGOS DE LISBOA | 1:500



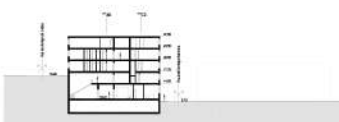
ALÇADO RUA DO AÇÚCAR | 1:500



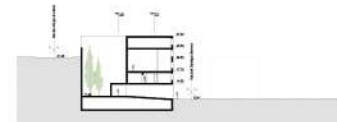
CORTE TRANSVERSAL EF | 1:500



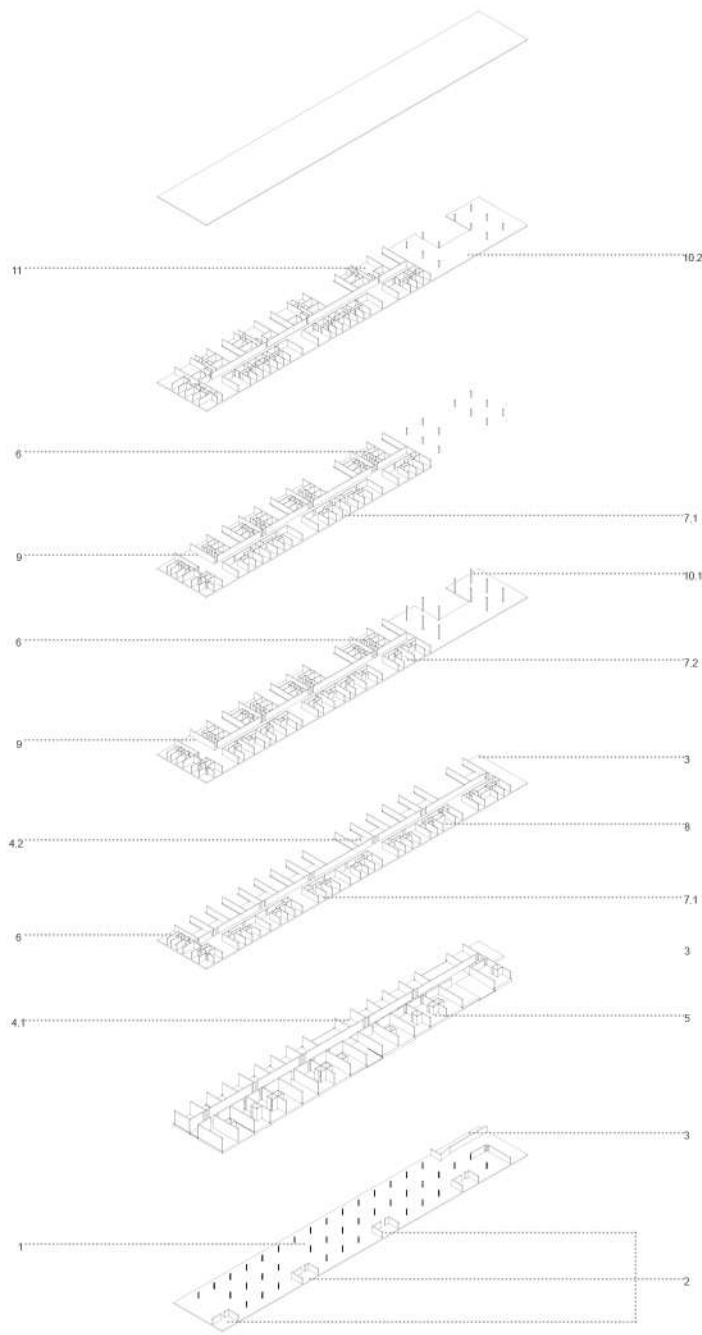
CORTE TRANSVERSAL GH | 1:500



CORTE TRANSVERSAL IJ | 1:500

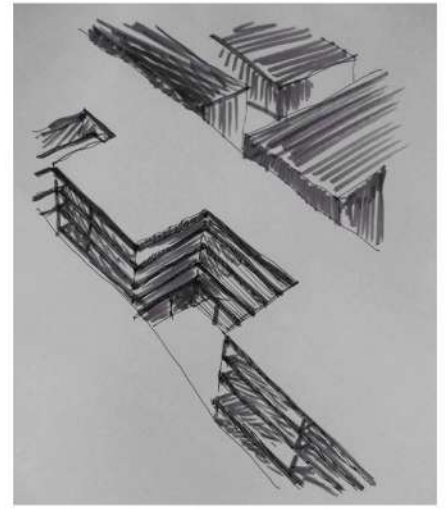
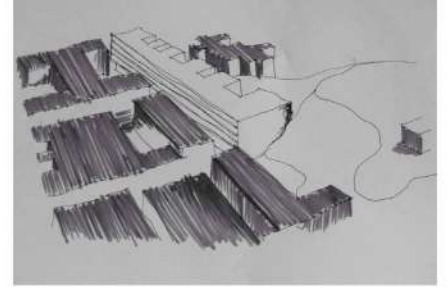


CORTE TRANSVERSAL KL | 1:500



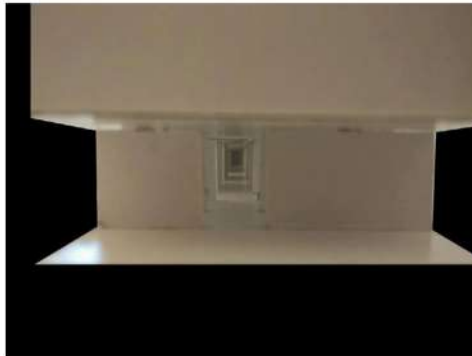
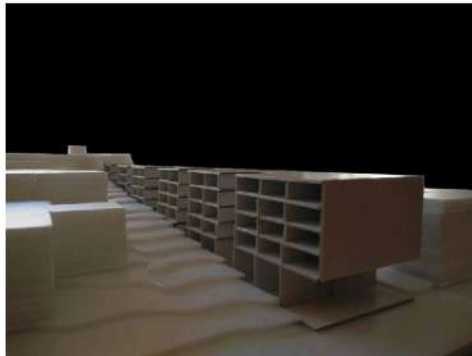
LEGENDA:

1. ESTACIONAMENTO
2. NÚCLEOS VERTICAIS
3. ÁREAS TÉCNICAS
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 4.1. ATELIERS/OFICINAS DE
TRABALHO
- 4.2. ZONA ADMINISTRATIVA/
ESCRITÓRIO
5. HABITAÇÕES TIPO 1
OPEN SPACE/
SMALL OFFICE HOME OFFICE
6. HABITAÇÕES TIPO 2
CASAS UNIFAMILIARES
7. HABITAÇÕES TIPO 3
- 7.1. CASA DUPLEX
- 7.2. ÁREA DE TRABALHO
INDEPENDENTE
8. HABITAÇÕES TIPO 4
CASAS SIMPLEX COM
ESPAÇO DE TRABALHO
INDEPENDENTE
9. ÁREAS SOCIAIS, DE ACESSO
LIVRE AOS MORADORES
- 10.1. GINÁSIO E HEALTH CLUB
- 10.2. ÁREA DE GANINETES,
ESTÚDIOS, ESCRITÓRIOS
11. HABITAÇÕES TIPO 5
CASAS DE MAIOR DIMENSÃO
E PRIVACIDADE



AXONOMETRIA EXPLODIDA | 1:500

PERSPECTIVAS



FOTOGRAFIAS MAQUETE 1:500



Terreno expectante e edifícios devolutos, com potencial para habitação e zona de miradouro público, devido ao ponto de vista privilegiado sobre a cota mais baixo e a linha do rio

Antiga fábrica com interesse histórico e relação privilegiada de proximidade com o rio

Antigo edifício habitacional, devoluto no presente, com potencial de reabilitação da fachada mal conservada



Vazio urbano com grande potencial para possíveis construções e ligação com a frente ribeirinha

Edifício notável do quarteirão com potencial de ligação com o edifício adjacente, necessitando este de urgente intervenção

Lote de cariz interventivo urgente, com vista na construção de novo edifício, visando uma ocupação de uso habitacional, restauração e equipamentos colectivos

Reabilitação das naves industriais, visando nova ocupação contendo equipamentos e espaço público

Edifício devoluto e em mau estado de conservação - possível lote habitacional com vista privilegiada

Vazio urbano com potencial vista sobre o rio

Aproveitamento do desenho das hortas urbanas para ligação e revitalização do interior do quarteirão - uso habitacional

Edifício em construção, cuja obra se encontra embargada, em que é proposta a reabilitação para usos habitacionais



Vazio urbano, descida de cota e edifícios devolutos em urgente intervenção, para possível intervenção urbana e aproveitamento da diferença de cota



Terreno devolutu propício para residências com vista privilegiada sobre o rio e miradouro público

Antigos terrenos de Quintas, com potencial para pontos de densificação

"Marvila apresenta-se ao breve olhar como um território inóspito, desconexo, descontinuo. Ao olhar semicerrado, revela-se fluida, cheia de altos e baixos, de coloridos e contrastes. (...) Marvila é um desses lugares que carregam o peso de serem periferia dentro de cidade(...)"



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DA ZONA A INTERVIR | ESC. 1/2000



(RE)HABITAR MARVILA 2

Requalificação urbana e articulação através de percursos e uma exploração do conceito de "Linkcity"

OBJECTIVOS

- Aproveitar a localização privilegiada de Marvila e reintegrar parte da sua zona industrial, trazendo fluxo permanente
- Criar maior coesão urbana e social, dentro da zona de Marvila e em relação a outras zonas da cidade
- Tentar atrair população mais jovem e permanente à zona de Marvila/Beato
- Utilizar determinados pontos e locais em Marvila, construir nesses pontos, com enfoque em habitação, e ligá-los num contexto urbano, através de alguns espaços públicos
- Analisar e entender quais os modos de habitação menos comuns e mais indicados para uma população mais jovem, com o objectivo de atrair mais a esta zona (habitação colectiva, habitação temporária, habitação evolutiva, co-habitação)
- Tentar tirar proveito das diferenças de cotas existentes e as possibilidades de direccionar residências para determinadas vistas sobre toda a cidade, tirando maior partido possível da localização e da proximidade com a frente de rio
- Criar percursos entre estas áreas residenciais, que deem destaque a estas novas tipologias e criem coerência a nível urbano
- Explorar novas formas de habitação

PALAVRAS-CHAVE

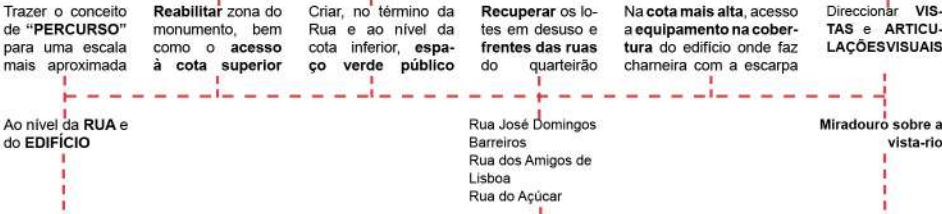
- REINTEGRAÇÃO URBANA
- PERCURSO URBANO
- RELAÇÃO COTA BAIXA-COTA ALTA
- (RE)DIRECCIONAR VISTAS
- HABITAÇÃO NÃO-CONVENCIONAL

REVITALIZAR

Ação de atribuir nova vida a algo (...); revificar; reanimar; revigorar

REVITALIZAÇÃO

Conjunto de ações que buscam dar novo vigor, força, energia a alguma coisa: projecto de revitalização do bairro



CONSOLIDAÇÃO DAS RUAS E DO TRAÇADO URBANO

ARTICULAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO DOS VAZIOS URBANOS E POSSÍVEL INTERESSE HISTÓRICO

PERCURSO URBANO

"The city of the future should aim at uniting its inhabitants - is a certain sense as consequences and at the same time in opposition to the homologating trend of the global world - in order to become a Linkcity, a place of real links besides the virtual ones."

PROGRAMA

PISO TÉRREO

- PERCURSO DENTRO DO CONSTRUÍDO
- Fachada Norte - Habitações em nível superior ao da rua pedonal
- Fachada Sul Enterrada - Espaços Empresariais Duplex

PISOS SUPERIORES

- Fachada Norte - Habitação Soho Duplex com espaço de trabalho independente
- Fachada Sul - Habitação Unifamiliar de maior área
- Co-working com fachada a Norte e enterrado a Sul

Acesso aos pisos superiores através de rua interior

Acesso por galeria interior

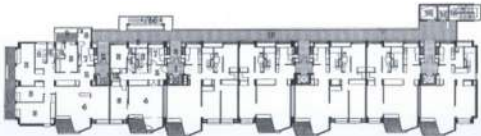


Edifício em Sevilha Cruz y Ortiz Arquitectos, 1976

PERCURSO PEDONAL ASSISTIDO DA BAIXA AO CASTELO DE SÃO JORGE João Pedro Falcão de Campos, 2009



QUARTIERE GALLARATESE Aldo Rossi, 1974



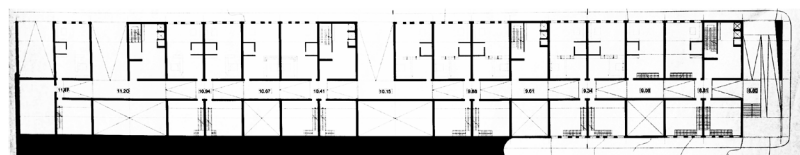
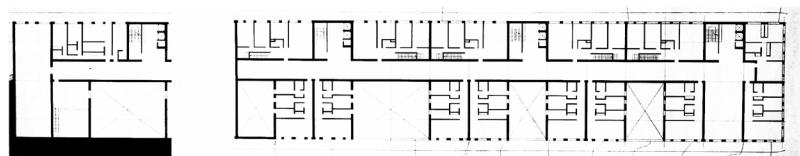
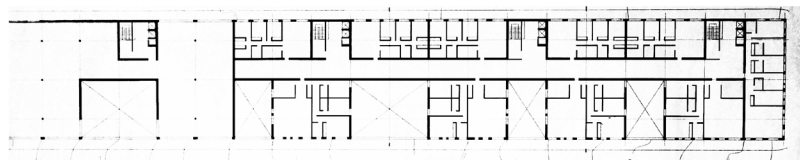
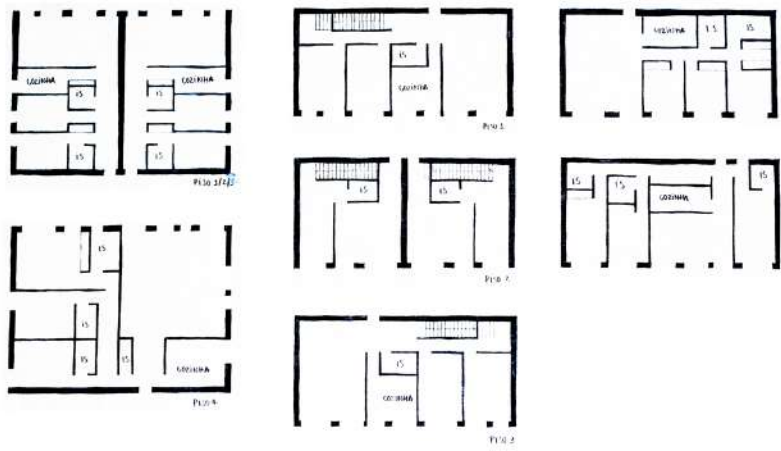
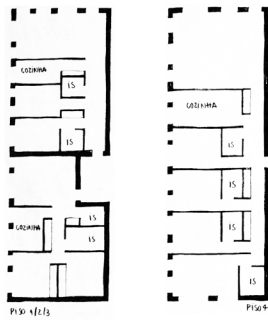
BLOCO DAS ÁGUAS LIVRES Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, 1953



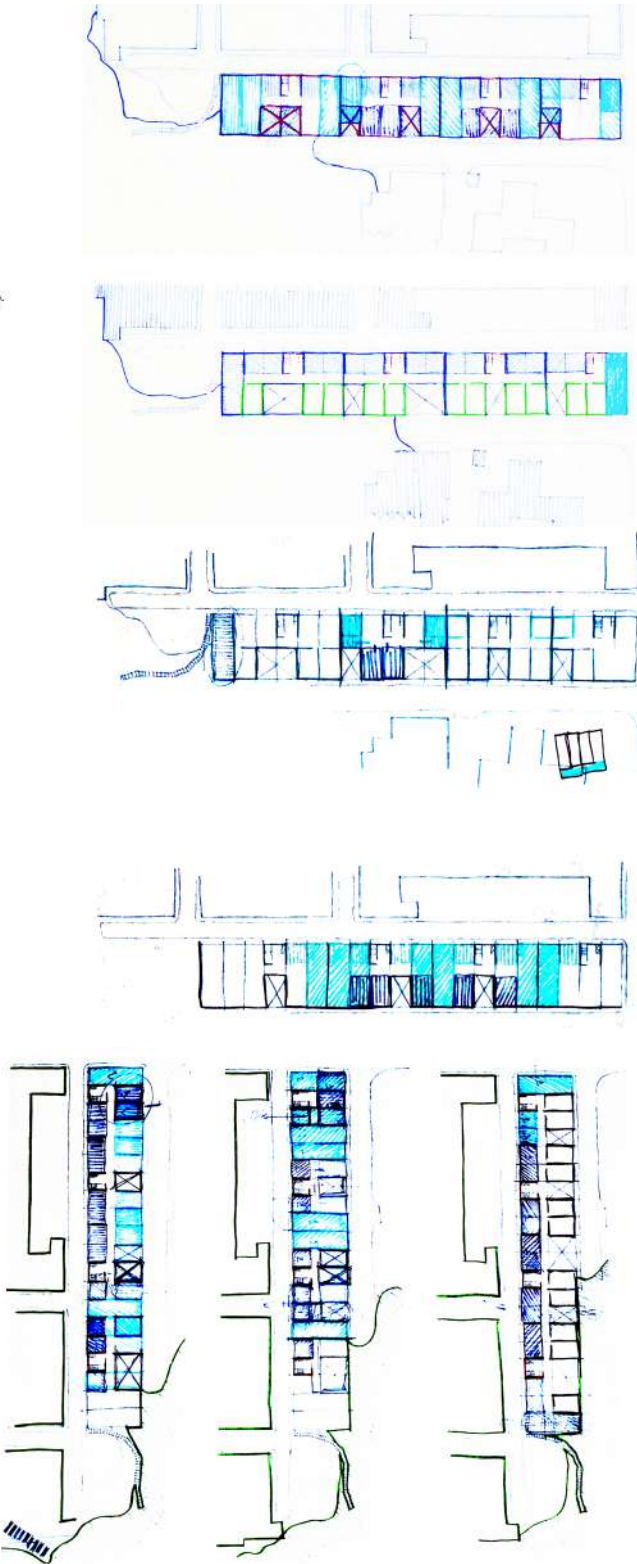
PLANTA DE NOLI DA ZONA DE POÇO DO BISPO | ESC. 1/5000

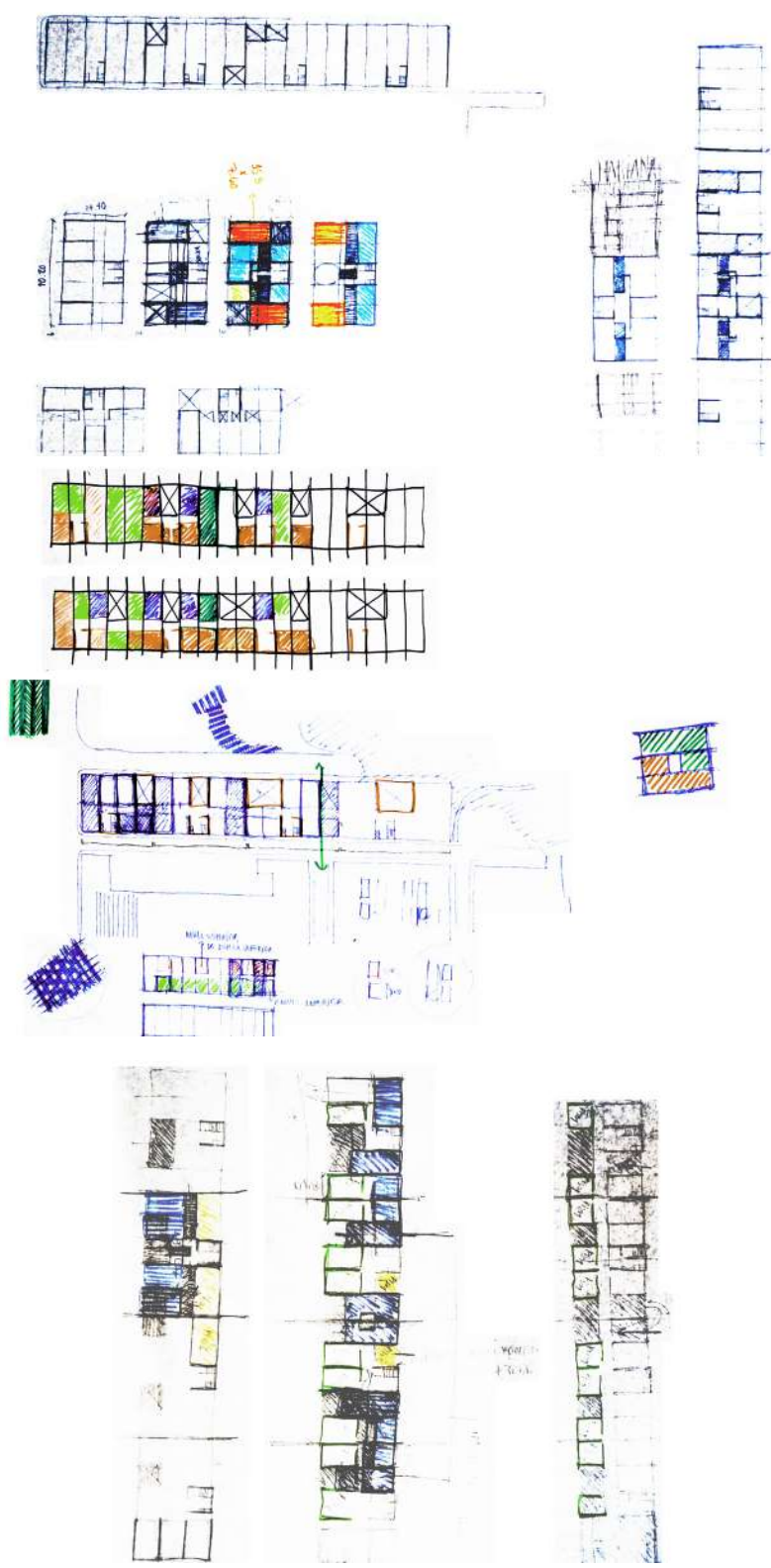
"(...)uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excelente bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem viver em comunidade a viverem isoladas."

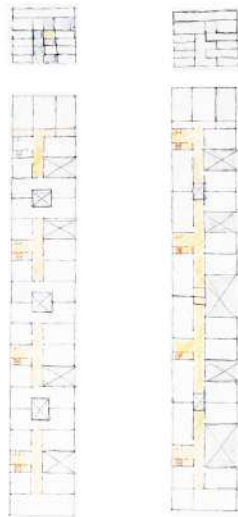
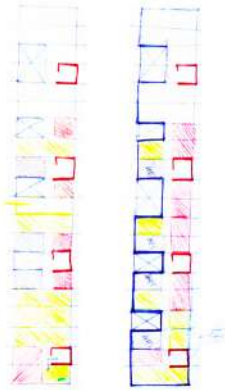
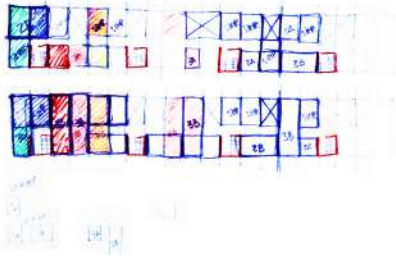
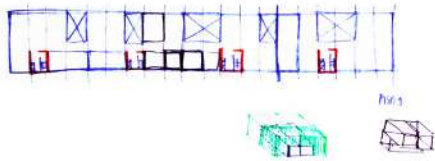
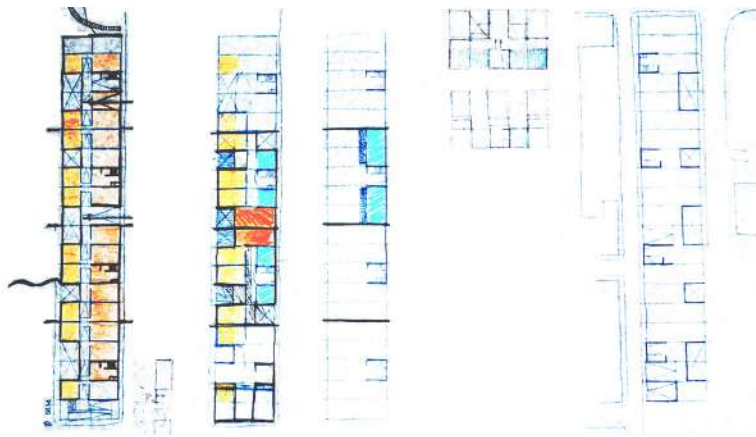
Gordon Cullen

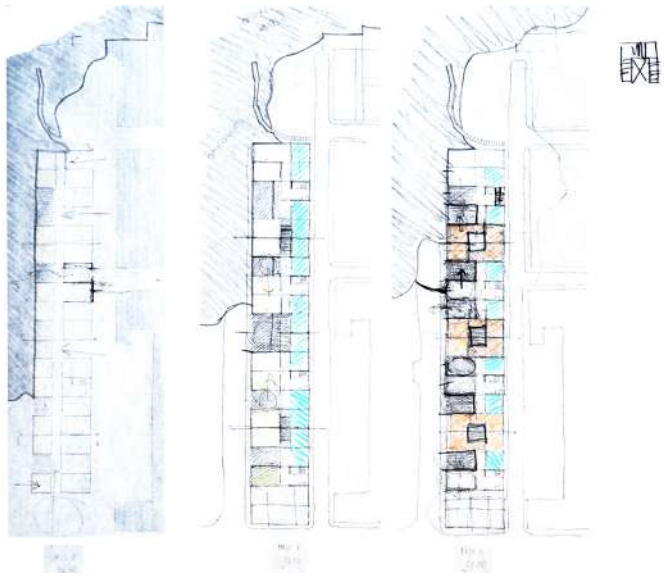
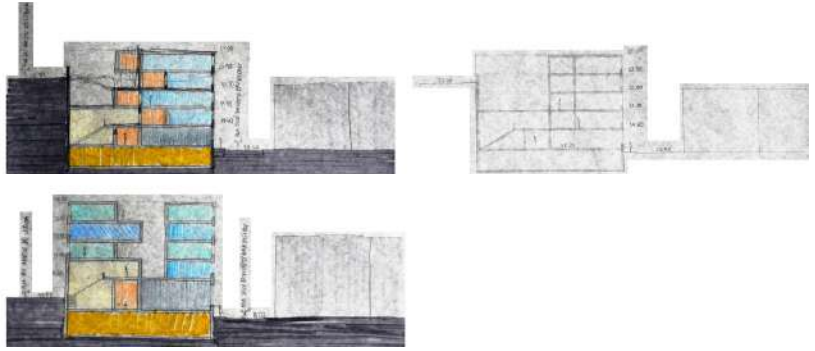


the station could be
 12' x 20'
 and the adjacent building
 12' x 20' x 6'
 → building built
 1971, 1972









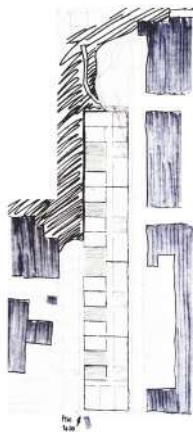
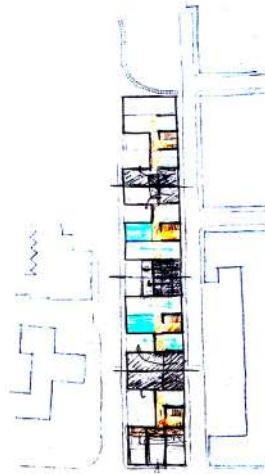
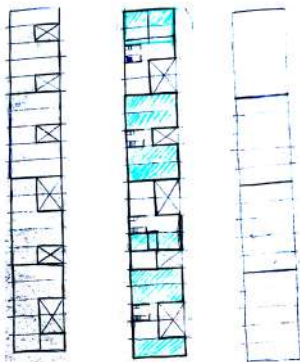
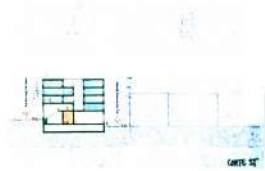
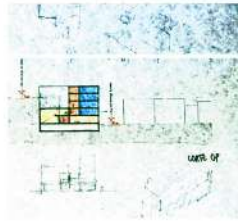
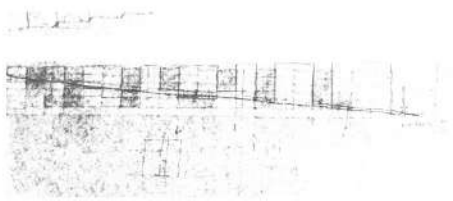


Fig. 1

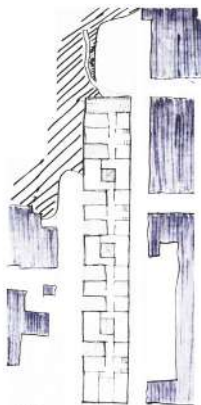


Fig. 2

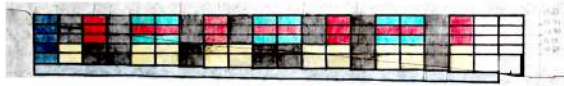
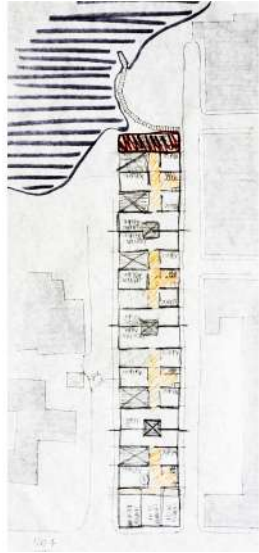
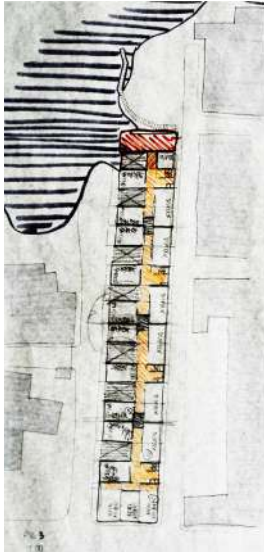


Fig. 5 - 1:50

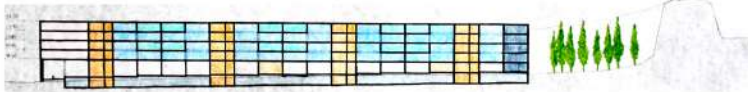


Fig. 6 - 1:50

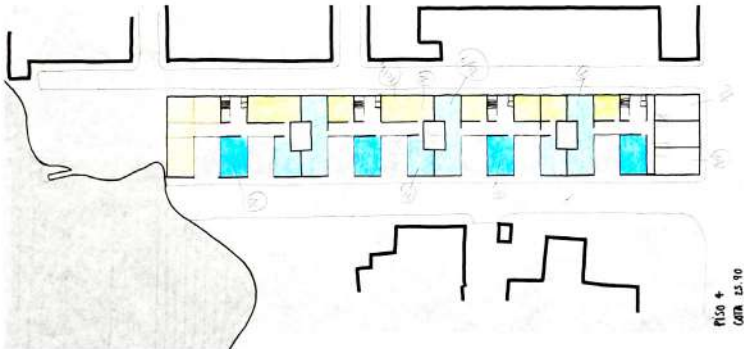


Fig. 7 - 1:50

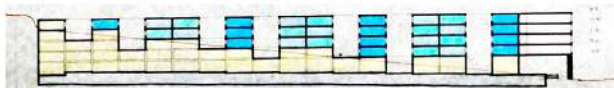


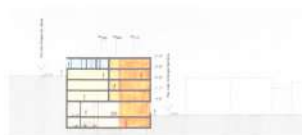
Fig. 8 - 1:50



CORTE 12



CORTE 13



CORTE 45



CORTE 810



CORTE 34



CORTE 54



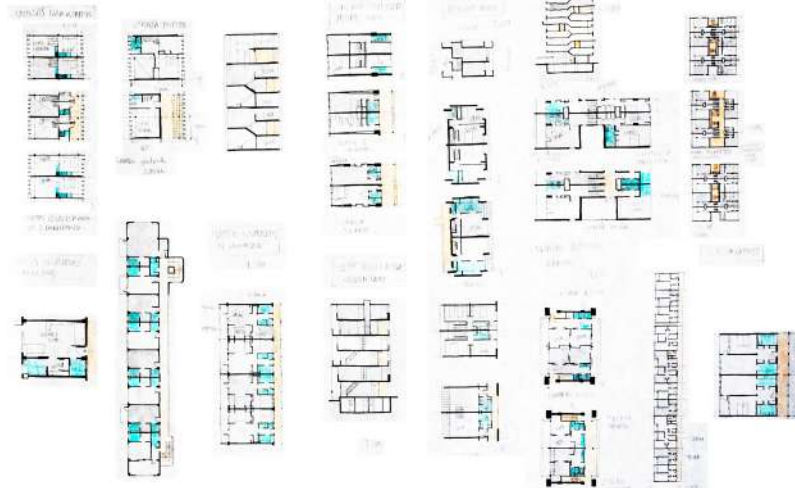
CORTE MN

Diagrama
de la planta
de la casa
de la casa
de la casa

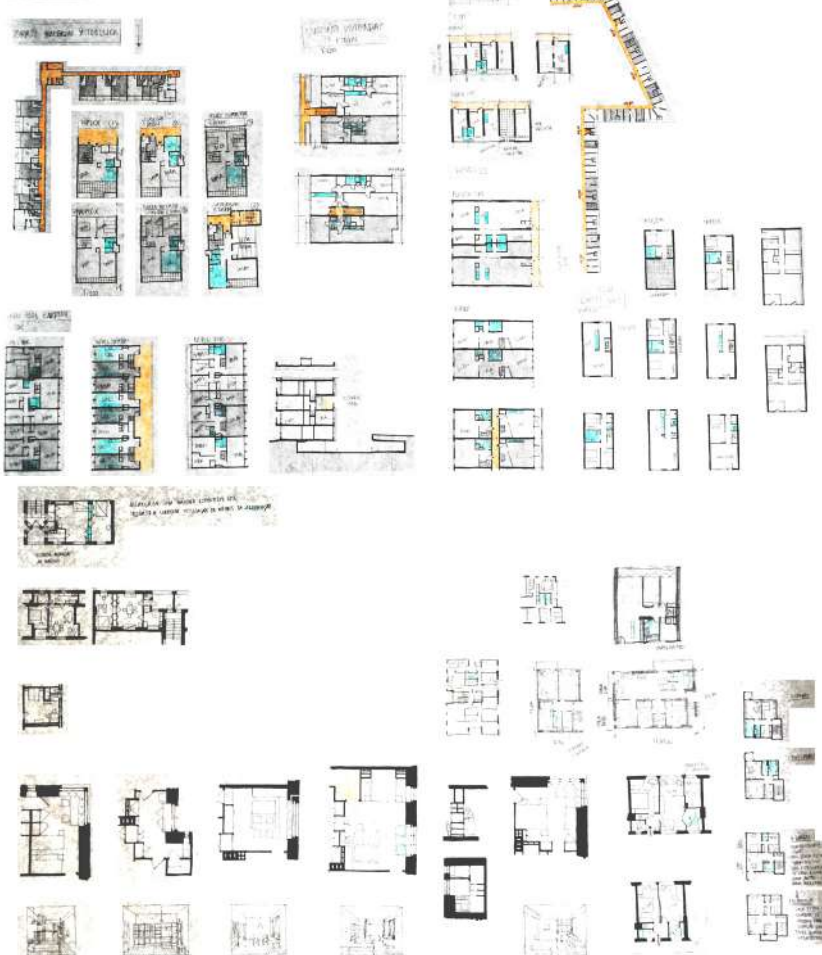


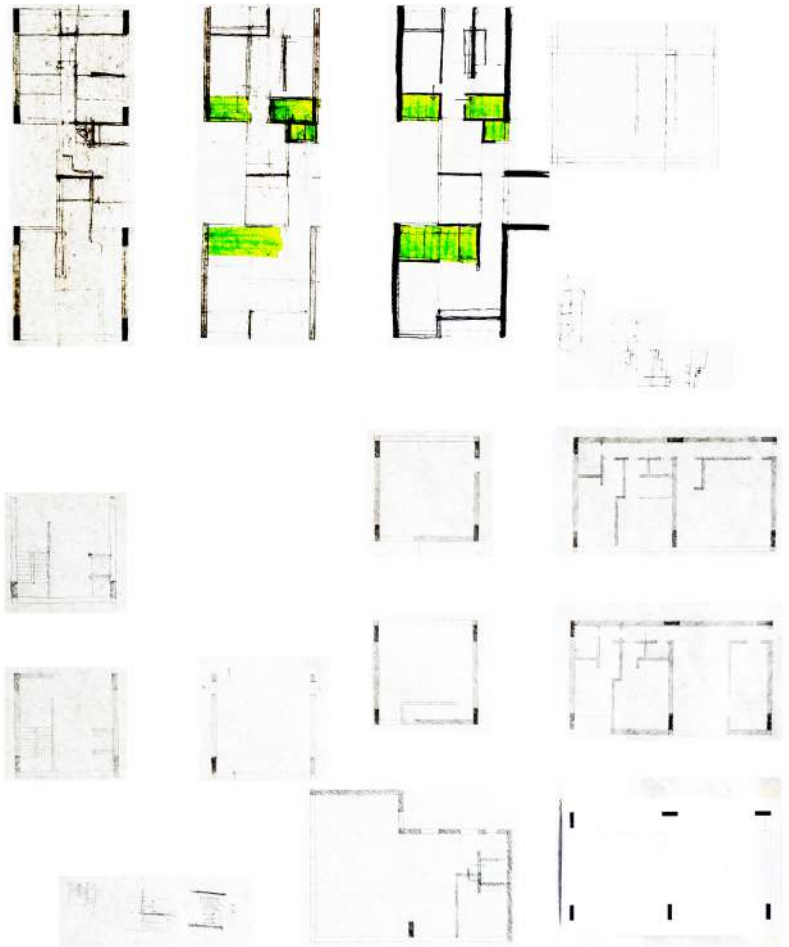
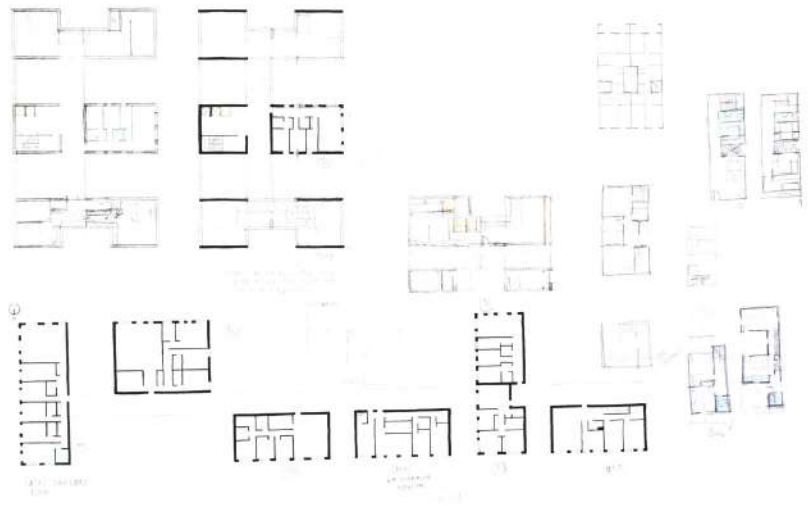
CORTE 04

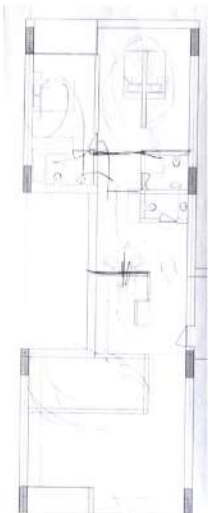
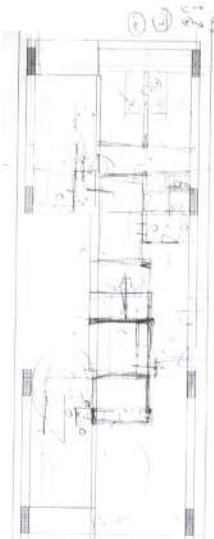
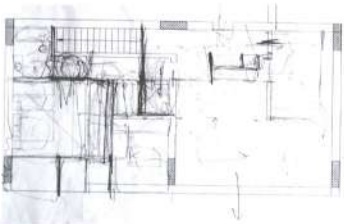
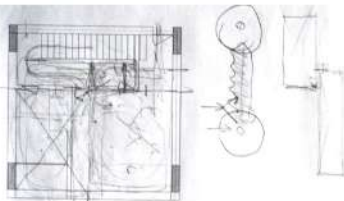
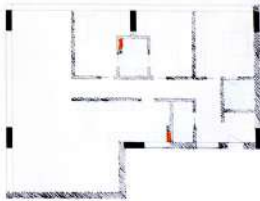
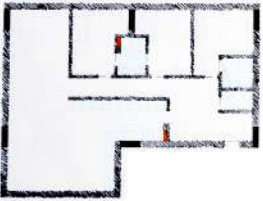
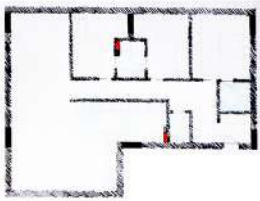
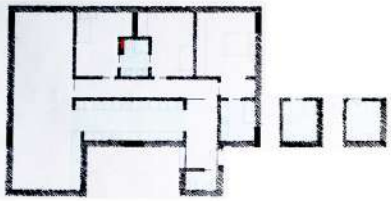
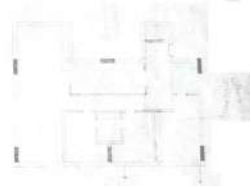
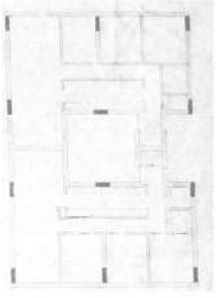
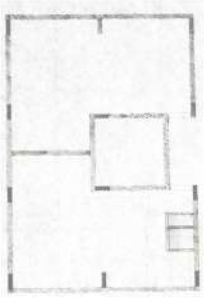
HABITAÇÃO COM GALERIAS

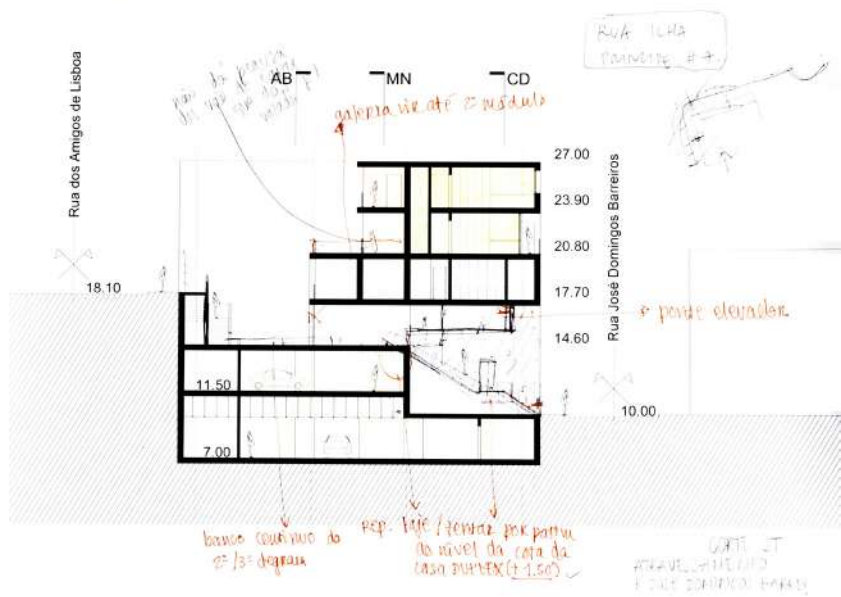
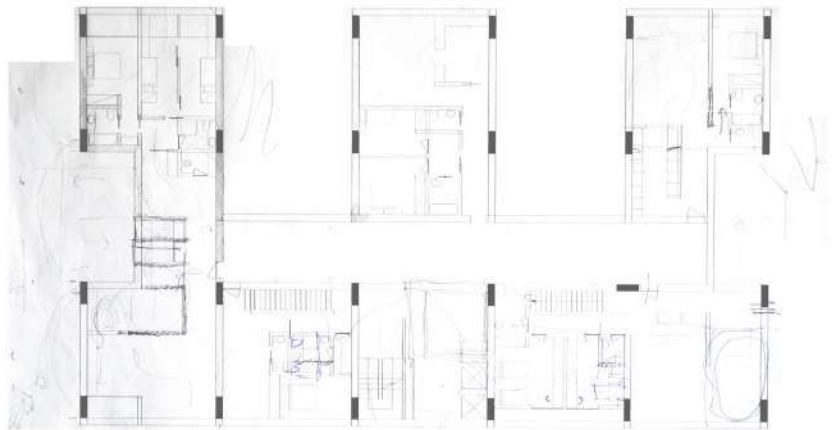


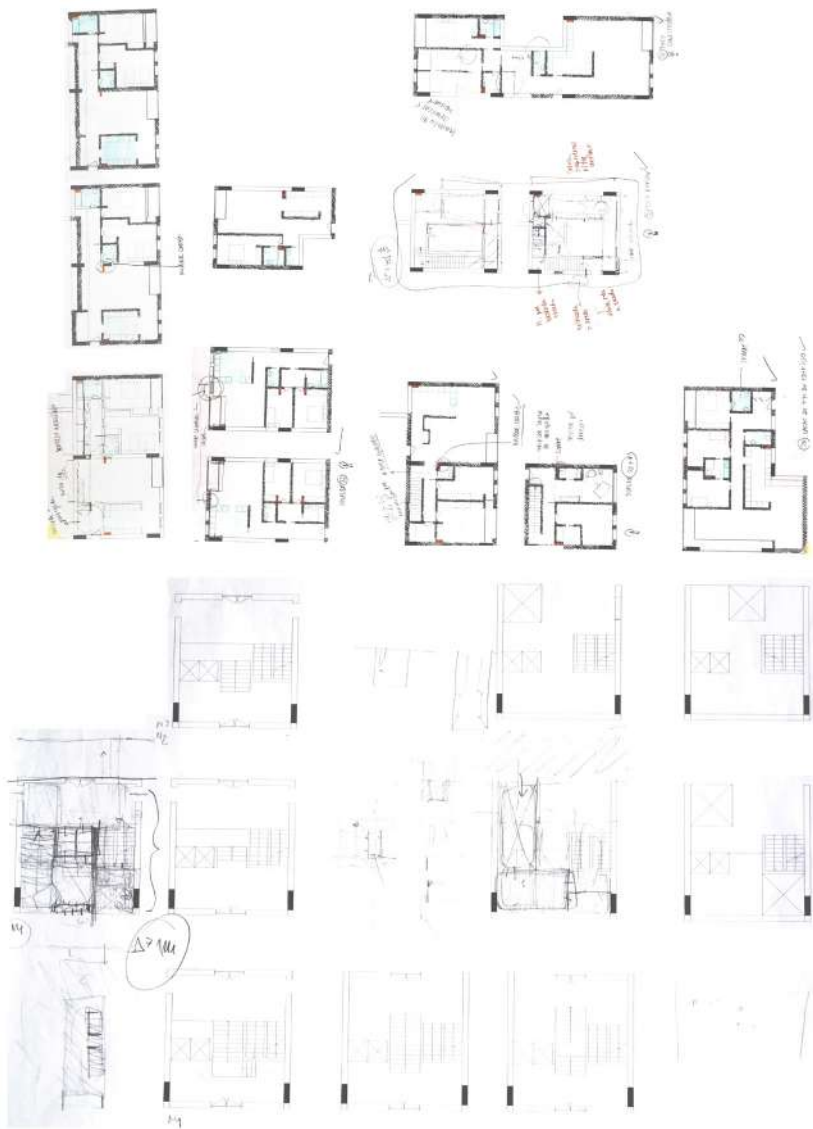
HABITAÇÃO COM GALERIAS

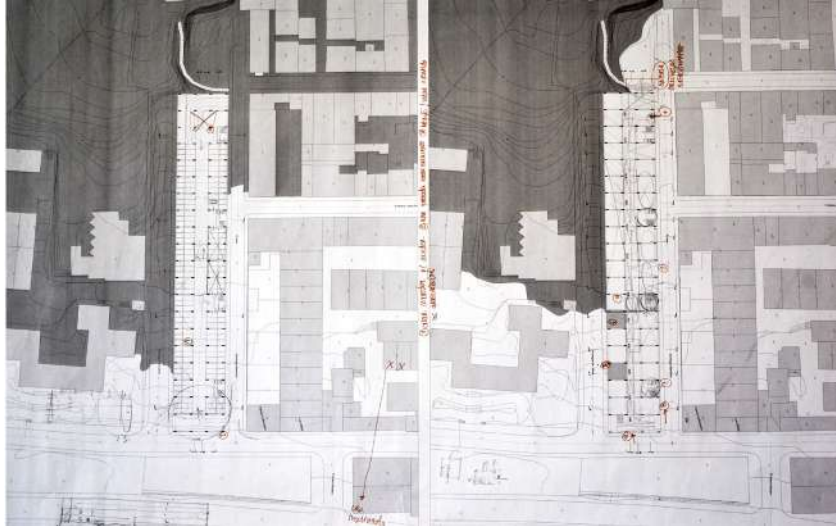


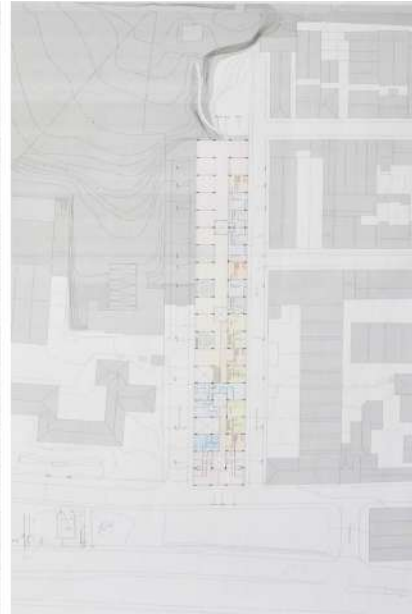
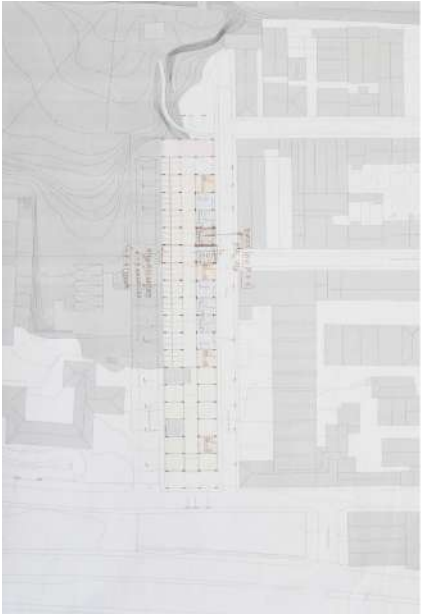
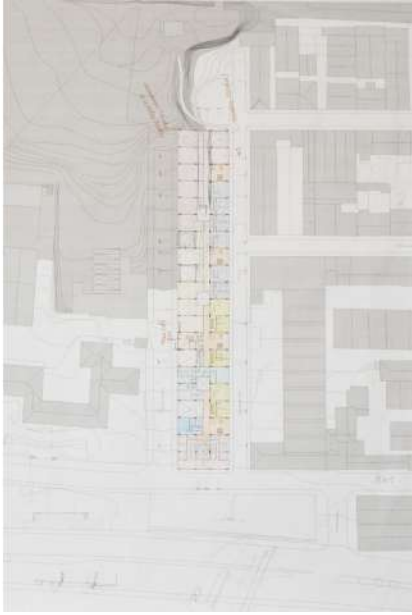
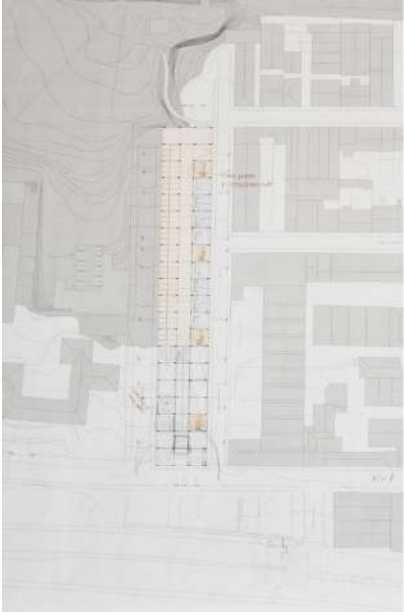


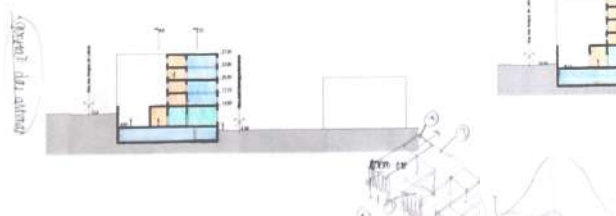
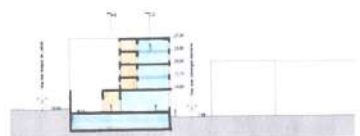
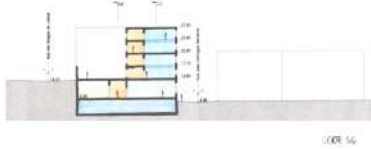
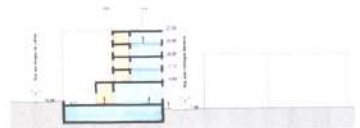
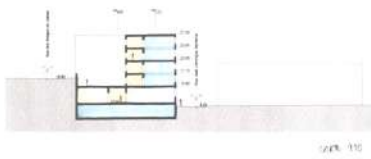
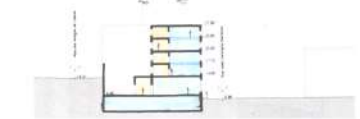
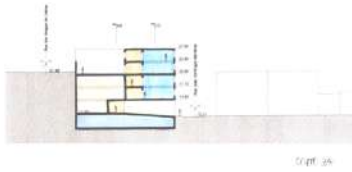
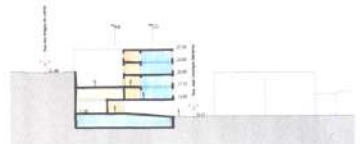
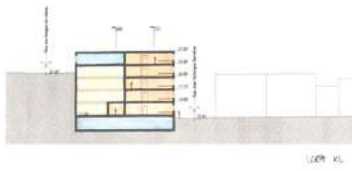
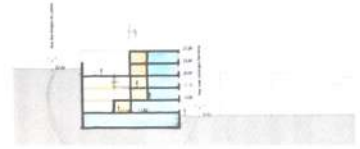
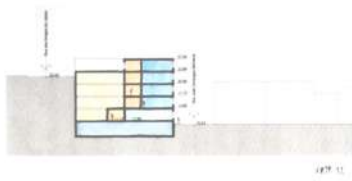








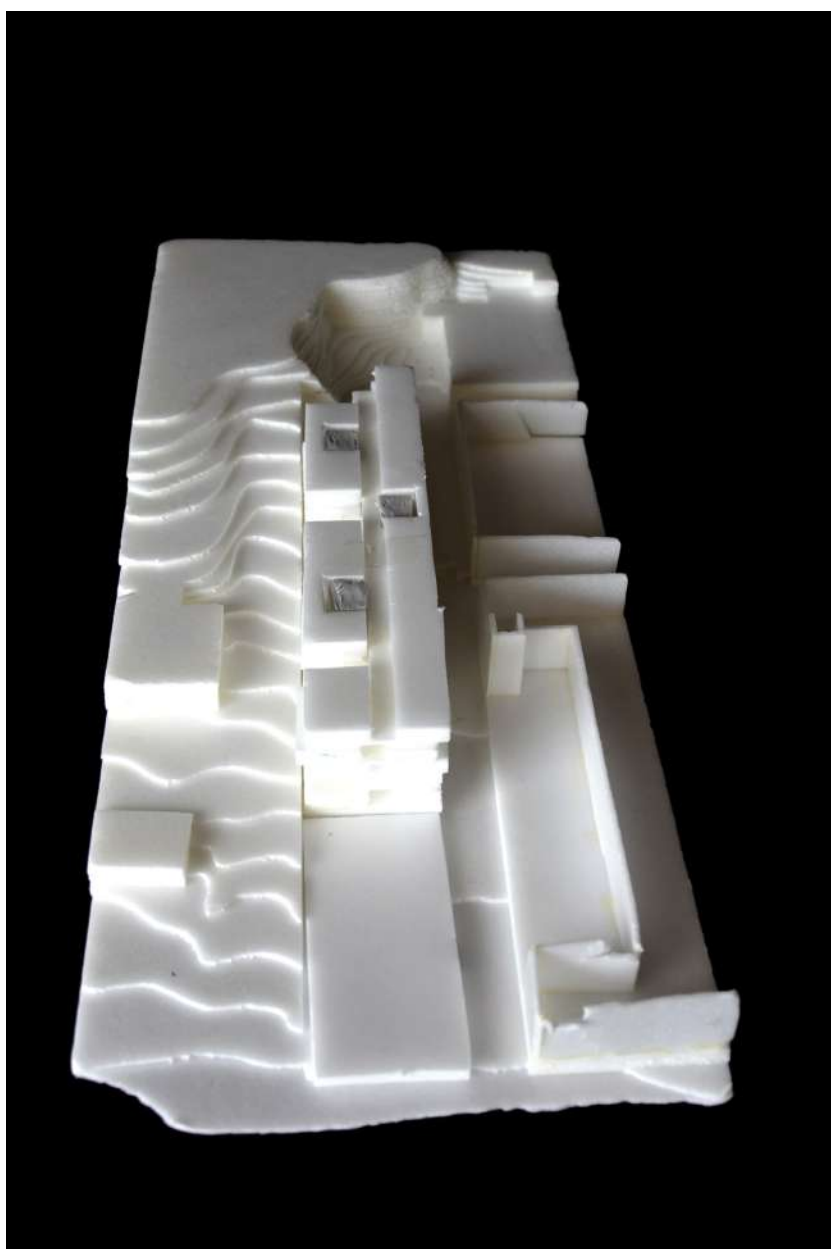










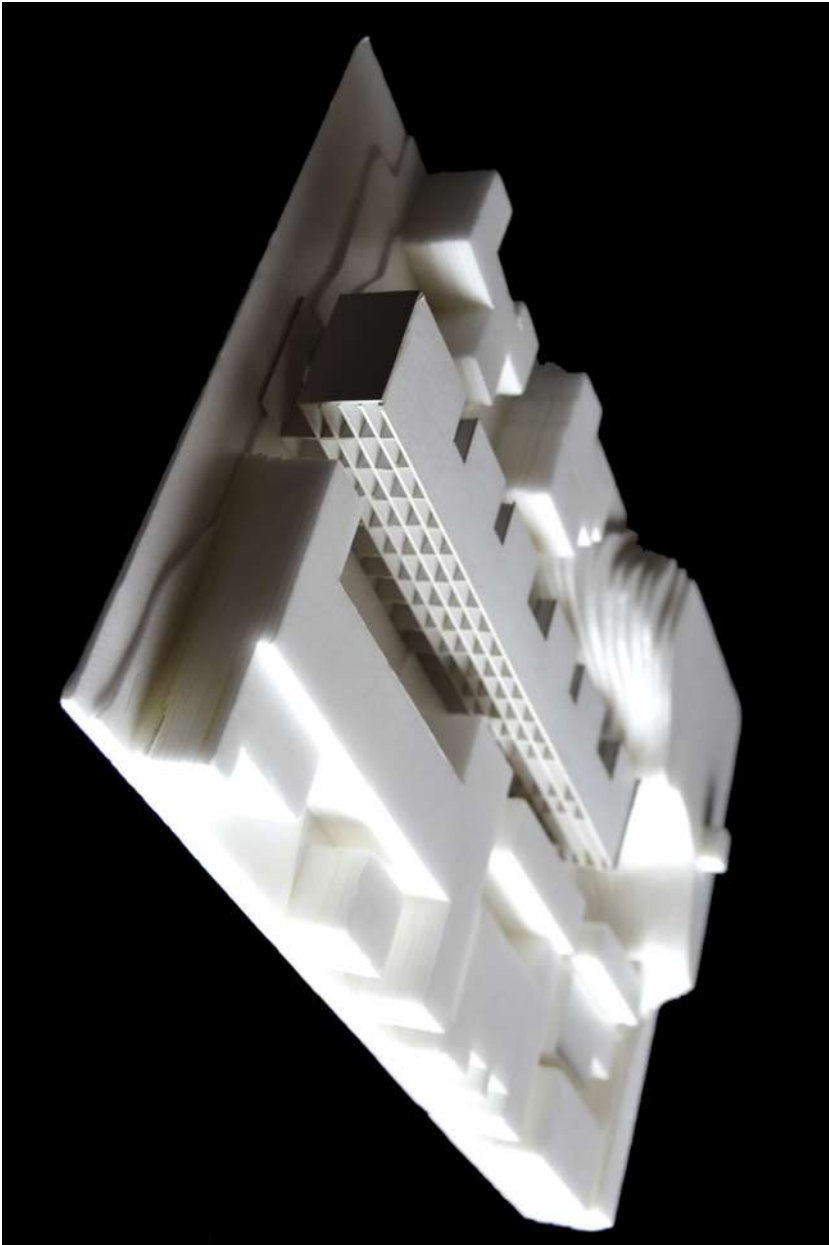














A_I. Peças Finais

Maquetes

Painéis Síntese



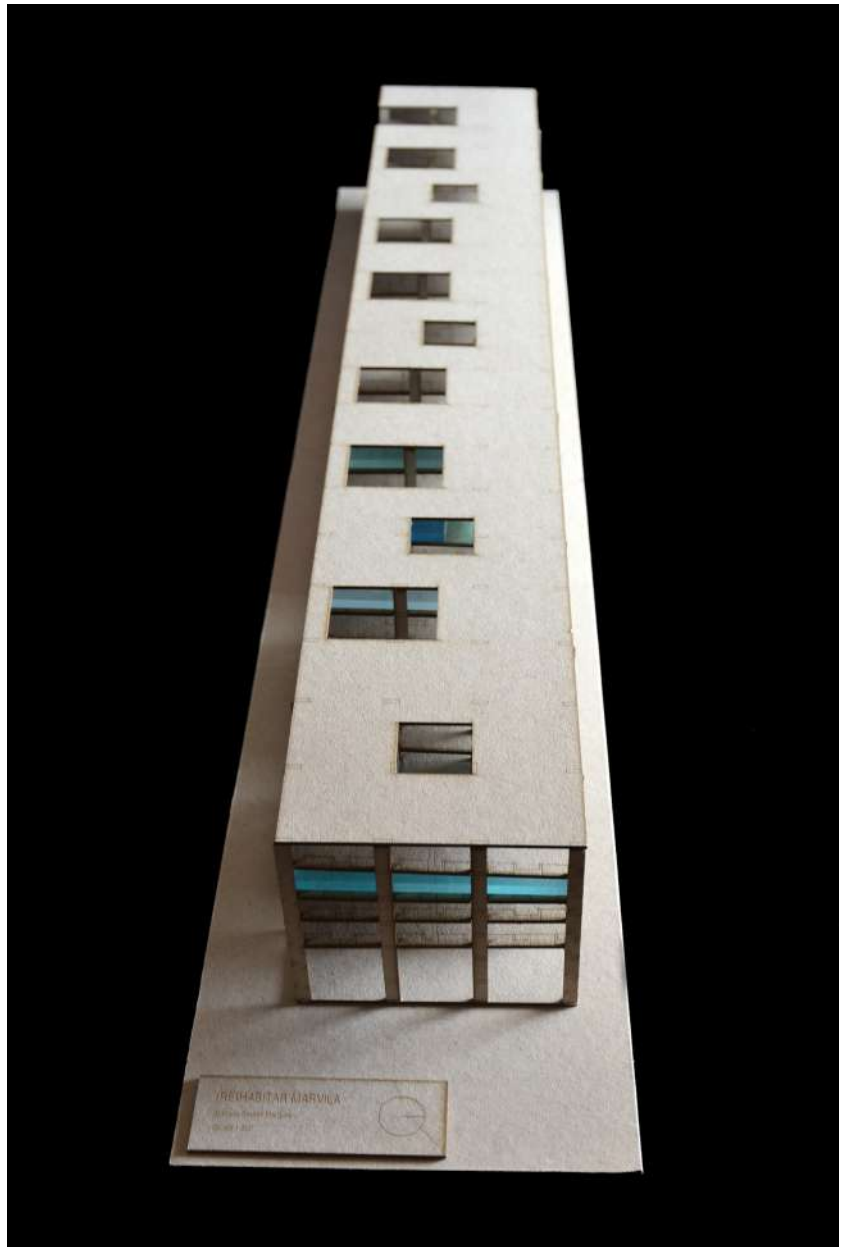




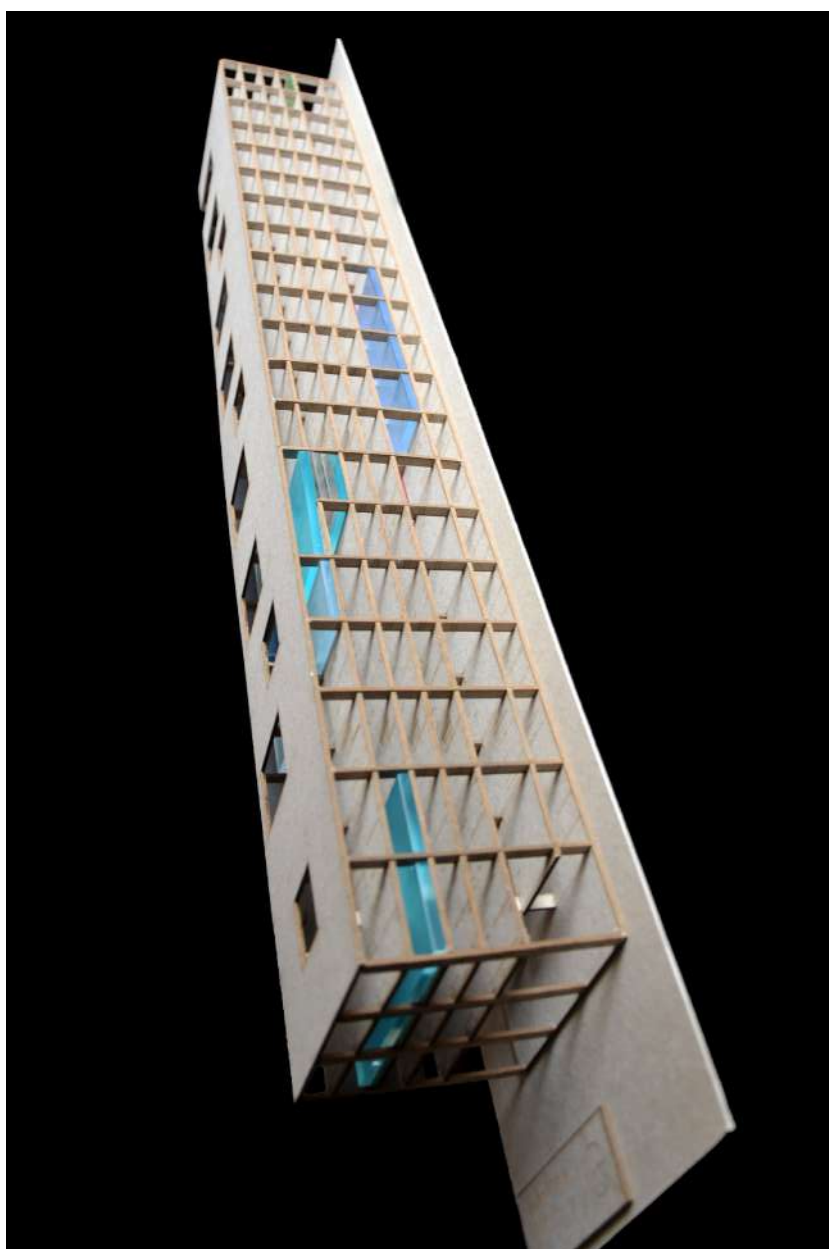




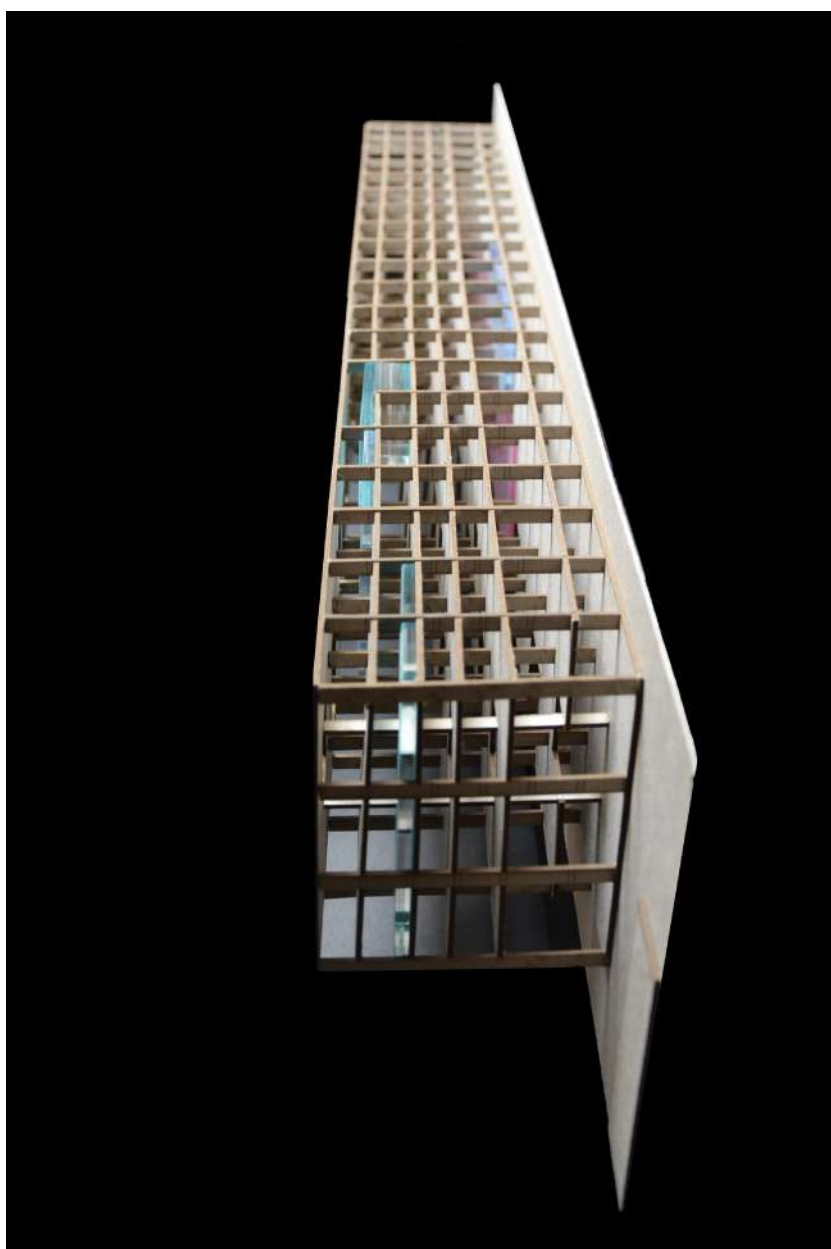


















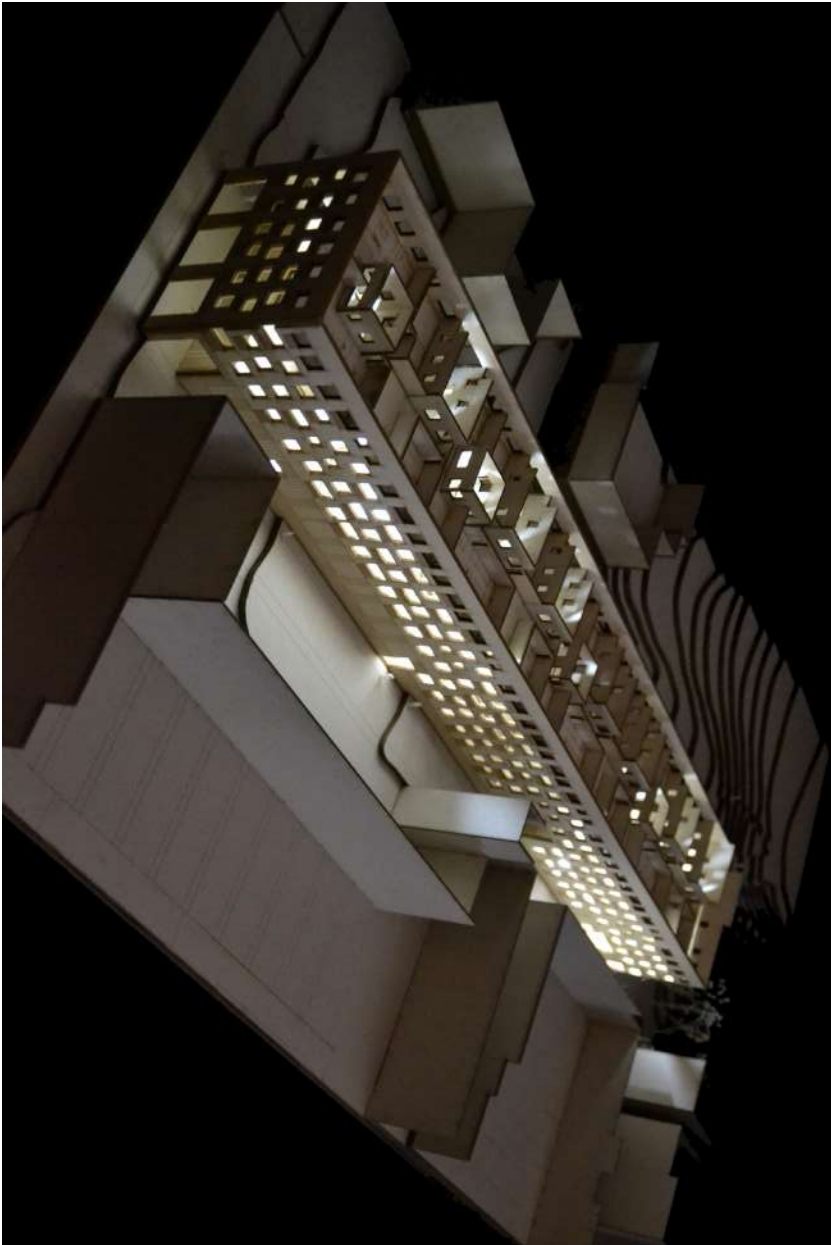


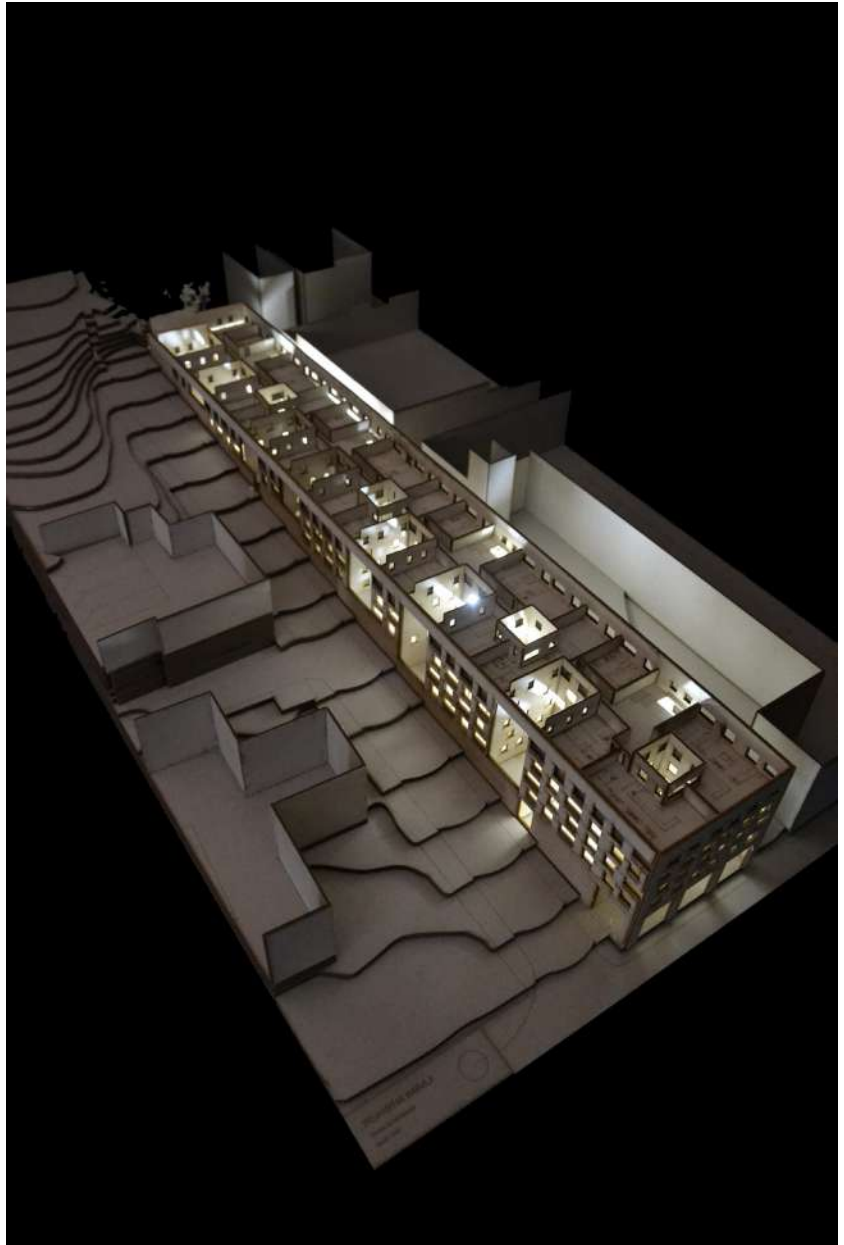








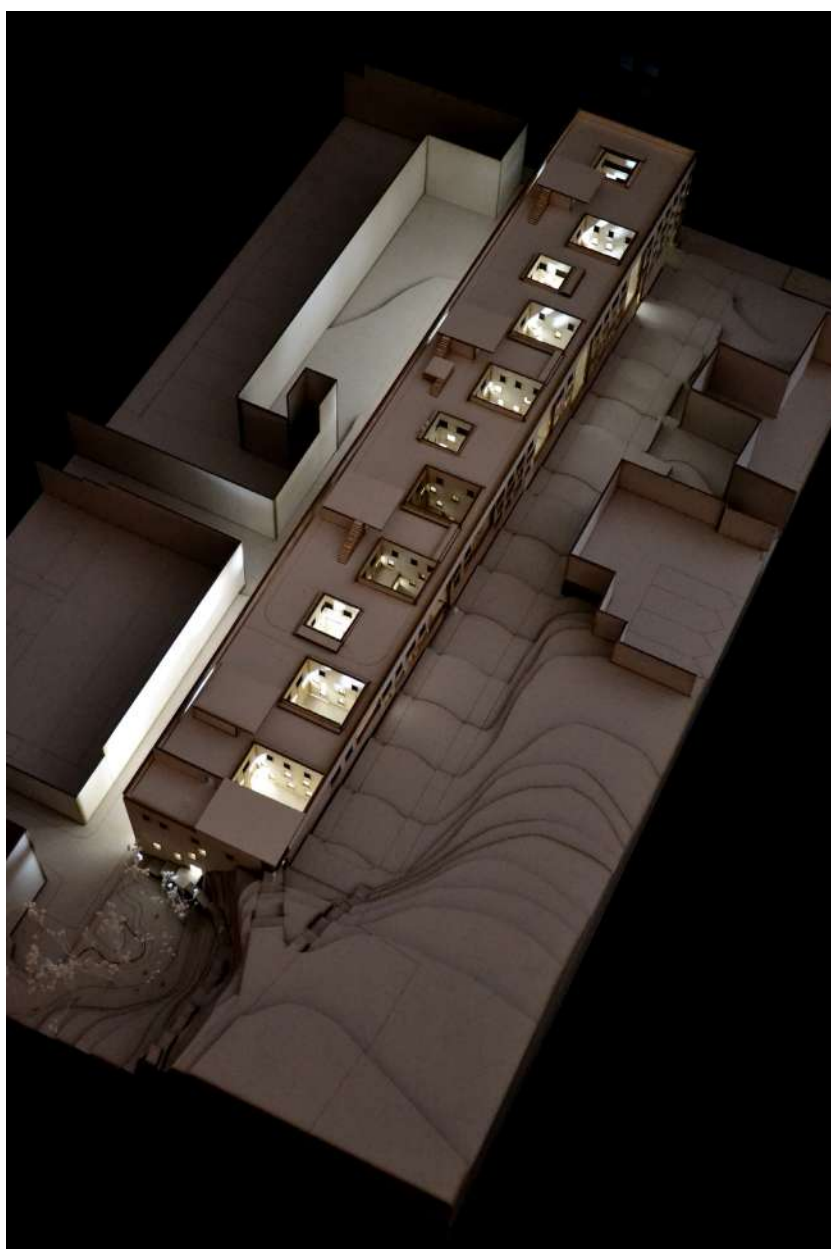












Painéis Síntese

P1 – Análise Histórica e Social e Estratégia Conceptual

P2 – Localização e Enquadramento do sítio, Planta de Implantação (1:1000) e Planta de Cobertura (1:500)

P3 – Planta Piso -1 e Cortes transversais CC', DD', EE' e FF' (1:200)

P4 – Planta Piso 0 e Alçado Rua José Domingos Barreiros (1:200)

P5 – Planta Piso 1 e Corte longitudinal AA' (1:200)

P6 – Planta Piso 2 e Corte longitudinal BB' (1:200)

P7 – Planta Piso 3 e Alçado Rua Amigos de Lisboa (1:200)

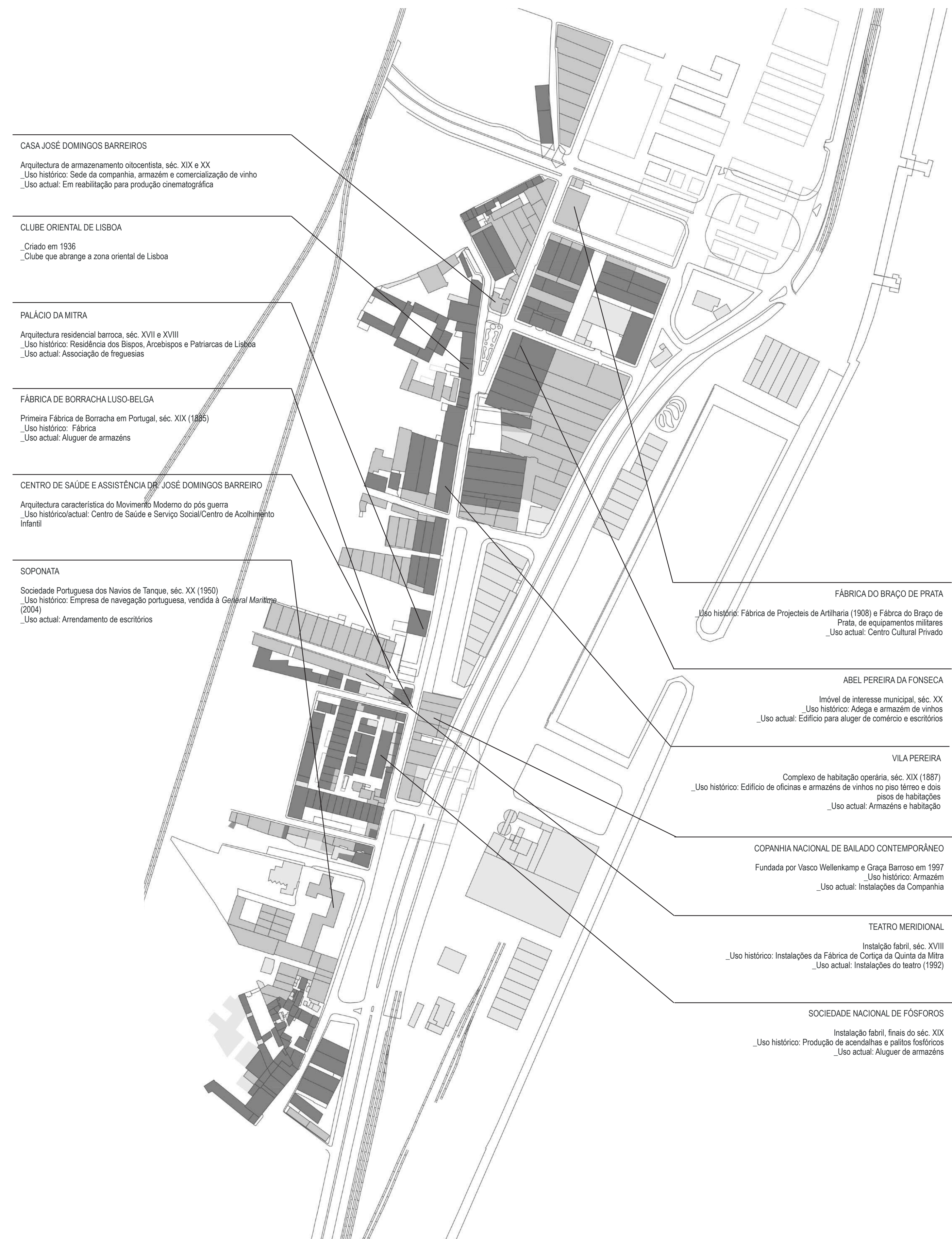
P8 – Planta Piso 4, Alçado Rua do Açúcar e Corte transversais HH', II' e JJ' (1:200)

P9 – Planta Cobertura e Cortes transversais KK', LL', MM' e NN' (1:200)

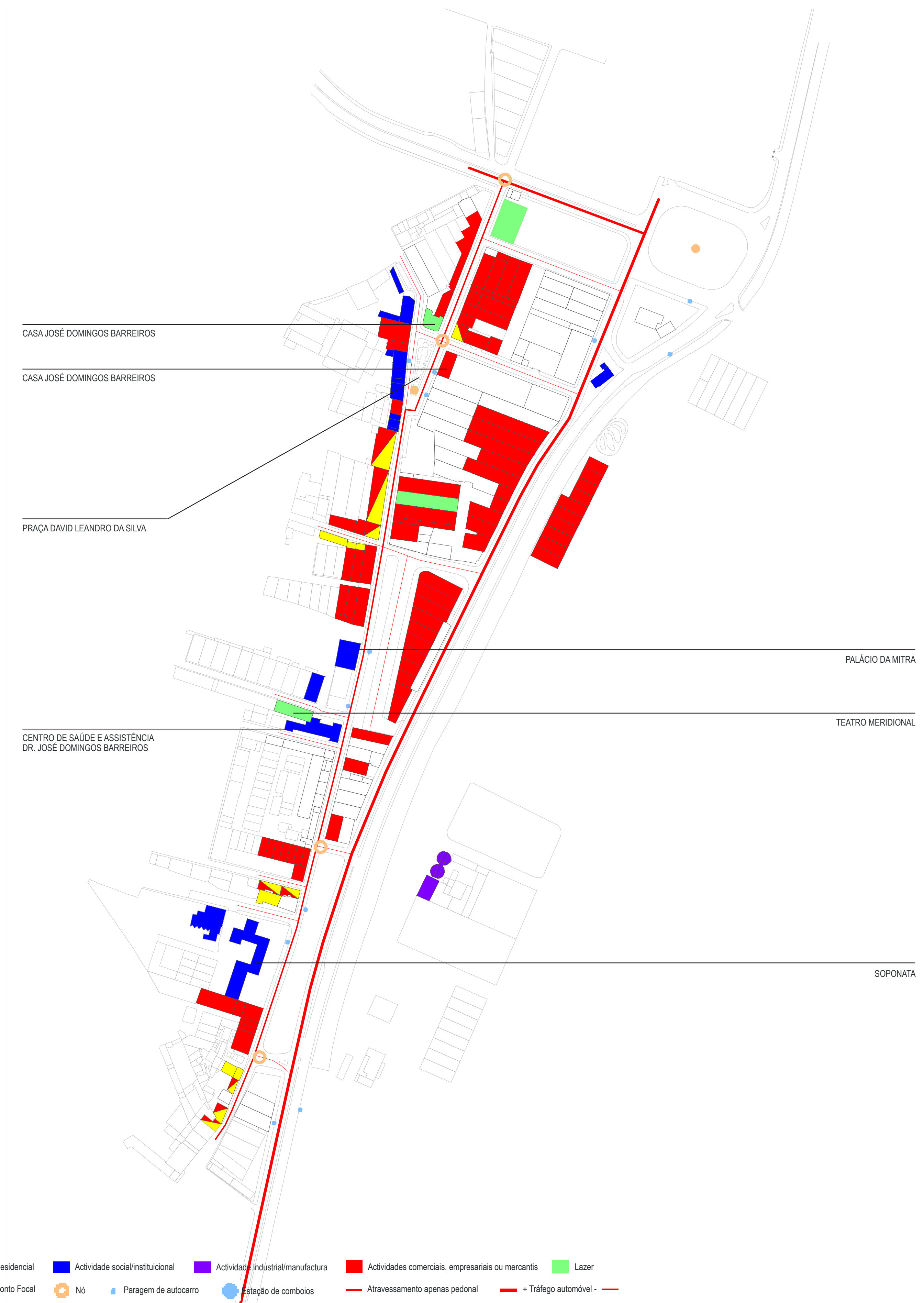
P10 – Corte Constitutivo (1:50)

P11 – Corte Construtivo (1:20)

Mariana Gomes Marques | Orientação: Professor António Lobato dos Santos



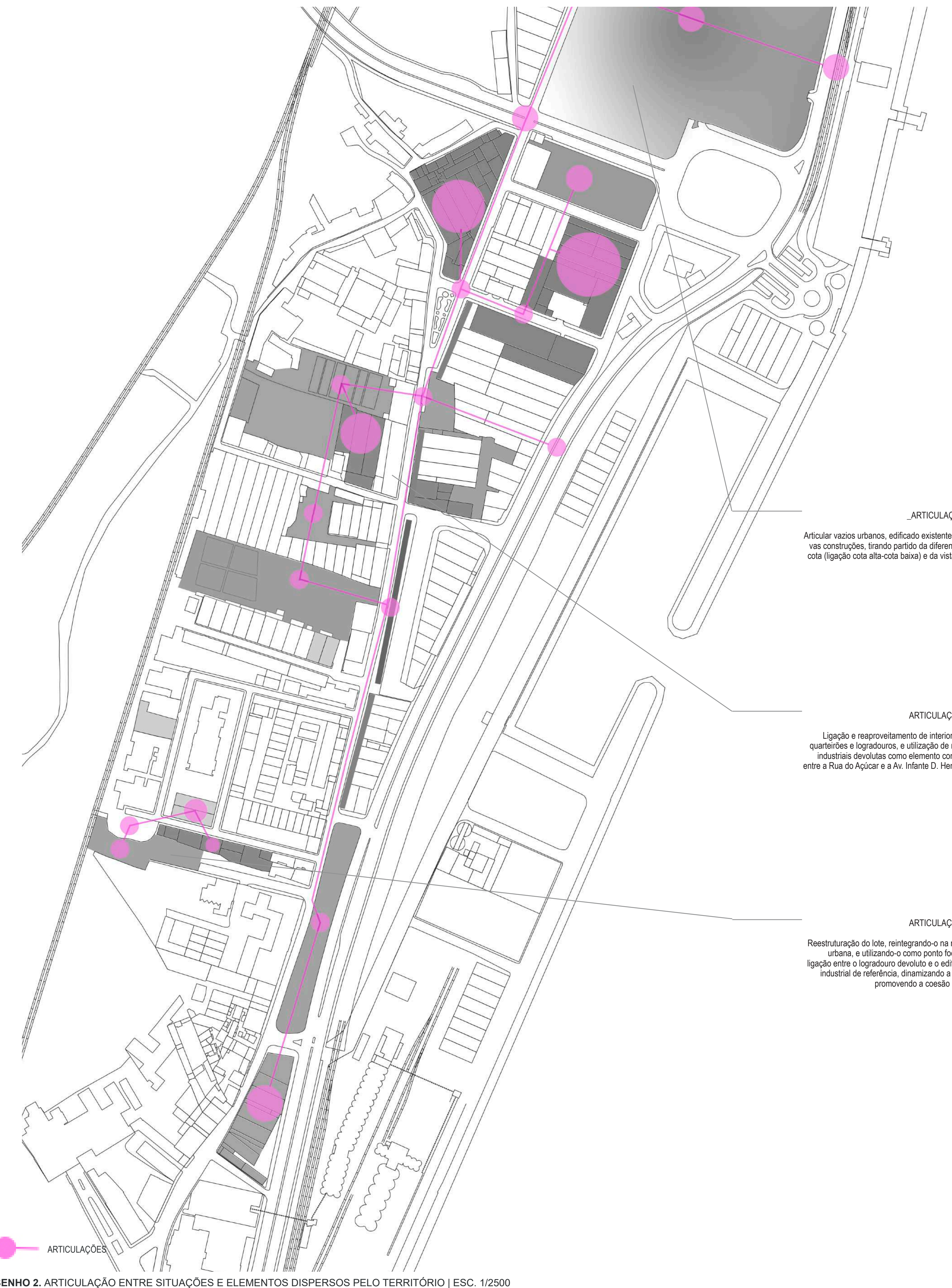
DESENHO 3. Análise Histórica | Esc. 1:2500



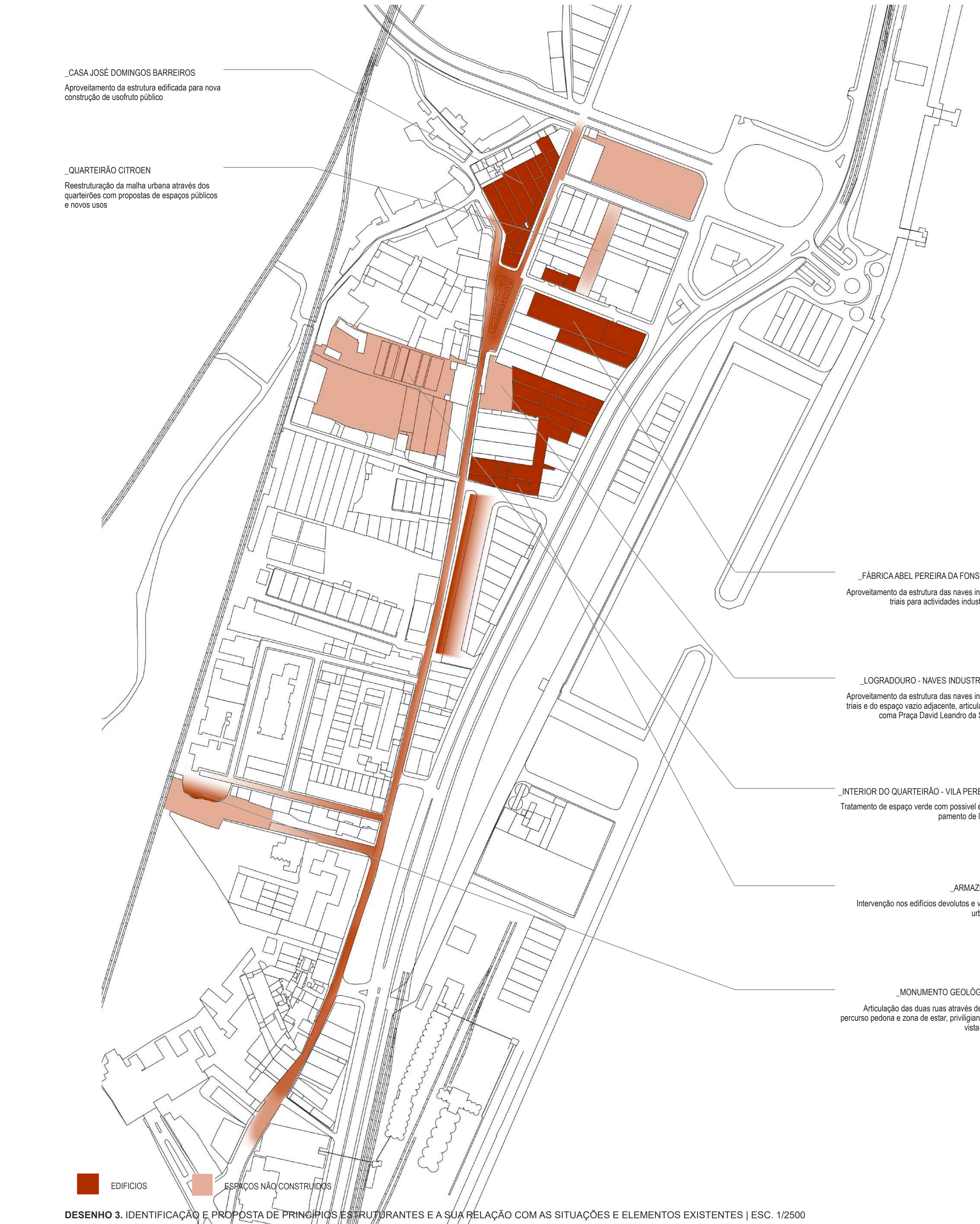
DESENHO 1. Análise Social e Humana | Esc. 1:2500



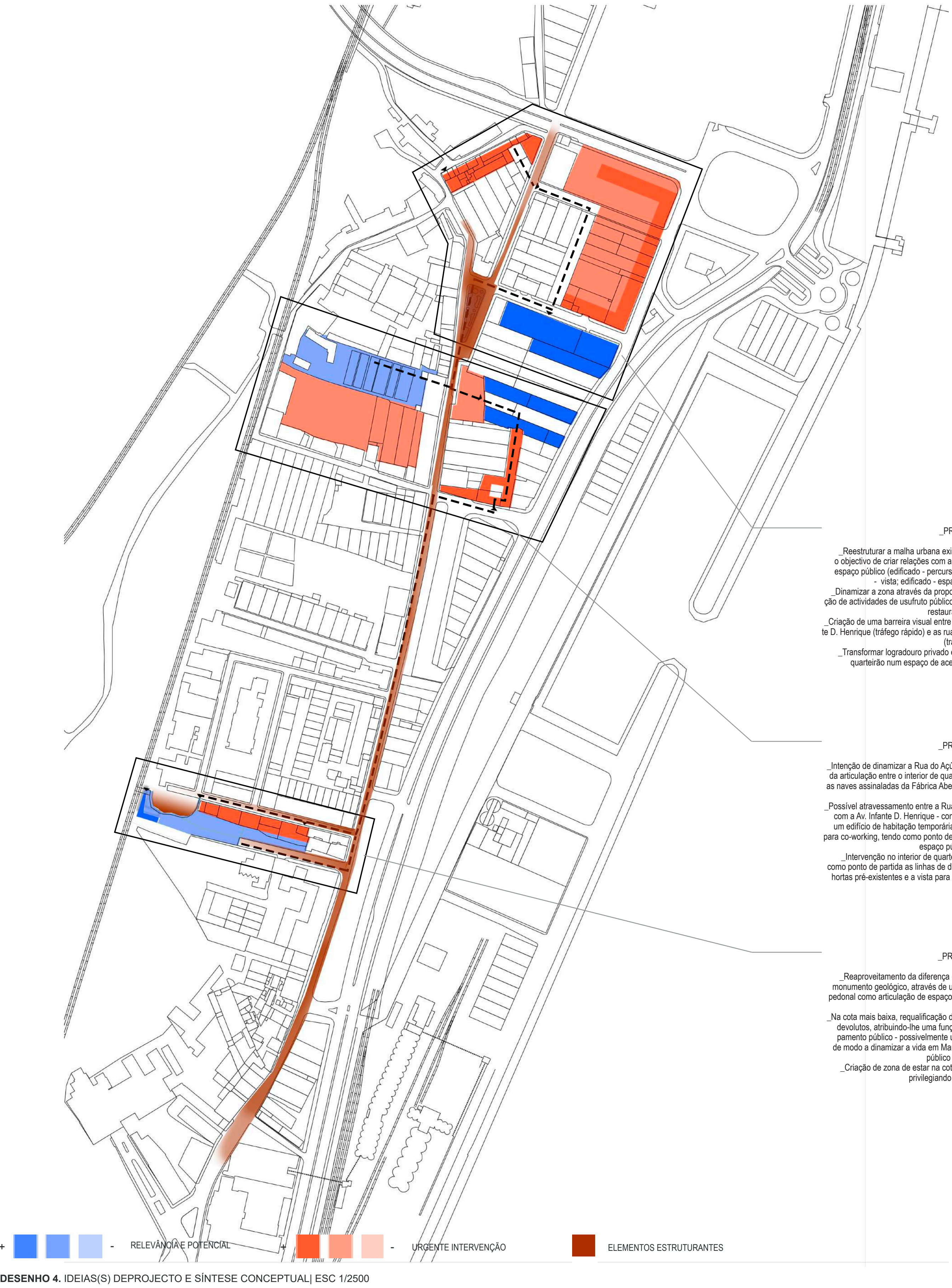
DESENHO 1. DETECÇÃO DE SITUAÇÕES E ELEMENTOS | ESC. 1/2500



DESENHO 2. ARTICULAÇÃO ENTRE SITUAÇÕES E ELEMENTOS DISPERSOS PELO TERRITÓRIO | ESC. 1/2500



DESENHO 3. IDENTIFICAÇÃO E PROPOSTA DE PRINCÍPIOS E ELEMENTOS ESTRUTURANTES E A SUA RELAÇÃO COM AS SITUAÇÕES E ELEMENTOS EXISTENTES | ESC. 1:2500

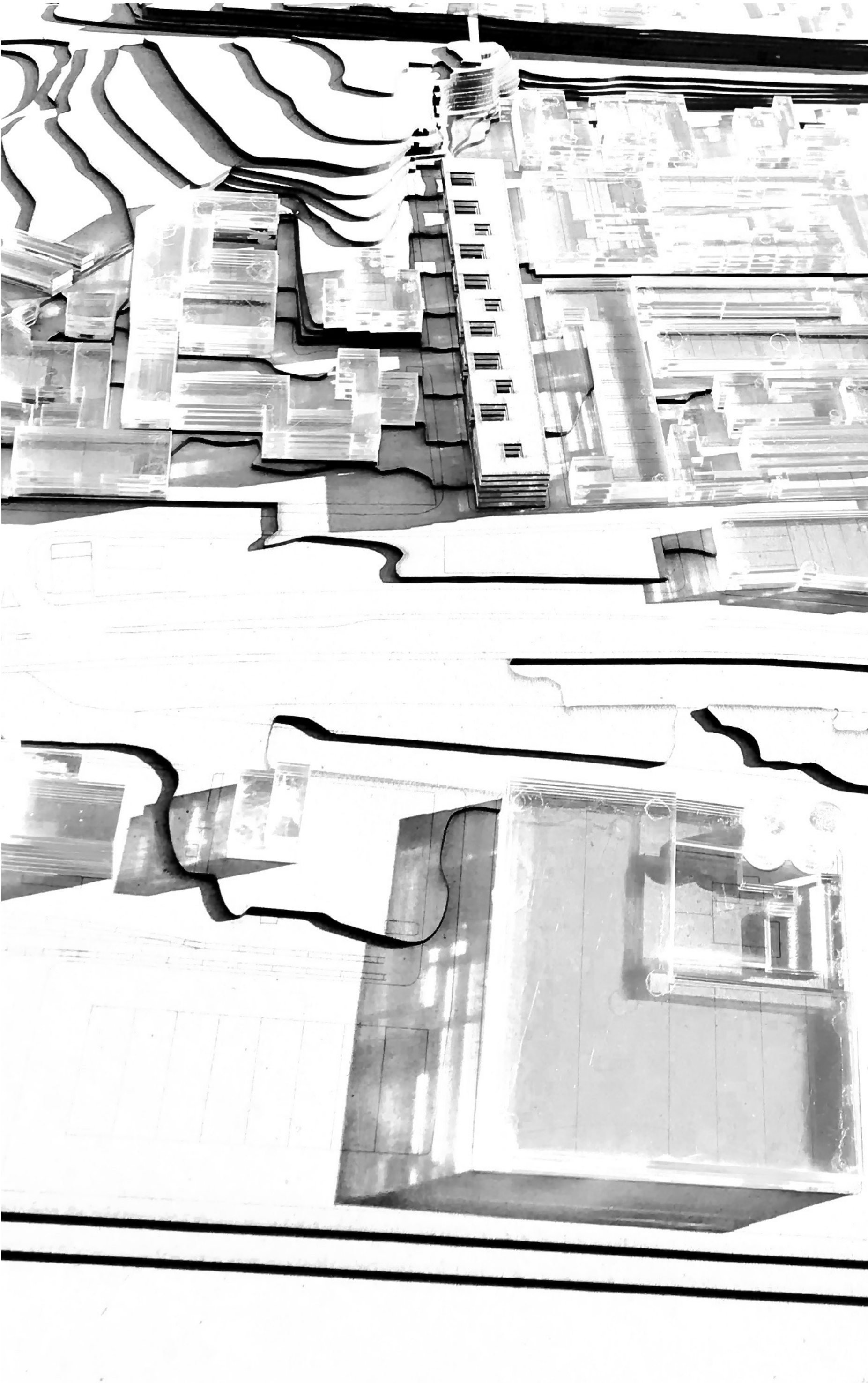


DESENHO 4. IDEIAS(S) DE PROJECTO E SÍNTESE CONCEPTUAL | ESC. 1/2500



Localização do Sítio

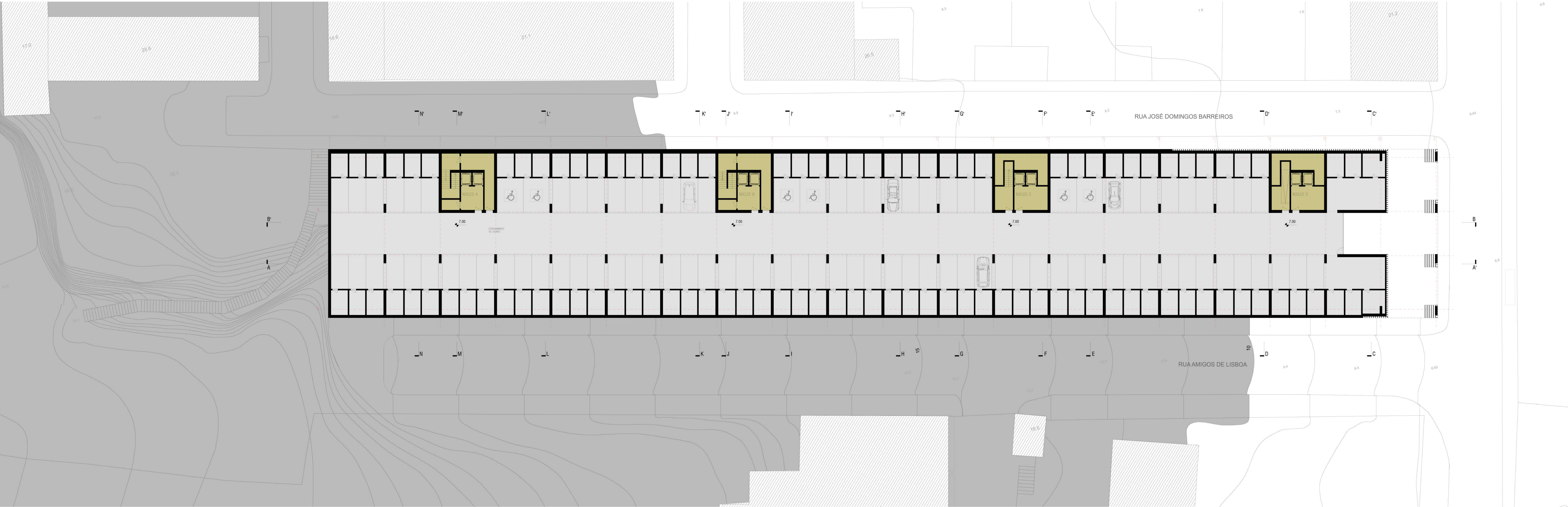
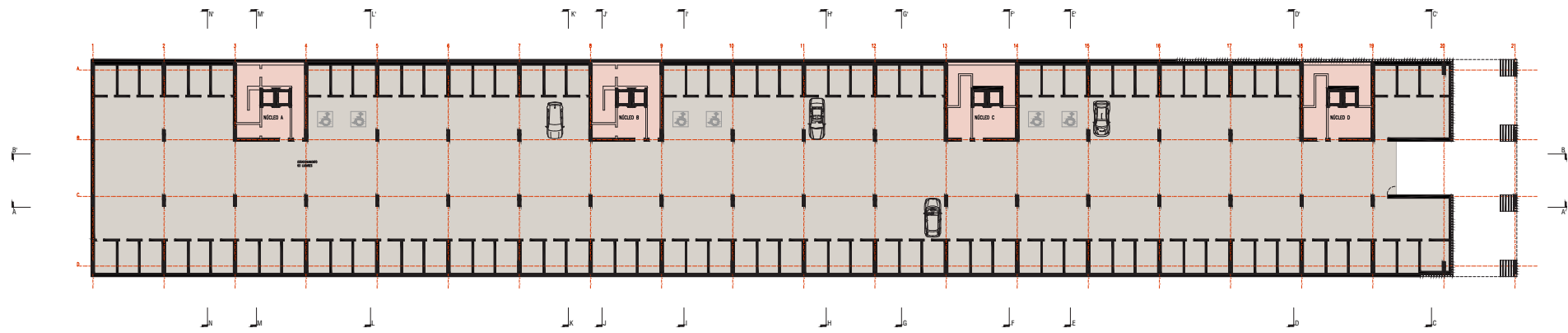
Caracterização do Sítio



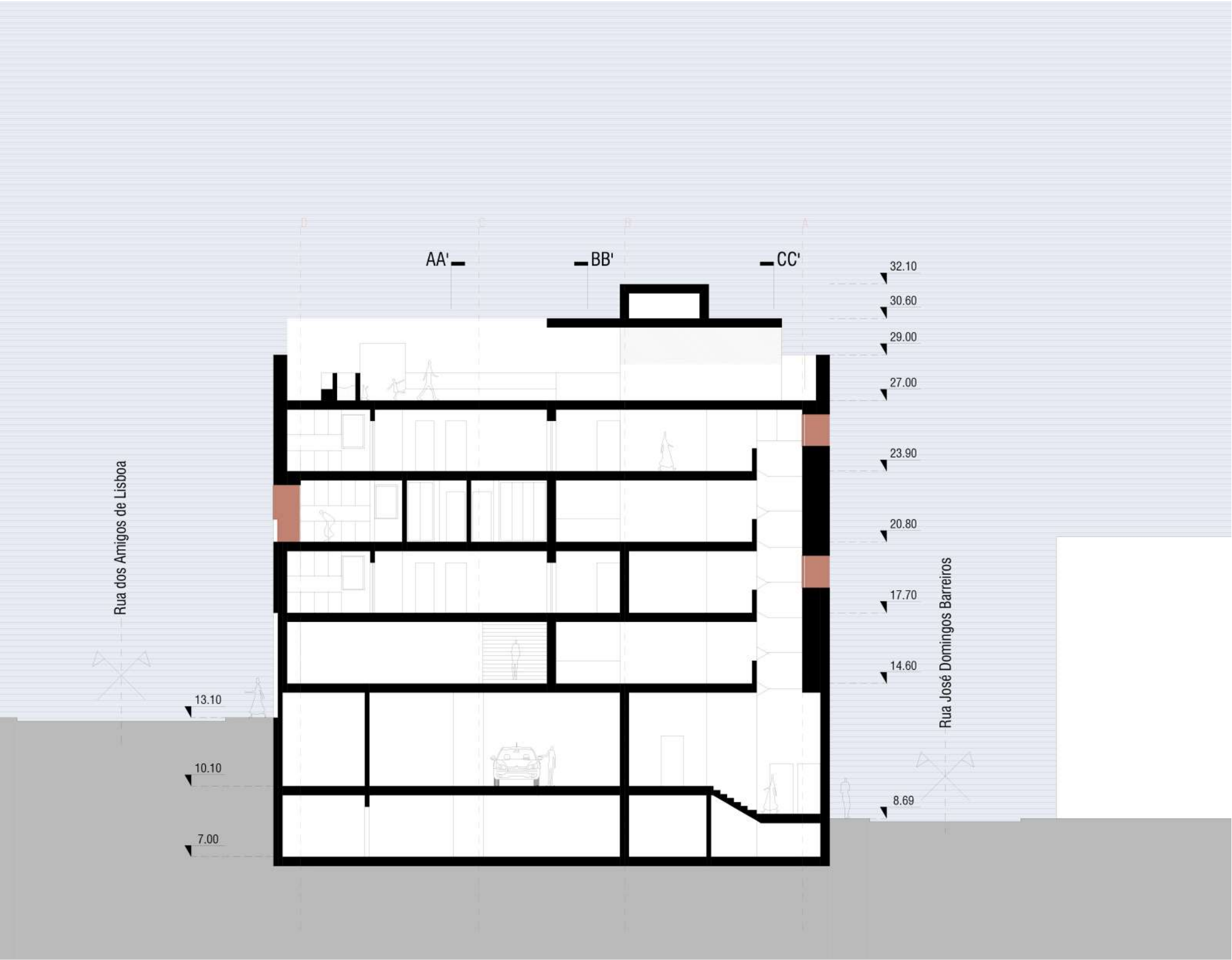
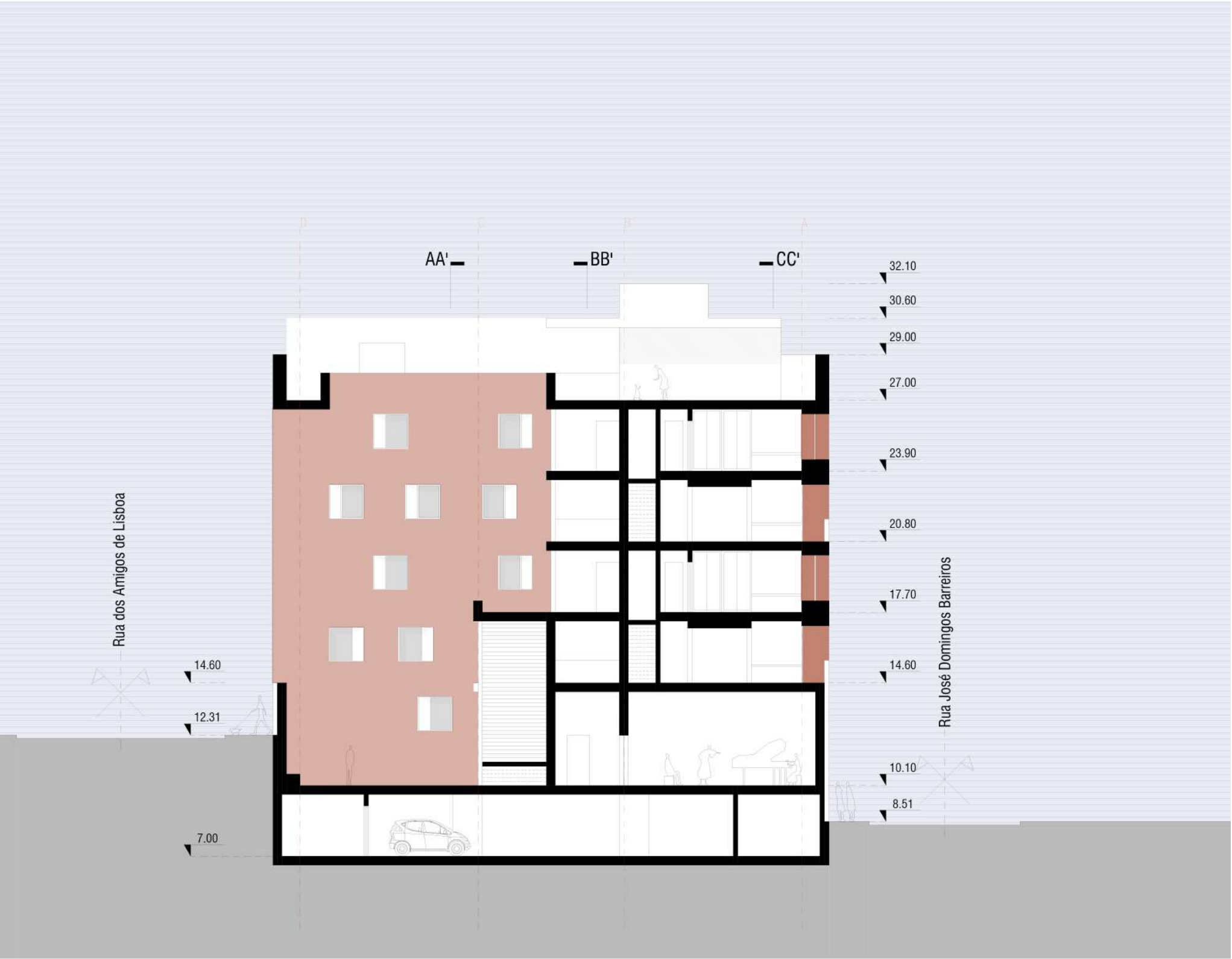
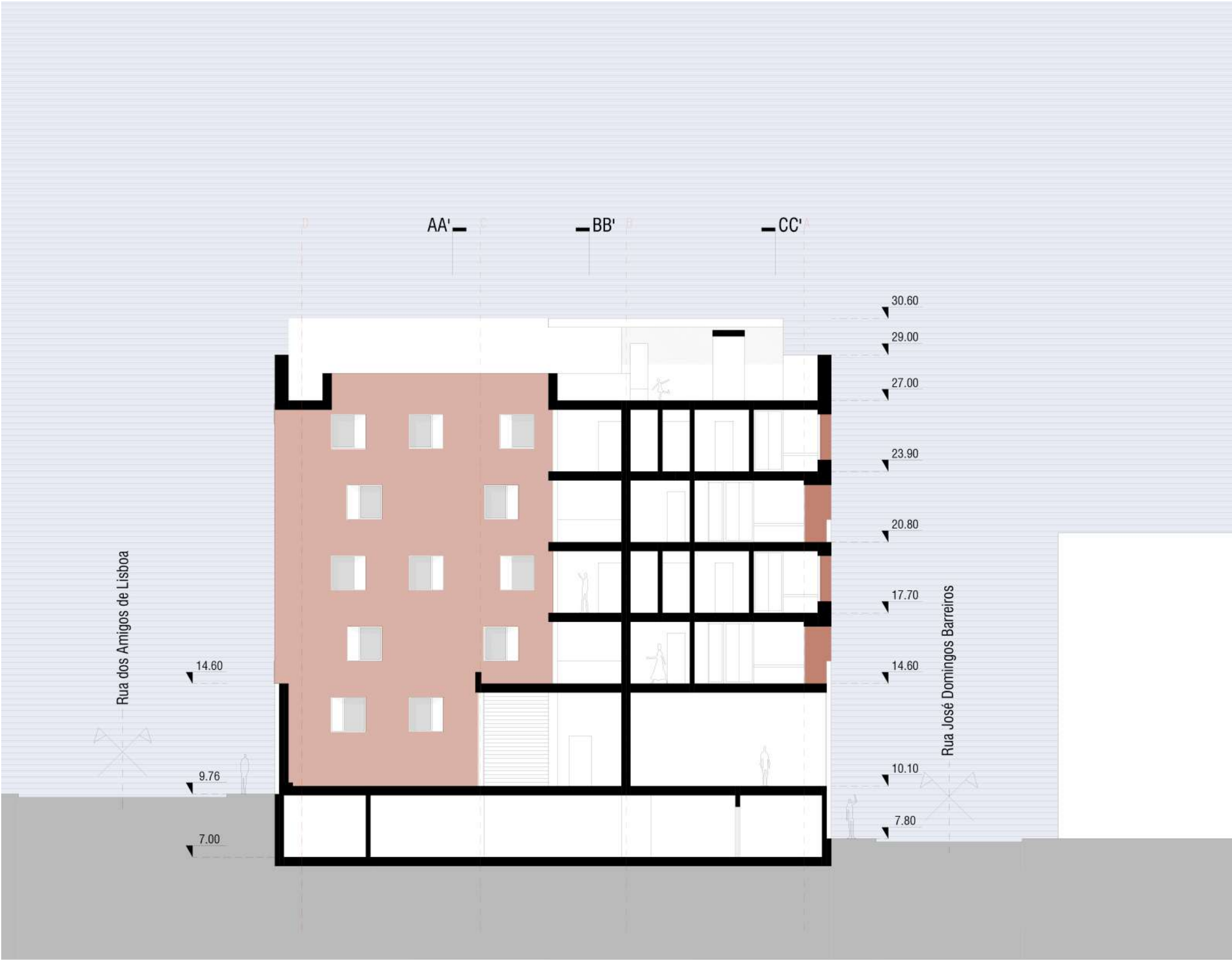
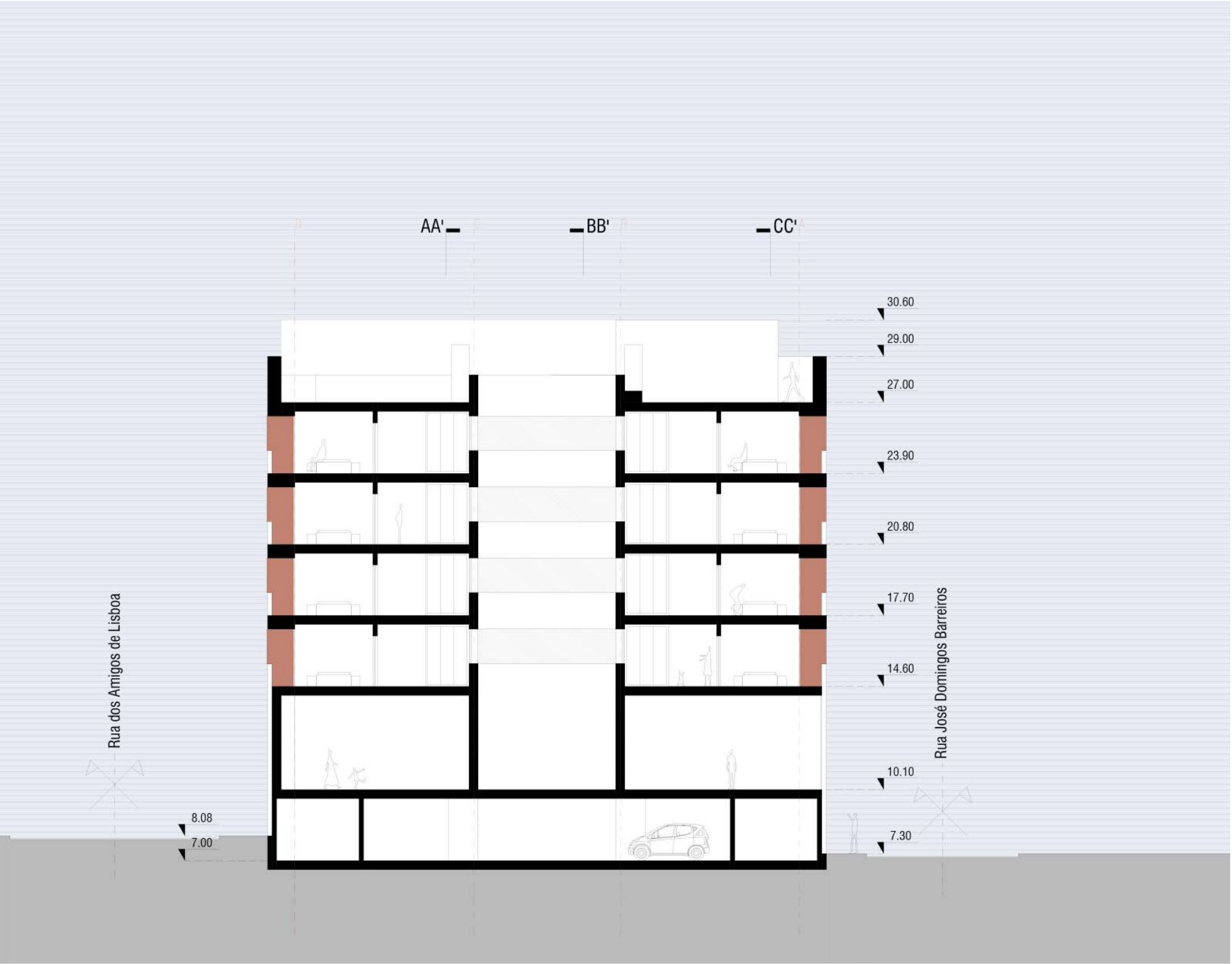
Planta de Implantação 1:1000



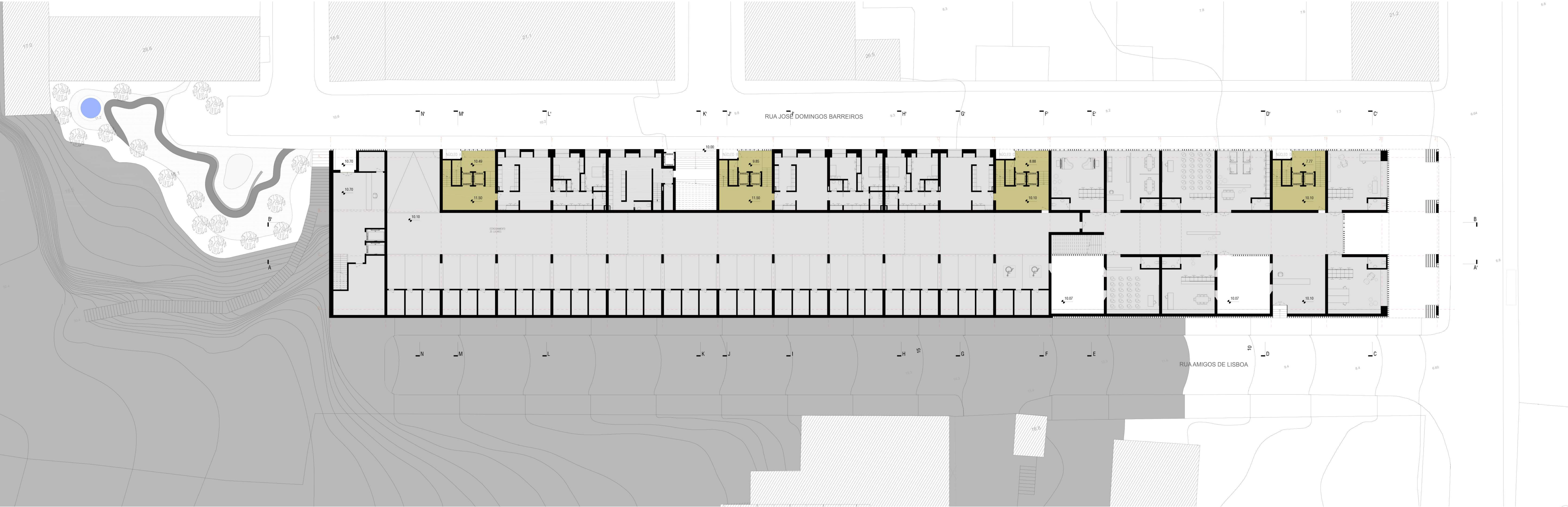
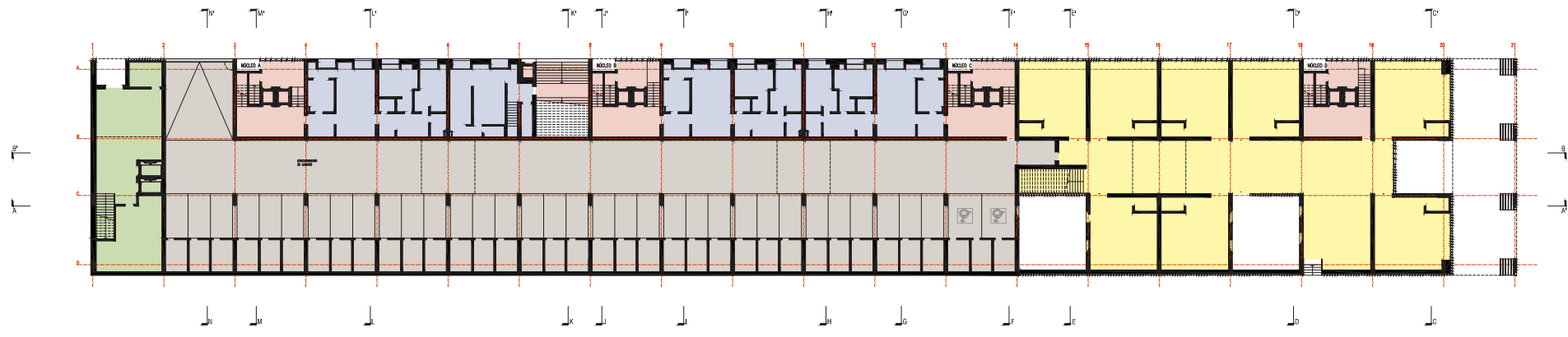
Planta de Cobertura 1:500



Planta Piso -1



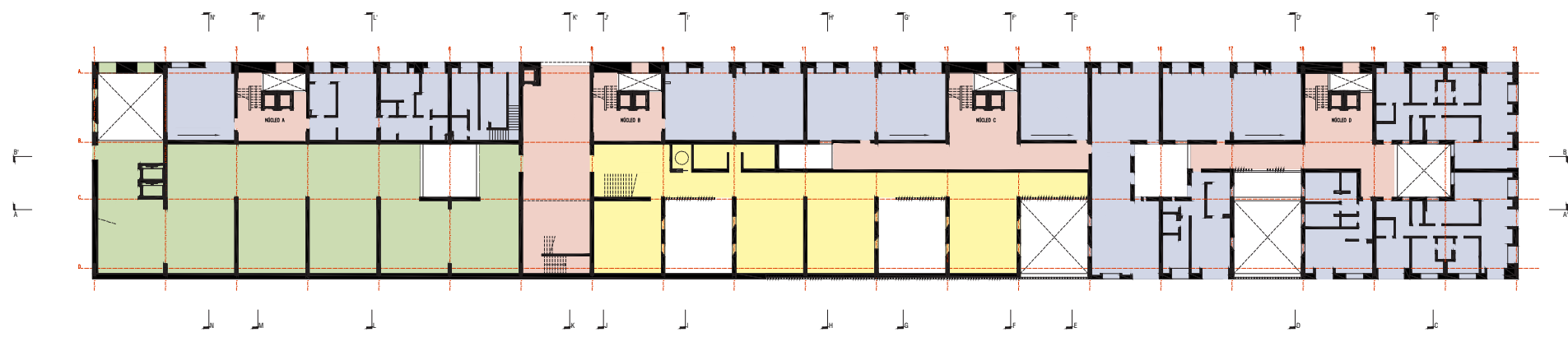
Corte C | Corte D | Corte E | Corte F



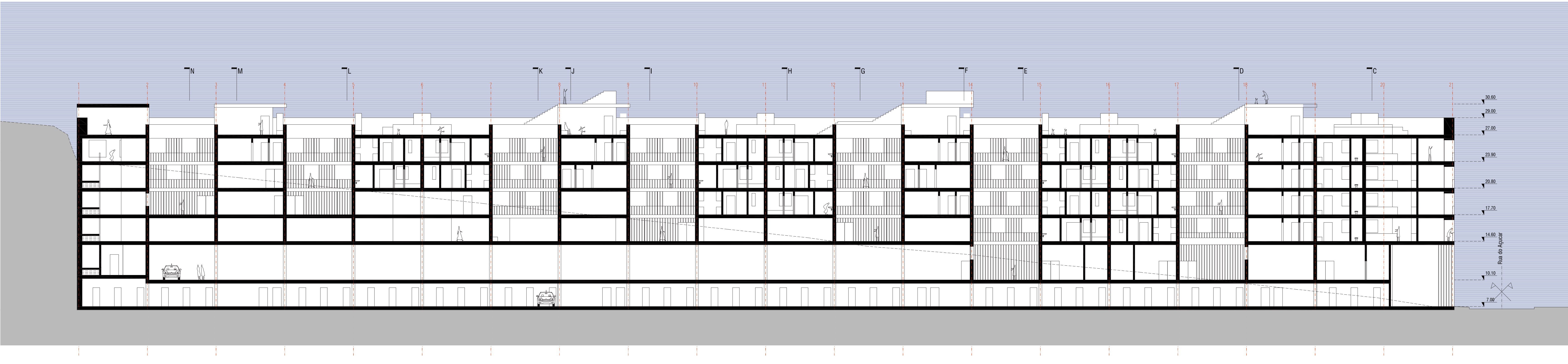
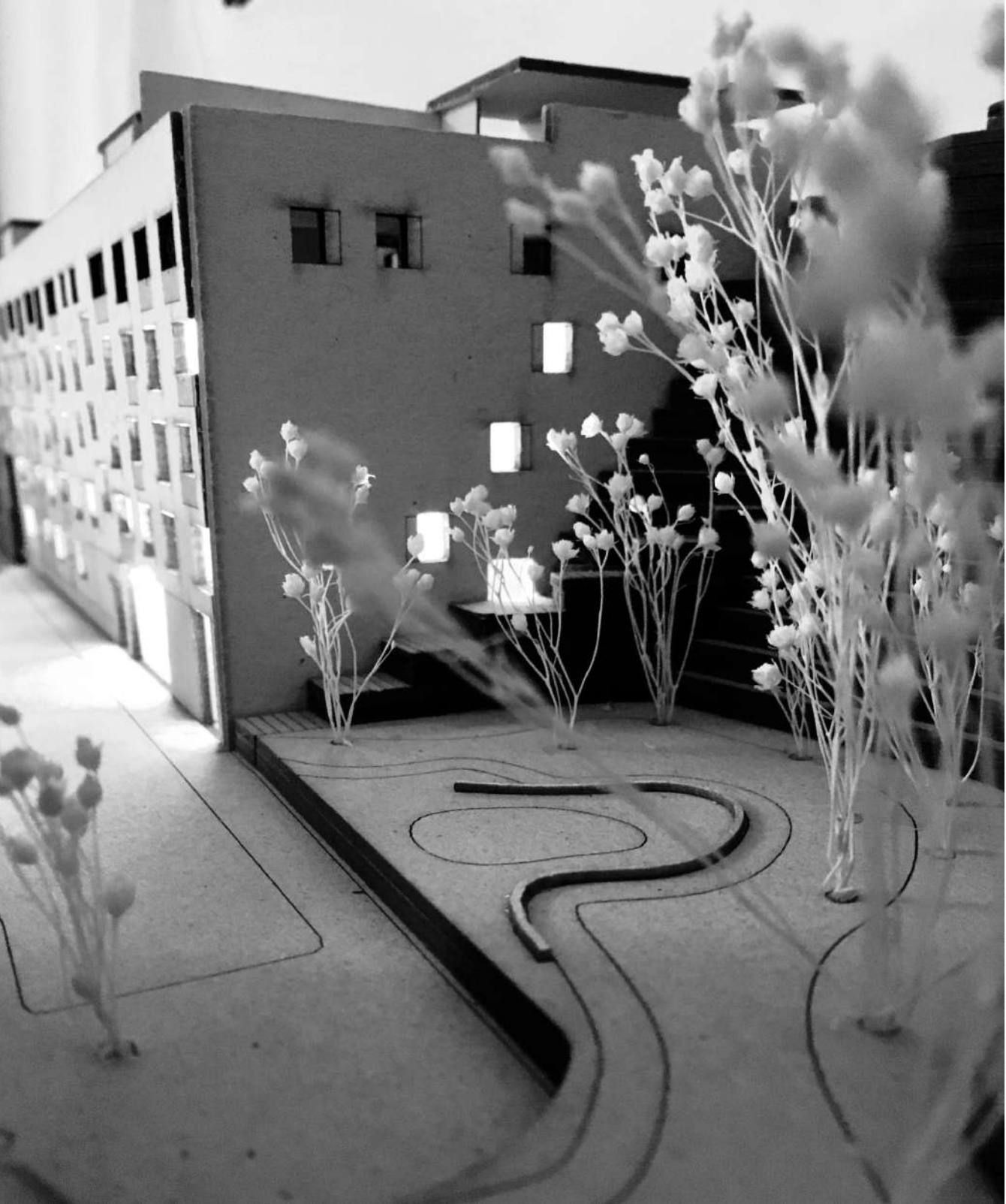
Planta Piso 0



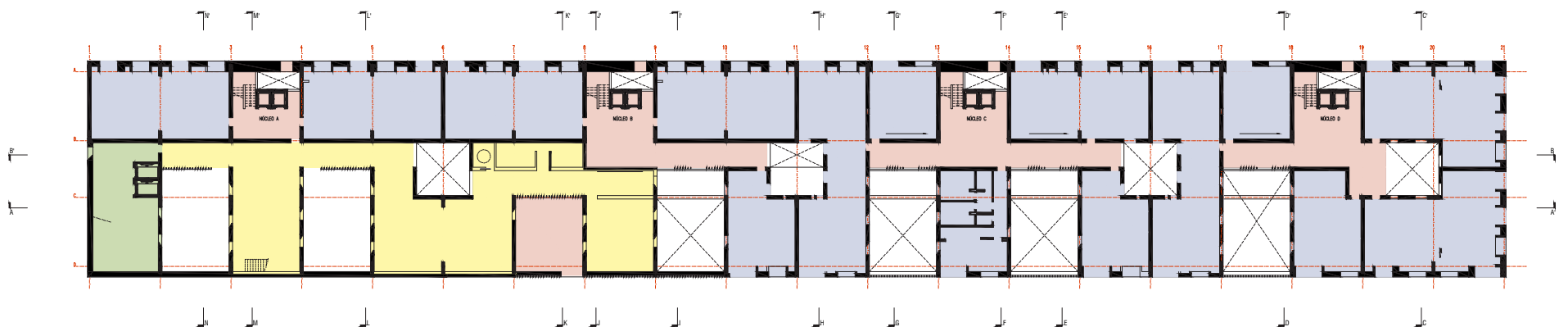
Alçado Rua José Domingos Barreiros



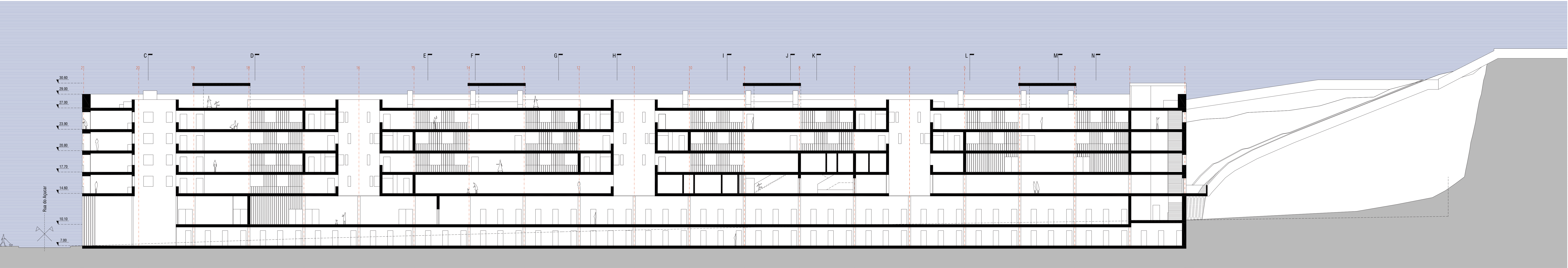
Planta Piso 1



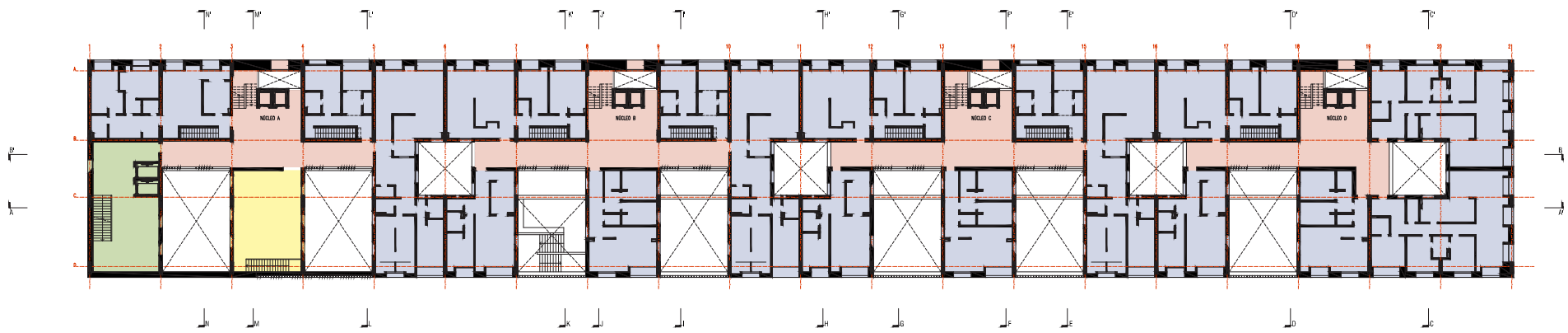
Corte A



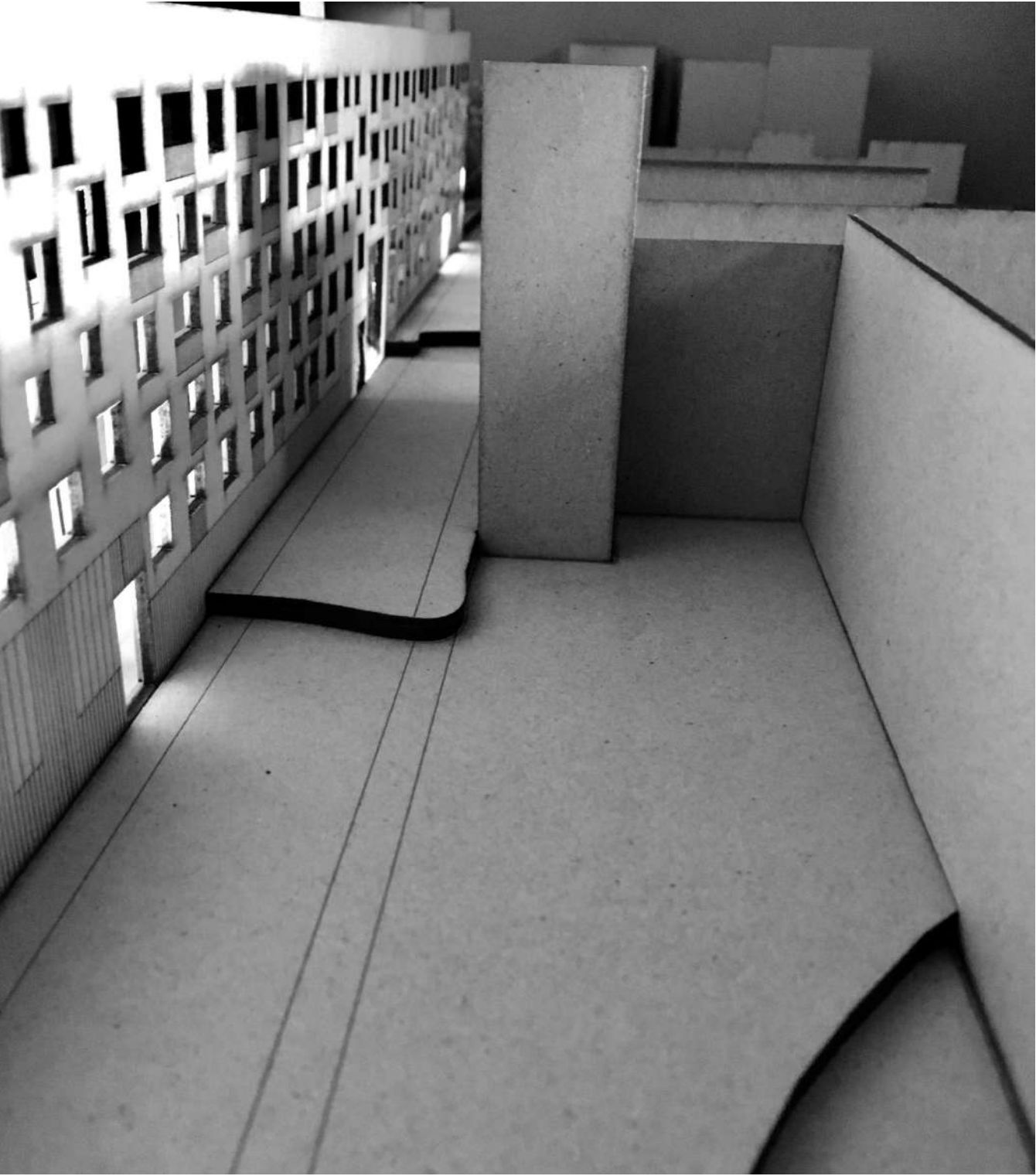
Planta Piso 2



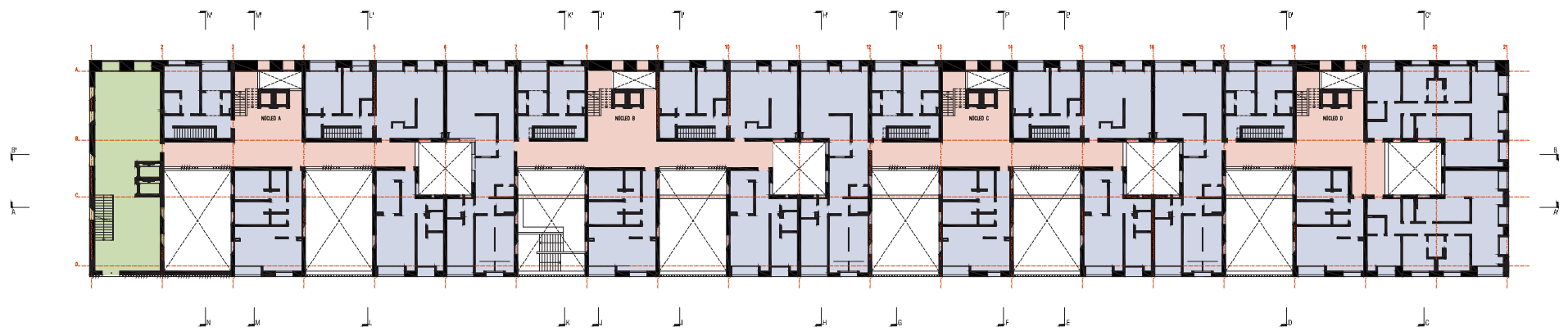
Corte B



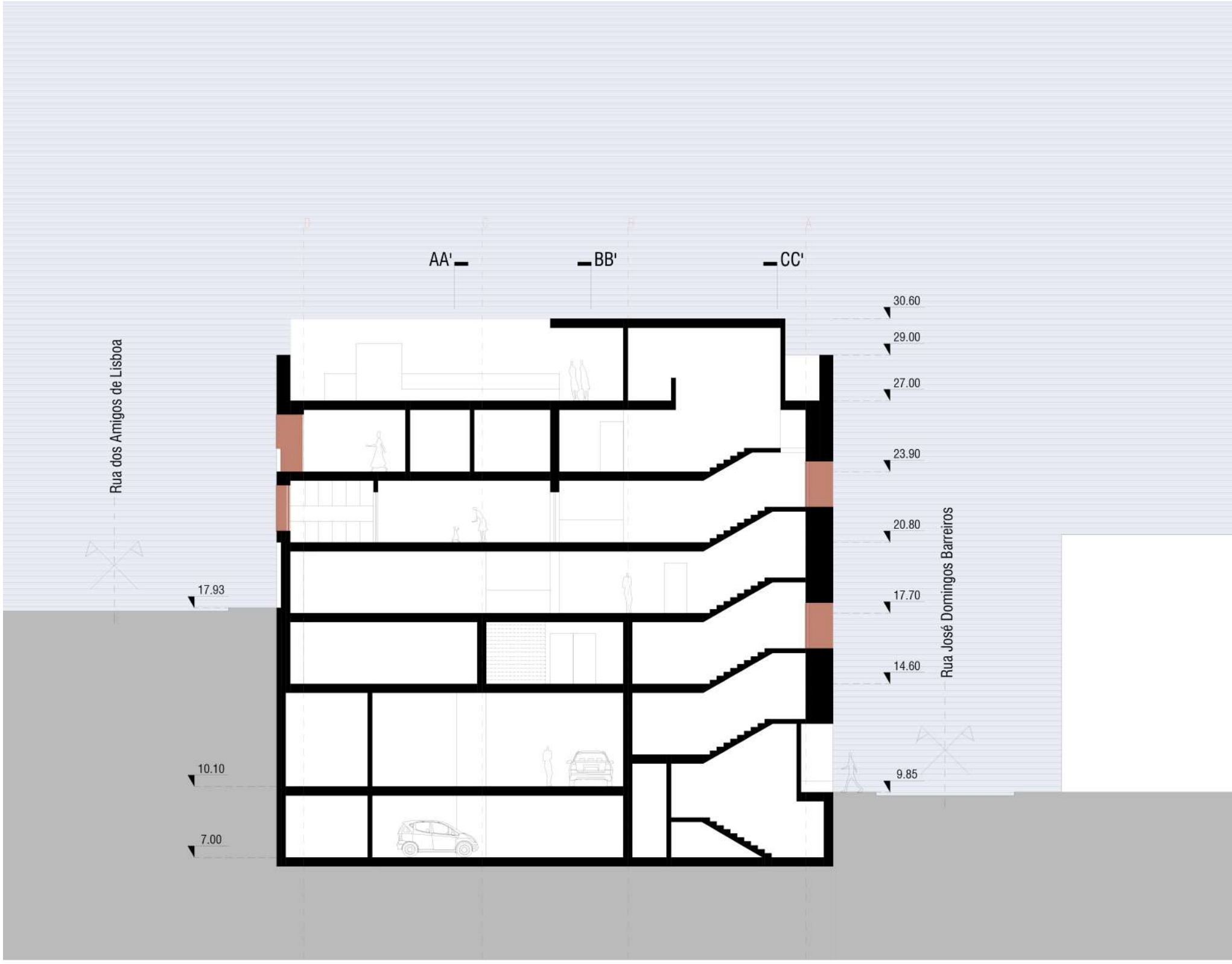
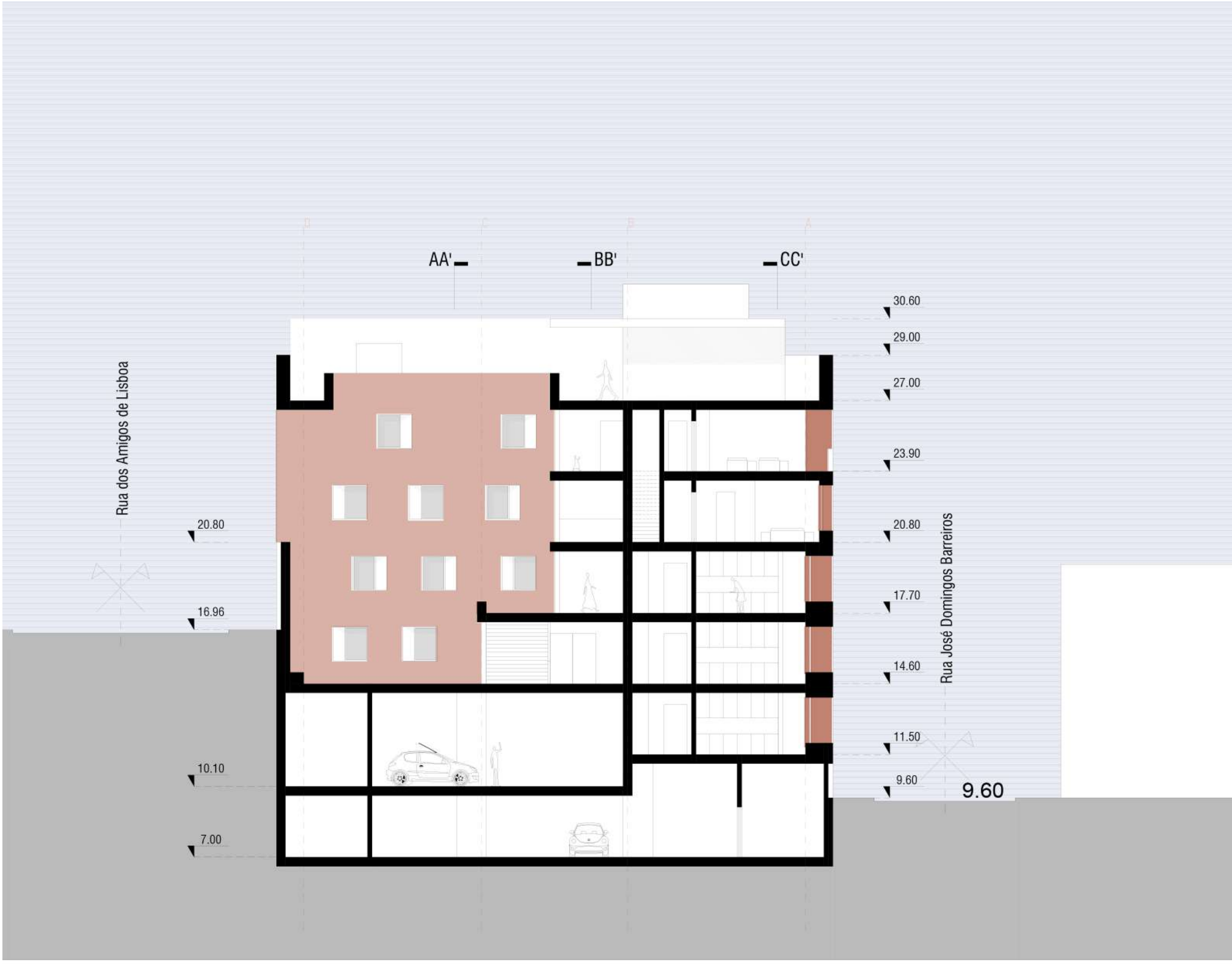
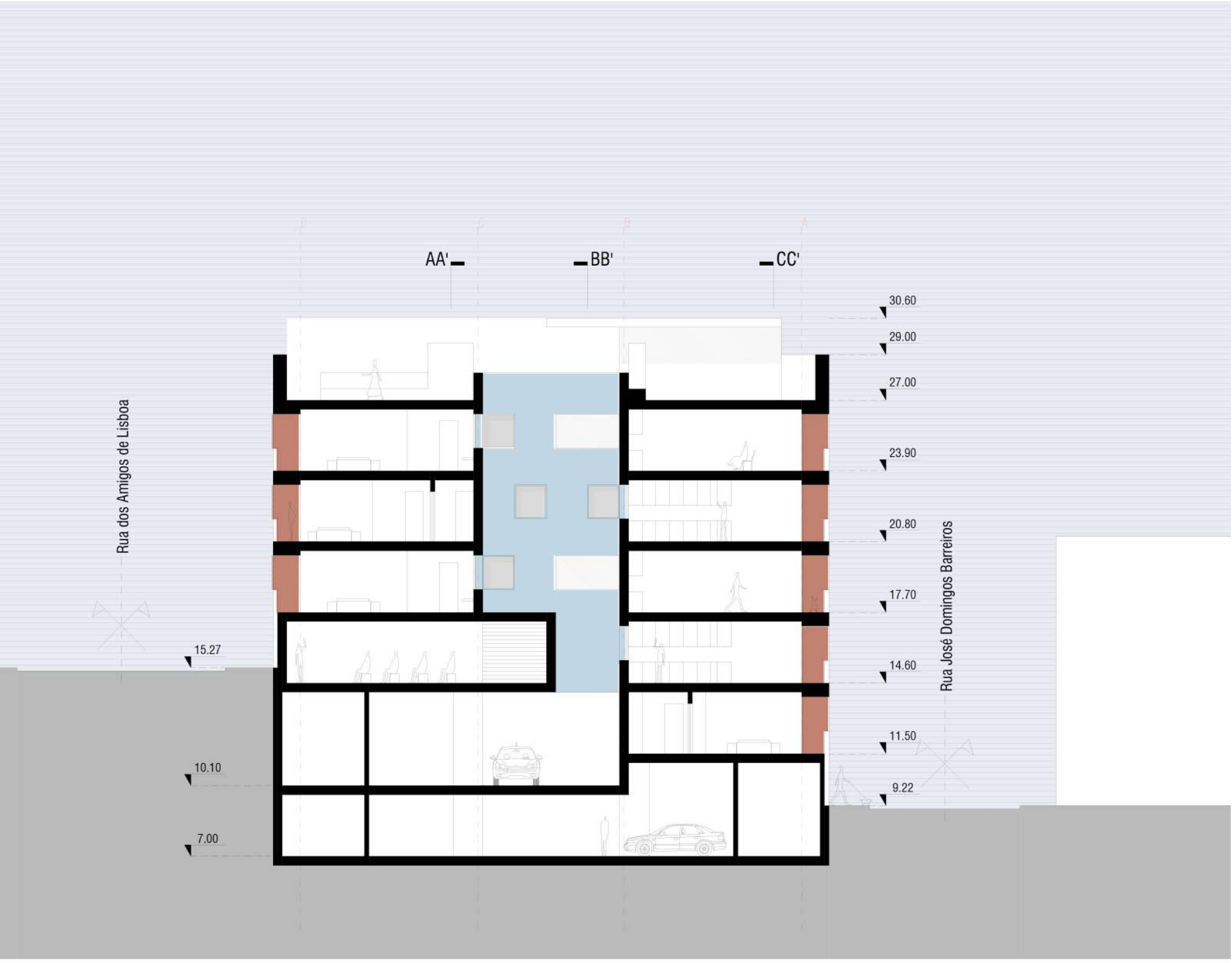
Planta Piso 3

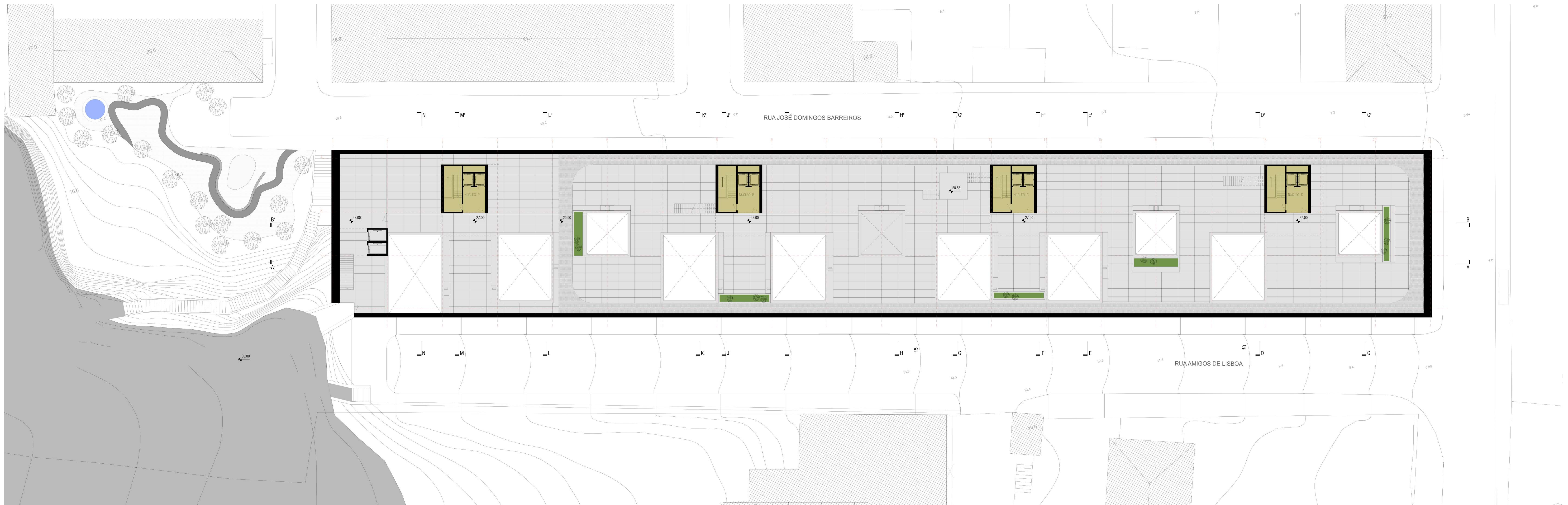


Alçado Rua Amigos de Lisboa

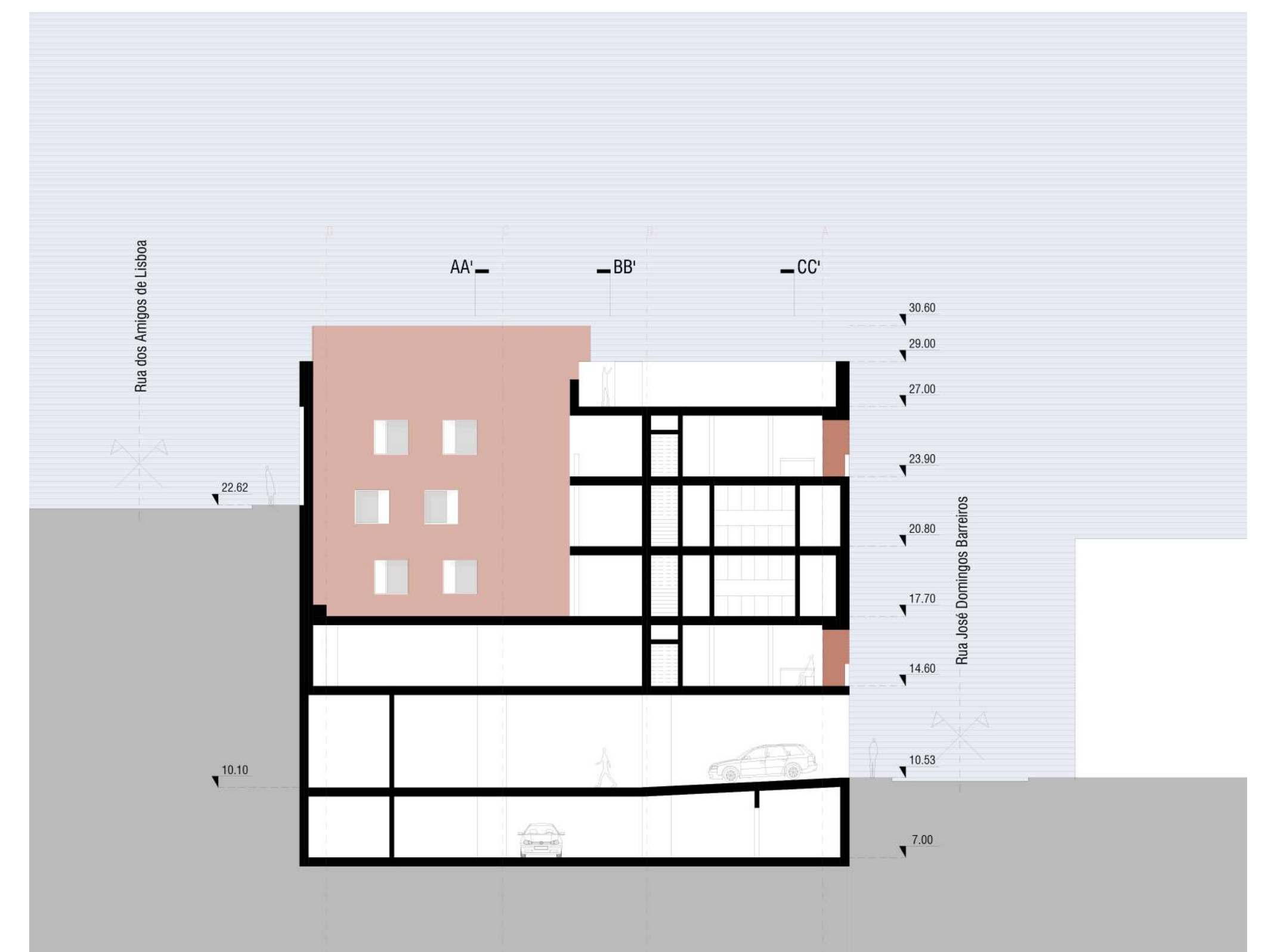
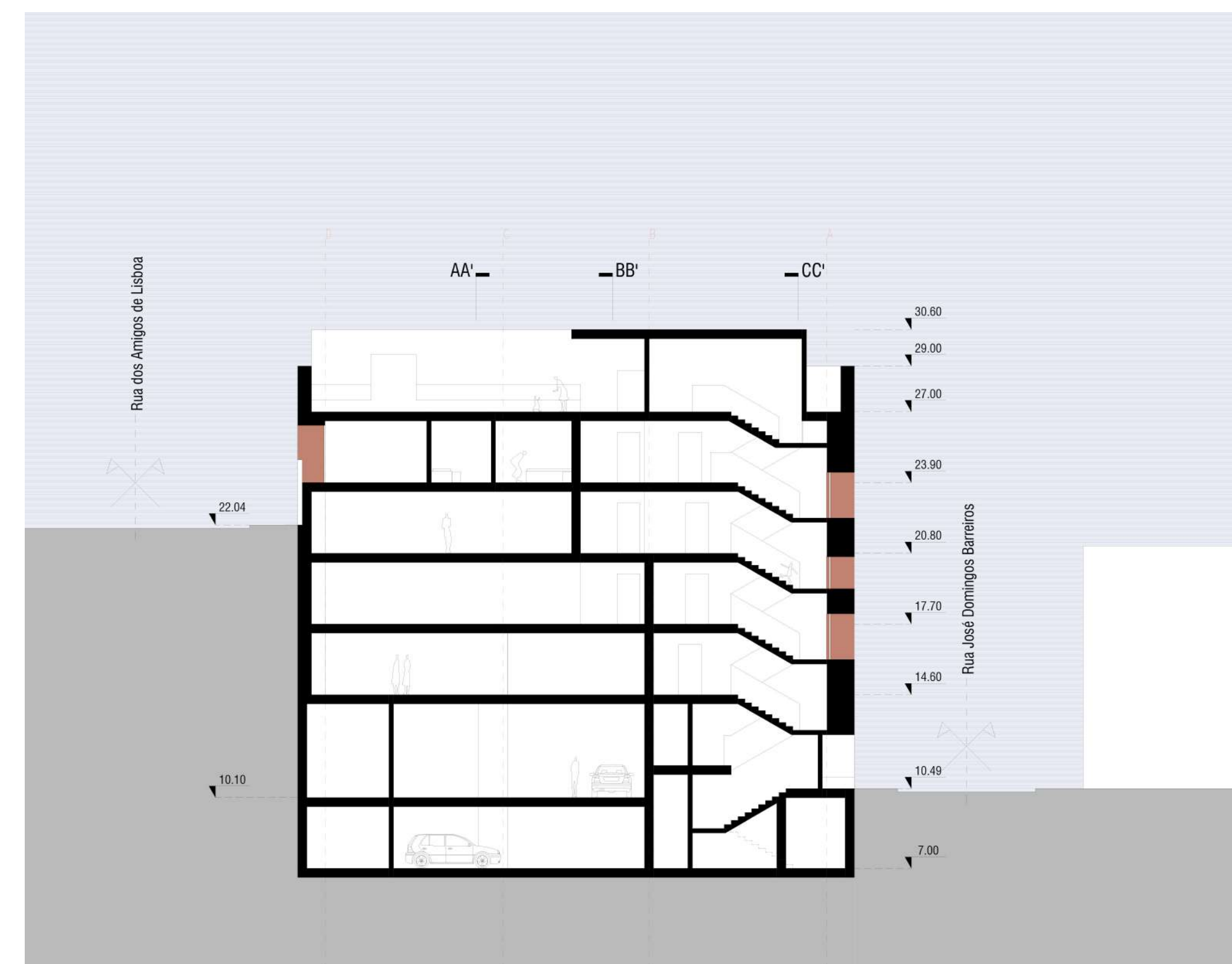
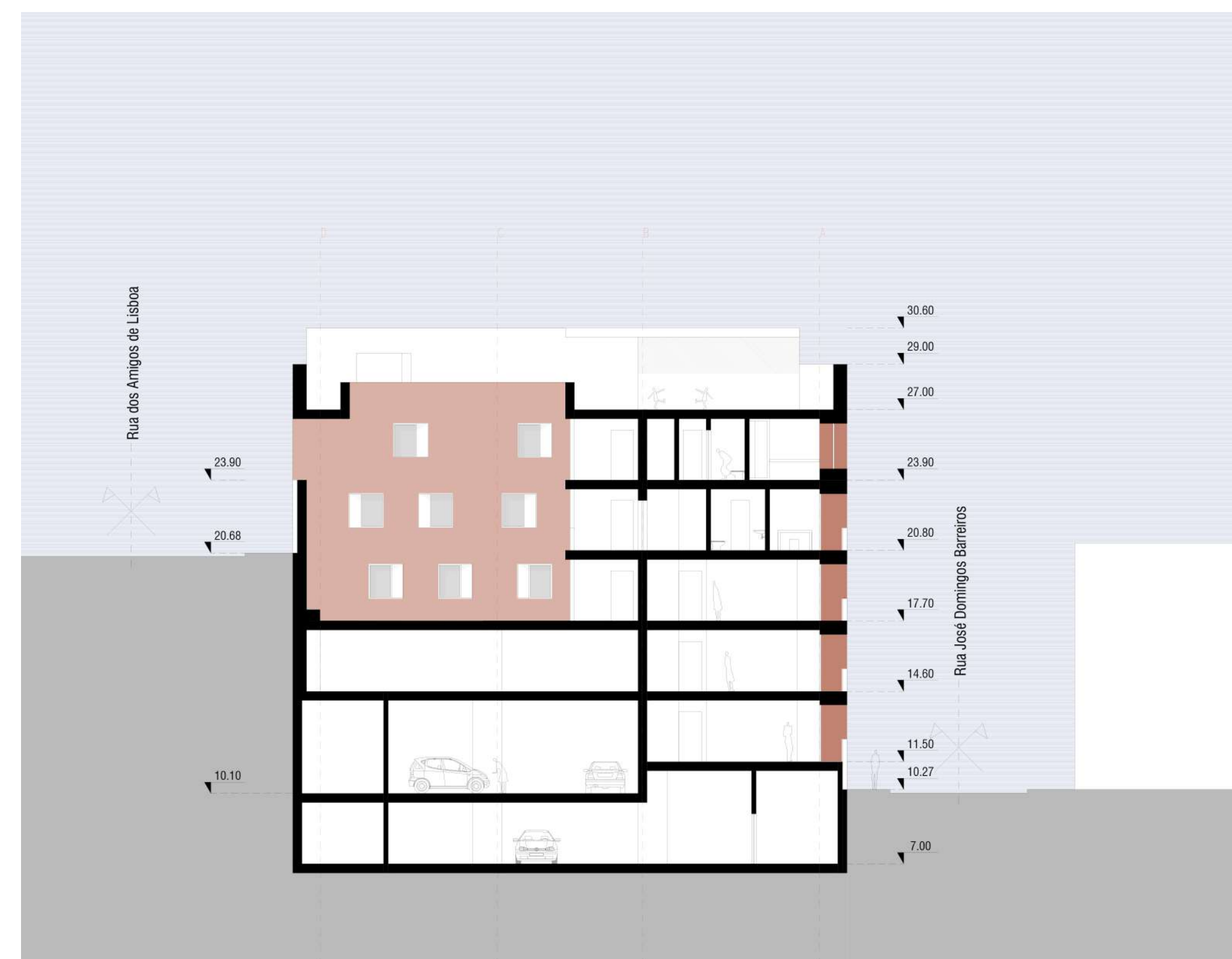
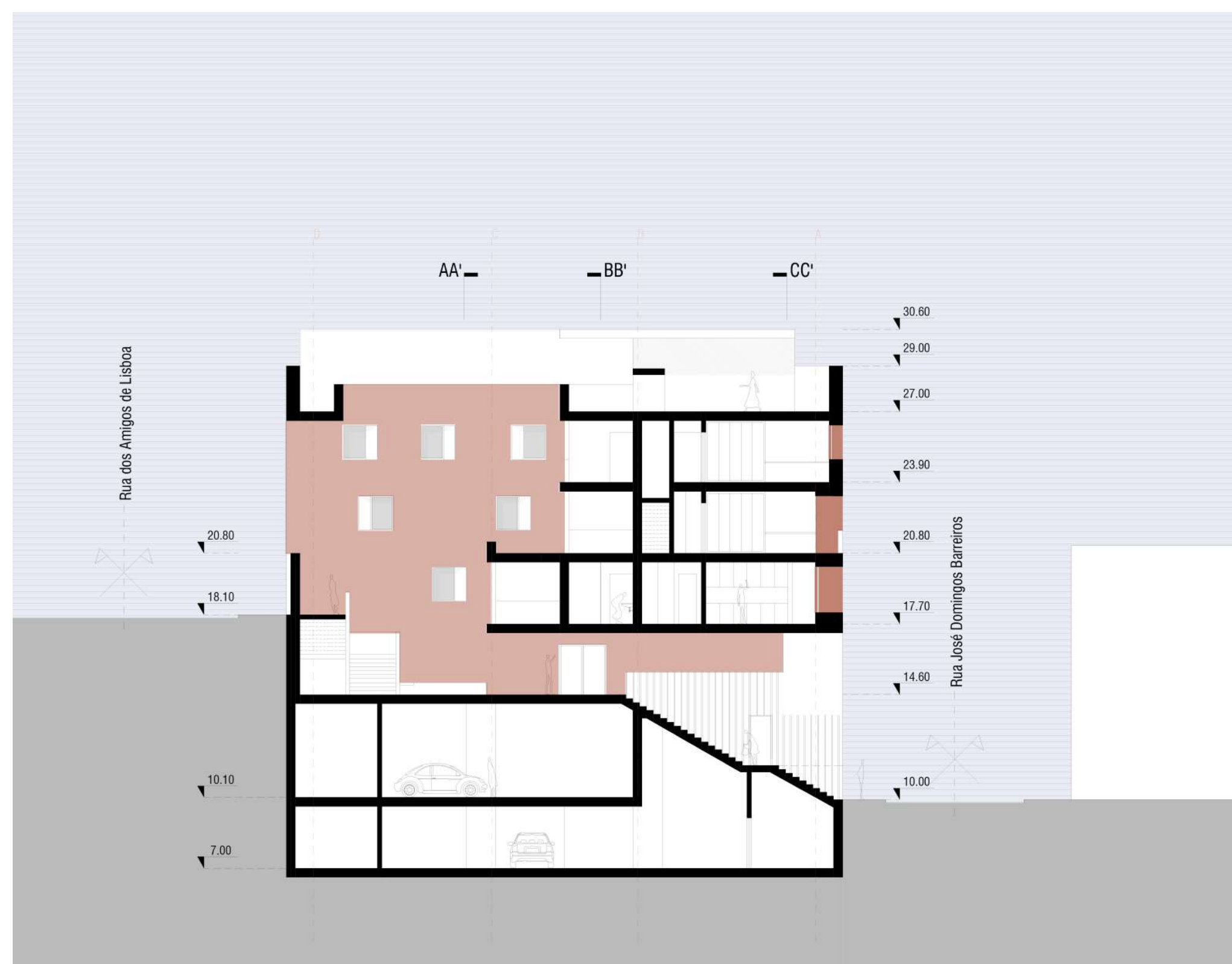


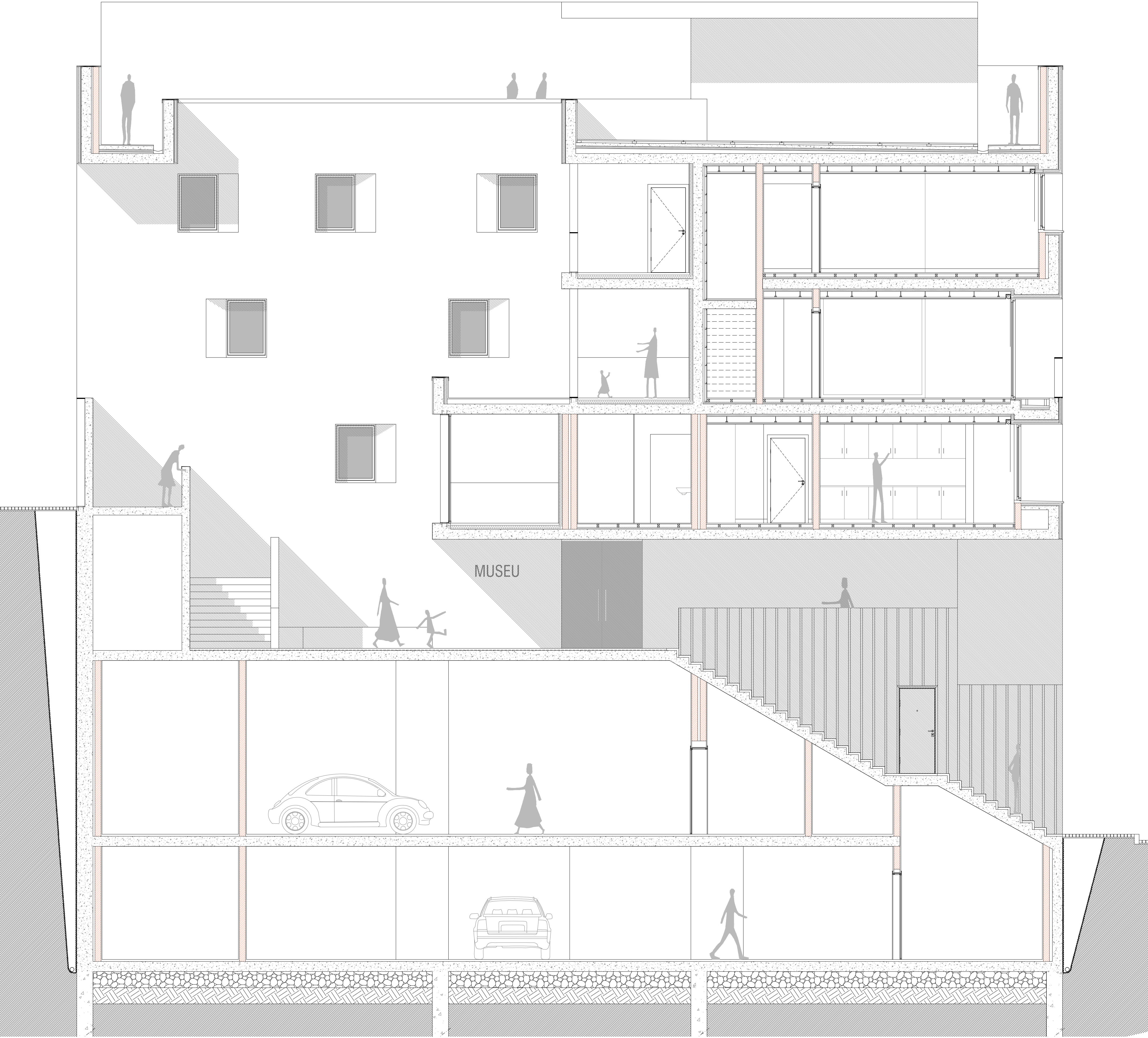
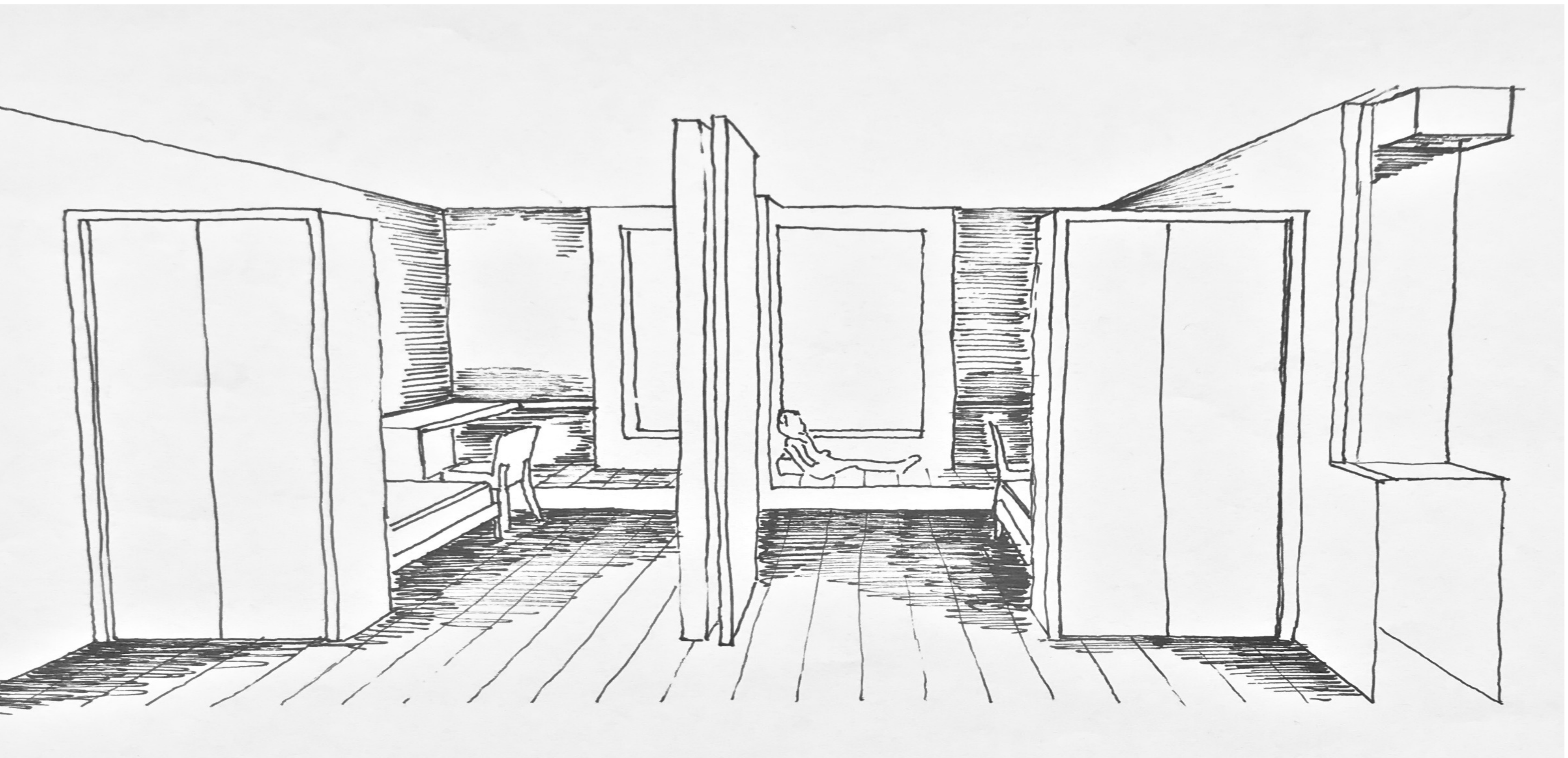
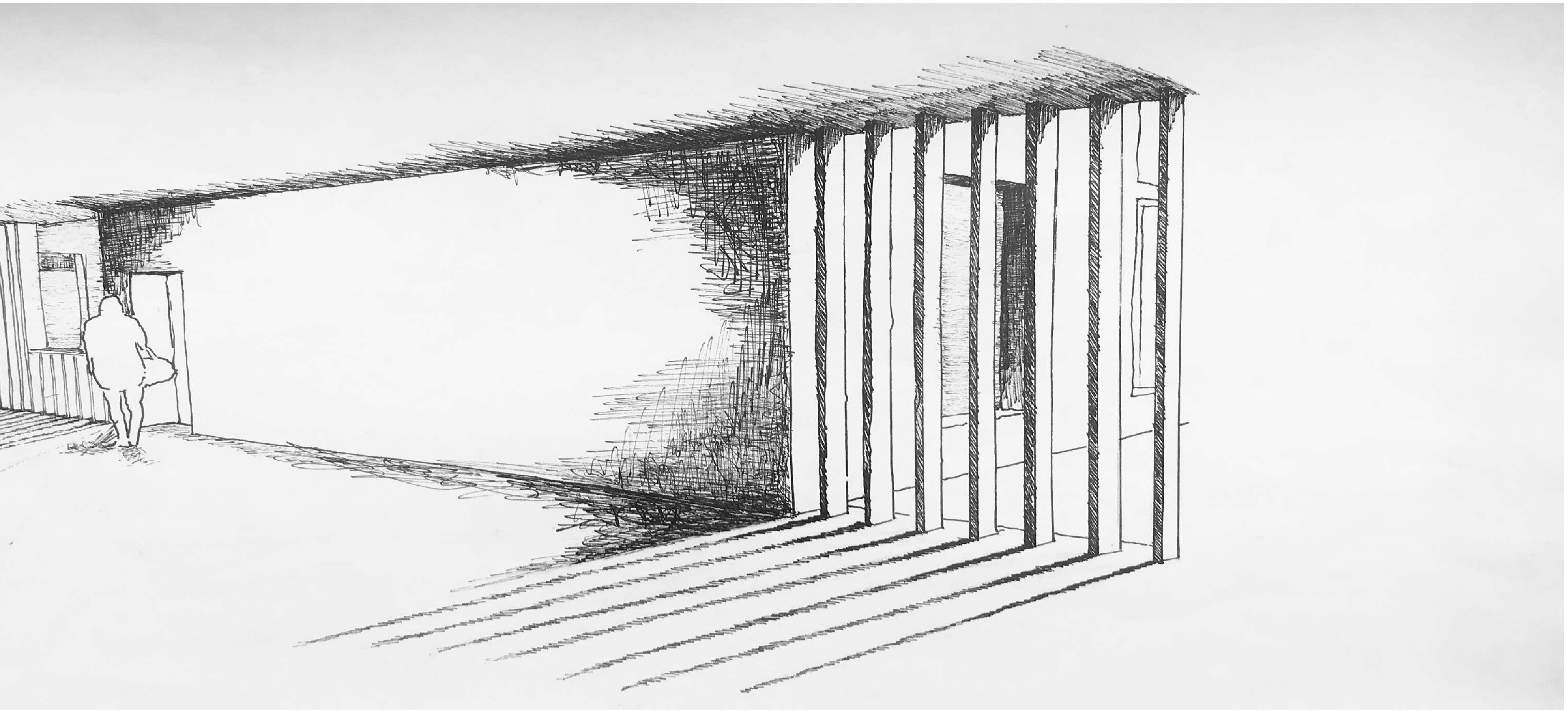
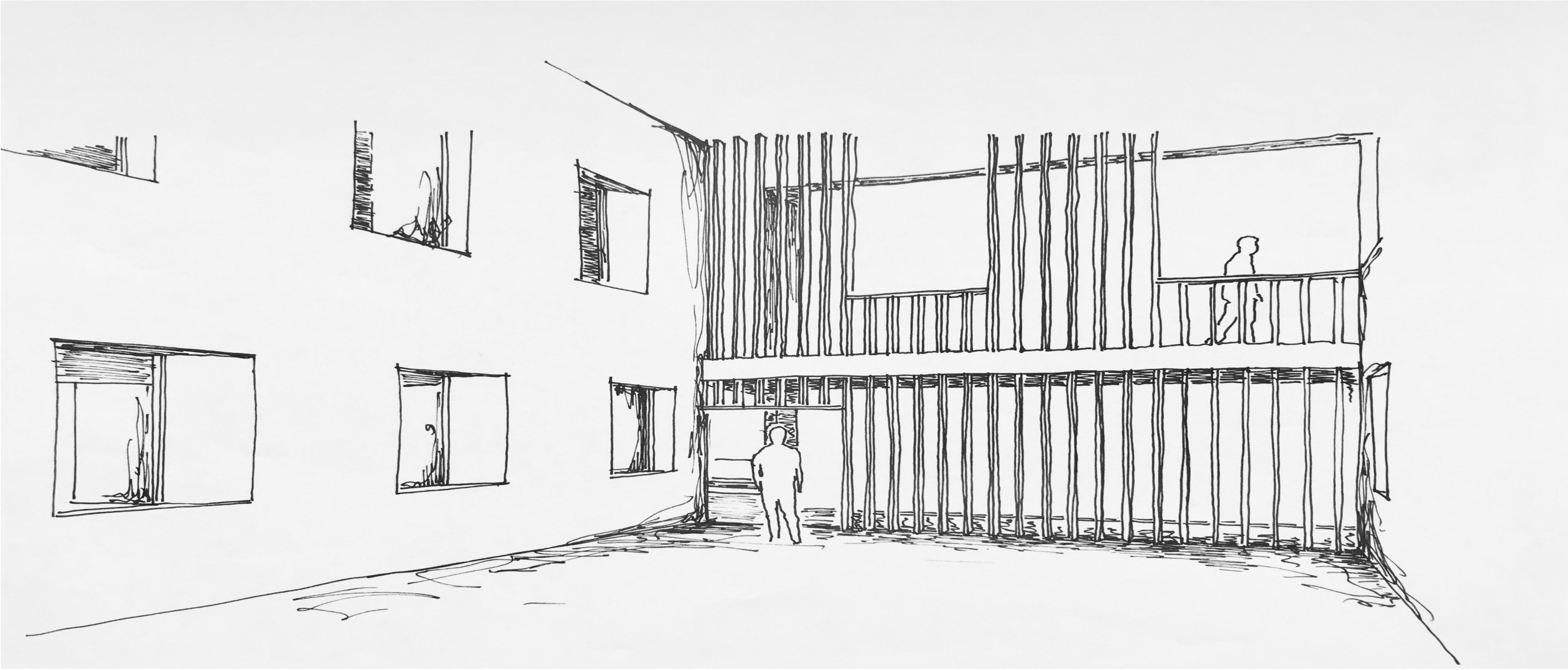
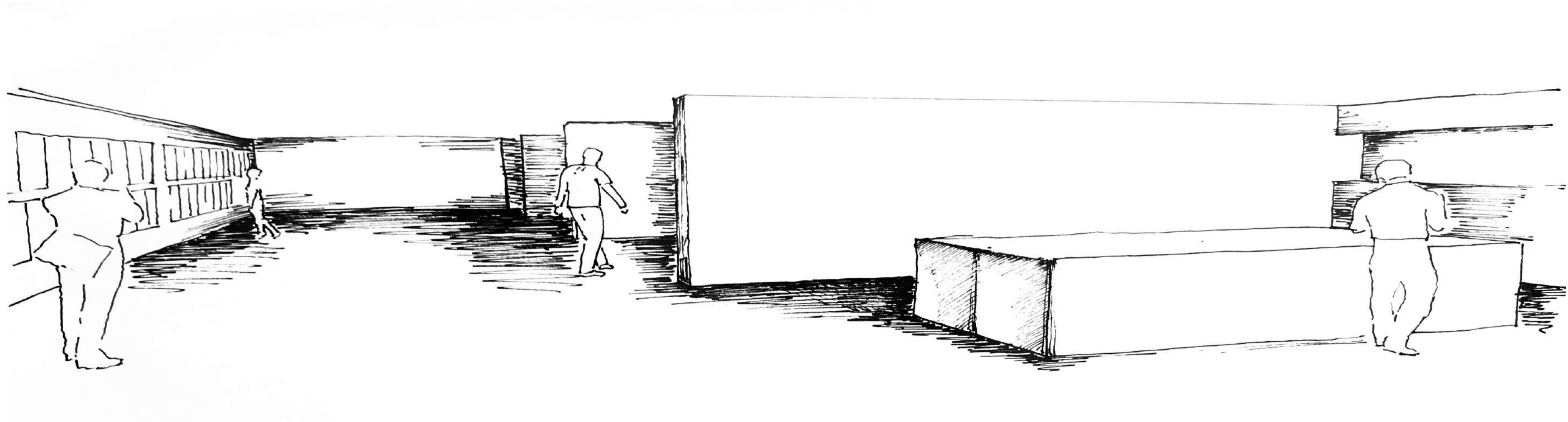
Planta Piso 4





anta Cobertura





Corte constitutivo pelo atravessamento público

Mariana Gomes Marques | Orientação: Professor António Lobato dos Santos

Escala 1:20



Corte construtivo pelo saguão

Corte construtivo pelo saguão